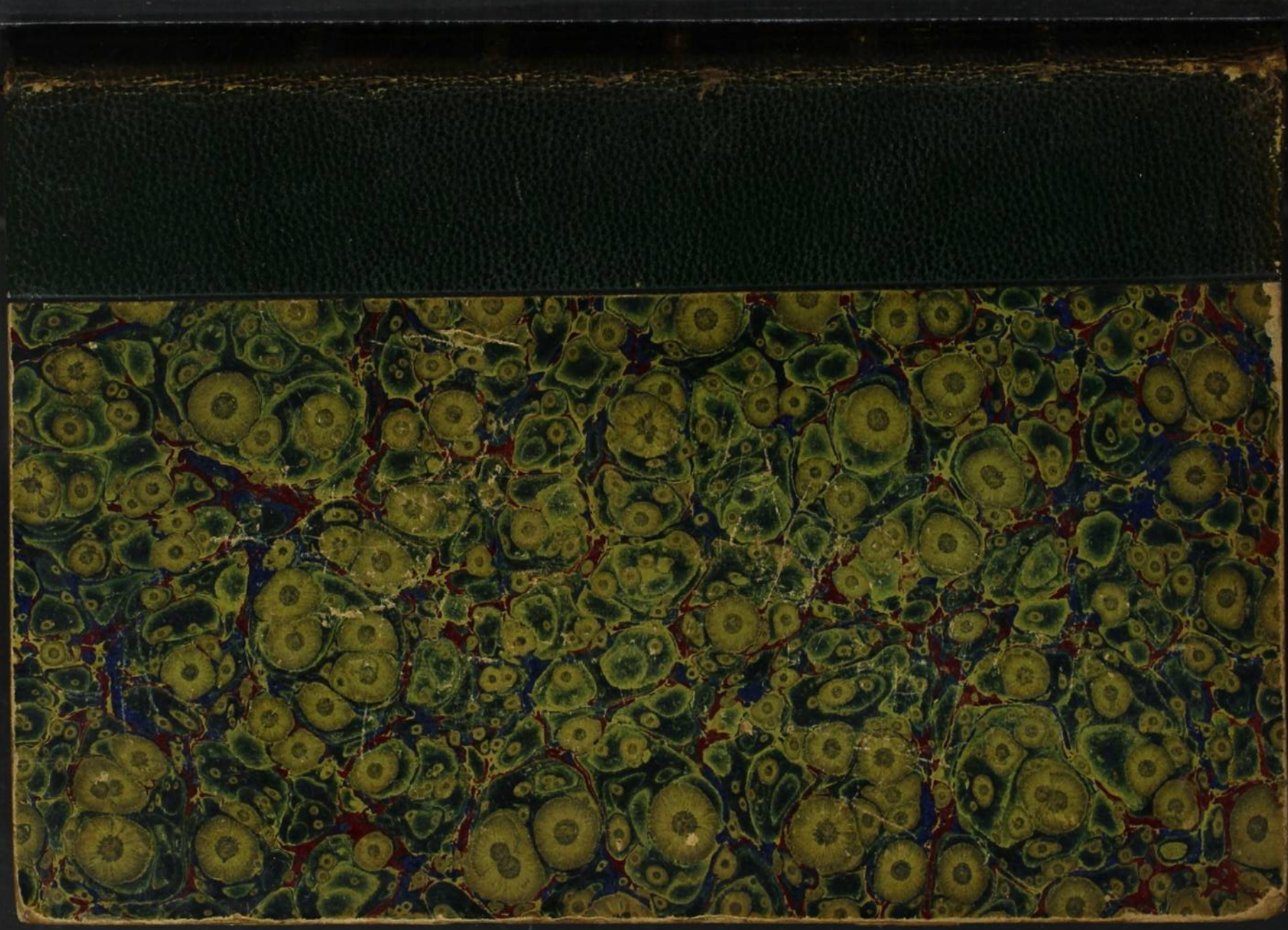
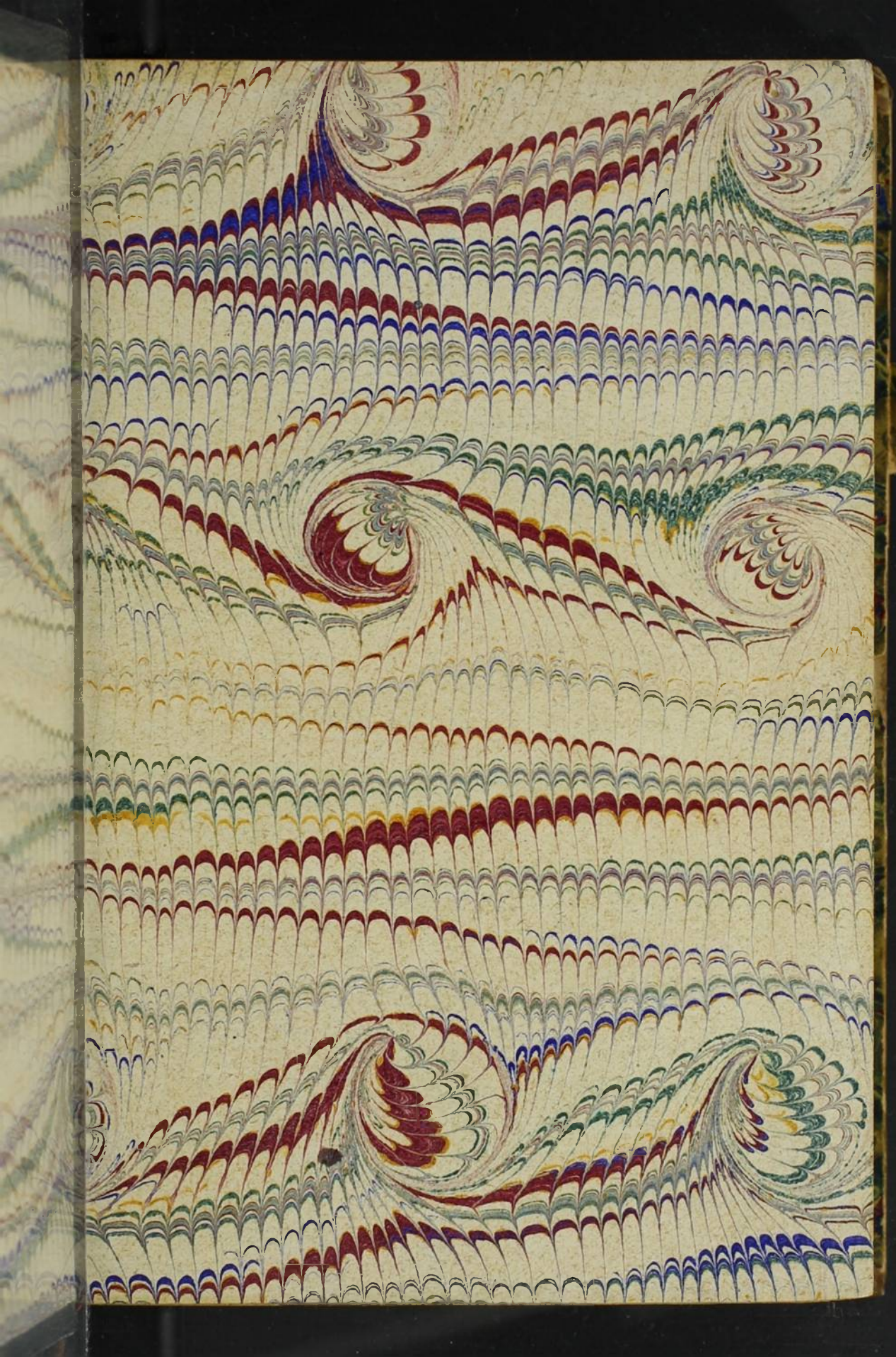




CARTAS

D'HELOISA E ABAILARD.

Paris. — Impresso por BOURGOGNE e MARTINET, rua Jacob, 30.

Abailard e Heloisa

CARTAS
D'HELOISA E ABAILARD

TRADUZIDAS POR

CAETANO LOPES DE MOURA,

Traductor das obras de Walter Scott,

SEGUIDAS DAS

CARTAS AMOROSAS

D'UMA

RELIGIOSA PORTUGUEZA,

RESTITUÏDAS Á LINGUA MATERNA

POR

D. Joze Maria de Souza,

Morgado de Matheus,

AUGMENTADAS COM AS IMITAÇÕES DE DORAT E OUTRAS,

E TRADUZIDAS DO FRANCEZ

POR

FILINTO ELYSIO E CAETANO LOPES DE MOURA.

TOMO PRIMEIRO.

PARIS,

NA LIVRARIA PORTUGUEZA DE J.-P. AILLAUD,

11, QUAI VOLTAIRE.

1838.

CARTA D'ABAILARD

A um Amigo.

AS vezes, tanto para perturbar-nos o espirito, como para serenál-o, tem mais poder em nós

o exemplo, que a palavra. Com este presupposto, depois de vos haver dito quanto me suggerio a imaginação, para suavizar vossas mágoas, determinei de fazer-vos uma pintura fiel de meus infortunios. Ponde-os em balança com os vossos, e vendo de quão pouco momento sejão as provações, por que tendes passado, aprenderêis a supportál-as com paciencia.

Deo-me minha mãi á luz n'uma aldeia da Bretanha ao nascente de Nantes, obra de oito milhas, denominada *Palais*. Coube-me em sorte, ou fosse por influencia do clima, ou por natural compleição, certa leveza d'animo, de mistura com não pequena aptidão para as sciencias. Antes de cingir a espada, havia meu pai tido alguma tintura das lettras, e adiantando em annos veio a conceber por ellas tal paixão, que determinou de mandar dar a seus filhos uma educação solida e in-

structiva; determinação que seguio invariavelmente em quanto foi vivo. Era eu o primogenito, e o desvelo, que poz em me fazer instruir, não ficou devendo nada á ternura com que me amava. Da minha parte tambem quantos mais progressos fazia nos estudos, tanto mais a elles de todo em todo me entregava. Emfim, tal encanto achei n'aquelle genero de vida, que renunciando á pompa, e gloria das armas, e fazendo deixação da paterna herança, e do meu direito de primogenitura a beneficio de meus irmãos, despedi-me da côrte de Marte com a esperança de adiantar-me na de Minerva, e dando a preferencia á dialectica, e seu arsenal d'argumentos sobre todas as demais partes da filosofia, troquei pelas armas da logica as da guerra, e as sanguentas victorias, pela gloria de me assignalar nos academicos combates.

Assim que, resolvi-me a discorrer pelas provincias sustentando theses, e apresentando-me em todas as cidades, onde havia conclusões, com uma emulação verdadeiramente peripatetica.

Cheguei finalmente a Pariz, onde já n'esse tempo florescia a filosofia scolastica, e assisti por algum tempo ás lições de Guilherme Champeaux, que era então tido pelo corifeu d'essa sciencia. Recebeo-me este ao principio com os braços abertos, mas logo depois converteo o agrado em displicencia, e tomou-me odio por ter eu porfiado em refutar algumas das suas opiniões, argumentando com elle a pé quedo, e á carga cerrada, e tendo por vezes, não sei se diga a ventura, se a desventura de ficar por mim o campo. D'esta ousadia da minha parte concebêrão grande indignação meus condiscipulos, com espe-

cialidade os que erão tidos em maior conta; por isso que vião que tão superior lhes era no saber, quão inferior na idade e tempo, que ao estudo déra.

D'esta inveja nascêrão todas as perseguições, que soffri, e soffro; as quaes forão avultando á proporção, que foi crescendo a fama de meu nome. Emfim presuppondo que meu espirito tinha mais forças, e capacidade do que as que se compadecião com minha idade, sendo ainda mui novo concebi o atrevido projecto de abrir aula, e d'antemão demarcava com a vista o lugar onde pretendia assentar a cadeira rival. Era este Melun, cidade então consideravel, e onde a côrte por vezes residia. Aventou Guilherme Champeaux minha tenção, e temendo professasse eu em sua vizinhança, trabalhou surdamente para que lhe dessem o lugar, de que eu tinha feito eleição;

porèm como tivesse entre os grandes alguns inimigos, com o auxilio d'estes vim a conseguir o meu intento, grangeando-me o ciume de meu rival o assentimento de todos. Apenas dei as primeiras lições publicas, subio de ponto minha reputação como dialectico por tal maneira, que escureceo a fama de meus antigos condiscipulos, e mesmo a de meu mestre Champeaux. Animado com este successo, dei-me pressa em me avizinhar de Pariz, e fui estabelecer-me em Corbeil, a fim de ter mais á mão o inimigo, para poder arcar com elle, e aterrál-o. Porèm com o excesso do estudo vim a enfermar no cabo de pouco tempo, e foi-me mister ir tomar ares patrios. Sepultado n'um lugarejo da Bretanha, onde vivi alguns annos, consolava-me o saber que suspiravão por mim quantos amavão a dialectica.

Havia já algum tempo que me achava restabelecido, quando meu mestre Guilherme de Champeaux, arcediago de Pariz, se determinou a entrar em religião, como com effeito entrou, professando na ordem dos Conegos regrantes na esperança, segundo era voz, de subir ás maiores dignidades da Igreja por meio d'aquella mostra enganadora de piedade, e devoção: o que não tardou mûito se não verificasse, sendo eleito bispo de Châlons.

O que não obstante continuou a residir em Pariz, e a dar-se, como d'antes, ao estudo da filosofia; tanto assim que passado algum tempo, abrio um curso publico d'esta sciencia n'uma das salas do mosteiro, a que se tinha recolhido, na apparencia para dar um christão intervalo entre as occupações d'este mundo, e os cuidados do outro.

De volta a Pariz aprendi com elle a rhetorica, e tive varias controversias, nas quaes refutei victoriosamente sua opinião ácerca dos Universaes, e obriguei-o a modificál-as, e porfim a abandonál-as.

Era sua opinião sobre este ponto a seguinte:

« Toda a substancia se acha essencial-» mente contida em cada corpo: a es-» sencia é sempre a mesma, os attribu-» tos são differentes. »

Mudou depois de formula, e sustentou que toda a substancia era identica quanto aos attributos, porèm não assim quanto á essencia.

Como esta materia seja uma das mais relevantes da dialectica, pois que o mesmo Porphyro em seus Isagoges sobre os Universaes não ousou dar-lhe talho, contentando-se com dizer que aquelle

ponto era summamente difficil, teve Champeaux o desgosto, por se ter retractado, de ver-se quasi sem ouvintes, e apenas lhe permittião de professar, como se toda a sciencia da dialectica versasse unicamente sobre os Universaes.

Com esta victoria tanta celebridade adquirio minha escola, que os mais zelosos discipulos de meu rival, e os que por serem nimiamente afferrados á sua doutrina fazião escarneo da minha, o desamparárão para vir-me ouvir. O mesmo professor, que lhe havia succedido na cadeira de Pariz, veio offerecer-me o seu lugar, e matricular-se em minha aula na mesma sala, onde ambos tinhamos sido testemunhas da gloria de Champeaux.

Empunhava eu emfim o sceptro da dialectica. Dizer-vos a que ponto a in-

veja e o ciúme retalhavão o coração de Champeaux, as lavaredas de indignação, que se alevantavão em sua alma, a raiva que lhe roïa as entranhas, cousa e que sobrepuja a minha capacidade. Como não podesse resistir ás sofreadas da colera e do despeito, valeo-se, segunda vez, d'astucia para se descartar da minha presença; e não tendo nenhum pretexto plausivel para romper abertamente commigo, tratou de fazer com que depozessem do lugar aquelle que me havia cedido a cadeira, assacando-lhe não sei que aleives, e poz em seu lugar outro, para que me servisse de padrasto. Voltei pois para Melun, e tornei ali a abrir aula; entretanto, á medida que a inveja me tomava por alvo de seus tiros, engrossava cada vez mais a fama a voz, para levar ás estrellas o meu nome, segundo o dito do poéta:

« A grandeza desperta contra si a in-
» veja: os lugares altos são mais occa-
» sionados a serem batidos dos ventos,
» que os baixos. »

Passados tempos, como Champeaux se advertisse que seus discipulos começavão a pôr em questão a sinceridade de seu zelo religioso, e murmuravão de sua conversão, por isso que continuava a residir na côrte, foi assentar morada n'uma casa de campo ás abas da capital, elle, sua communidade, e discipulos.

Logo que tive noticia de sua partida, passei a Pariz na esperança de que por fim deixaria de perseguir-me. Porèm como elle fizesse supprir minha cadeira por um dos que me erão desaffectos, determinei de assentar meu campo no alto de Santa Genoveva, para d'ali pôr em assedio o usurpador de meus direitos.

Informado d'este meu designio não pôde Champeaux refrear a sua indignação, e deo-se pressa em regressar com todos os seus para a capital, como para obrigar-me a levantar o sitio, que havia posto a seu lugartenente. Aconteceo porèm que, em vez de o auxiliar, não fez mais que anticipar-lhe a ruïna: porque se até ali o substituto tinha alguns discipulos, com a chegada do proprietario da cadeira ficou sem nenhum, e vio-se obrigado a cessar de dar lições. Passados alguns mezes, desenganado talvez de poder brilhar no seculo, abraçou tambem a vida monastica. Depois da chegada de Champeaux, as diversas controversias, que meus discipulos tivérão com os seus, os successos que alcançárão, e a parte que d'elles me tocou, tudo isto sabeis vós tão bem, como eu; portanto escuso referil-o. Todavia direi como

Ajax, se bem que com mais modestia:

« Quereis saber qual foi do combate o exito, nao fui vencido;
« E quando o nao dissera dil-o-hia o mesmo acontecimento..»

N'esse interim escreveo-me Lucia, minha mãi, que a fosse ver: Beranger meu pai acabava de metter-se n'um convento, e sua esposa se dispunha a seguir seu exemplo. Depois de assistir á ceremonia da profissão, voltei para Pariz determinado a entregar-me ao estudo da theologia, que o sobredito Guilherme de Champeaux lia com bastante applauso em seu bispado de Châlons, como quem tinha aprendido com Anselmo de Laon, tido, n'esse tempo, pelo maior theologo da Igreja.

Fui-me pois pòr debaixo da disciplina d'este velho e decantado professor, o qual devia a sua celebridade mais ao habito que tinha de professar aquella sciencia, que a um talento solido. Se alguem lhe ia bater á porta e consul-

tál-o em alguma duvida, voltava mais embaraçado e indeciso que d'antes. Causava admiração ouvil-o discorrer em publico, e pena o vêl-o em presença d'um adversario. Tinha uma verbosidade verdadeiramente rara, mas pouca, ou nenhuma solidez. Seus discursos erão brilhantes, mas vasios de sentido. A chamma que d'elles vinha, em vez de alumiar, escurecia, e nublava o entendimento. Era uma arvore frondosa, que de longe cativava a attenção, e que vista de perto desmerecia mûito por ser esteril. Approximei-me d'ella com tenção de deparar com algum fructo, que me alimentasse, e vim a conhecer que era a figueira amaldiçoada pelo filho de Deus, ou esse carvalho comparado com Pompeo por Lucano.

« Era a sombra do heroe, que subsis-
» tia ainda em pé como um carvalho

» annoso no meio d'uma fertil campina. »

Logo que me desenganei, assentei era inutil deixar-me ali estar com as mãos enfronhadas, e sentado á sua sombra. De maravilha assistia ás suas lições; e esta falta de exactidão ferio o amor proprio dos principaes de seus discipulos, que, tendo-o por um oraculo, levárão a mal que não tivesse eu toda contemplação por um tão grande doutor. Irritárão-no secretamente contra mim, e com perfidas suggestões acabárão por me crearem mais um inimigo.

Um dia, depois da sabbatina, estando uns com os outros praticando, como um de meus condiscipulos me preguntasse insidiosamente qual era o meu modo de pensar ácerca da leitura dos livros santos, pois que até ali me não tinha empregado n'aquelle estudo; respondi-lhe que mûito folgava com ella, e que a pre-

feria a todas as outras, pois se encaminhava á nossa salvação; porèm que causava-me grande admiração ver que um sem numero de pessoas, que não carecião de instrucção, se não contentassem para explicar a Biblia de ter o texto, e a glosa, e necessitassem d'outros auxilios. Desfechárão todos a rir ouvindo tal, e perguntárão-me se me achava com forças e capacidade para chegar ao cabo com tão difficil empreza. Disse-lhes que sim, e que estava prompto a tentál-o, se isso fosse de seu agrado. Pasmárão todos do meu atrevimento, e desatárão a rir com mais força, dizendo: «Certamente que mûito folgariamos de vêl-o. — Pois bem, tornei-lhes eu; escolhão uma passagem da Escriptura, que seja difficil e com um só commento, e eu me obrigo a explicál-a.» Concordárão todos em que fosse uma das profecias de Ezechiel.

Levei para casa o livro, e disse-lhes que viessem no dia seguinte, que me acharião prompto a cumprir com o promettido. Então começárão á aconselhar-me désse de mão a tão inconsiderada empresa, dizendo-me que ella excedia as minhas forças, e que ao menos tomasse mais tempo para estudar maduramente aquella materia, que de sua natureza era summamente abstrusa. Respondi-lhes resolutamente que não era meu costume cavar muito n'um ponto, e que me déra a natureza bastante penetração, para entrar no sentido de qualquer questão, em mui poucas horas; que por conseguinte ou levantava mão d'aquelle negocio, ou os esperaria em casa no dia seguinte, para lhes dar a explicação pedida.

Confessarei sem pejo que forão poucos os que assistírão á minha primeira li-

ção, porque effectivamente parecia ridiculo, que um mancebo, não tendo, para assim dizer, jamais aberto os livros sagrados, se abalançasse tão de leve a explicál-os. Comtudo todos os que me ouvírão ficárão summamente contentes, fizérão-me grandissimos elogios, e empenhárão-me a proseguir, seguindo sempre o mesmo methodo.

Este negocio foi mûito soado, de sorte que os que havião faltado á minha primeira lição, acudírão diligentes á segunda, e á terceira; e todos concordes escrevêrão quanto sobre aquella materia lhes havia dito em todas as tres lições.

Um triumpho tão inesperado despertou no coração do velho Anselmo todos os furores do ciúme. Já d'antemão irritado contra mim pelas insidiosas instigações de meus condiscipulos, começou a inquietar-me pelas poucas lições de

theologia que havia dado, como em outro tempo Champeaux pelas de filosophia.

Havia na classe d'este professor dous discipulos, que se avantajavão a todos os outros, Alberico de Reims, e Loculpho de Lombardia, os quaes me detestavão á proporção do desvanecimento, que de seus proprios talentos tinhão. A poder de insinuações perfidas conseguírão alienar de seus sentidos ao pobre do velho, que assustado prohibio-me expressamente, e com brutalidade, de proseguir na explicação da Escriptura, em quanto estivesse debaixo de sua disciplina, dando por pretexto, que se me acontecesse sustentar alguma opinião erronea, recaïria sobre elle a responsabilidade, á vista de minha inexperiencia em semelhantes materias. Como isto ouvissem, indignárão-se quantos frequenta-

vão a aula. Nunca se tinha assim mostrado sem rebuço a inveja; nunca lhes havia parecido tão odiosa a vingança; assim que, as calumnias d'Anselmo, e seu ciúme redundárão em gloria minha.

Poucos dias depois fui chamado a Pariz para professar na mesma sala, e escola, donde havia sido expulsado. Ali me conservei mûitos annos, sem que ninguem se atrevesse a inquietar-me, e desde a abertura do curso tratei de acabar o commentario, que tinha começado sobre as profecias de Ezechiel, quando estava em Laon.

Recebêrão-nos os leitores com satisfação, e minha reputação, como theologo, corria a par da que gozava como dialectico. Acodírão-me em bando os discipulos, e não me faltava, como deveis saber, nem gloria, nem dinheiro.

Mas o nescio se empola com a pros-

peridade; e nada ha que mais de pressa afrouxe a alma, e a submetta ao jogo das paixões, como a bonança de nossas cousas. Tendo-me em conta do unico filosofo que no mundo havia, e assegurado de receios comecei a soltar as redeas a minhas paixões; eu que até então havia observado a mais rigorosa continencia, á medida que me adiantava na filosofia, e na sagrada sciencia, afastava-me pela impureza de minha vida do exemplo dos filosofos, e dos santos; porque é indubitavel que os filosofos, e em particular os santos em nada mais se estremárão tanto dos demais homens, como na castidade.

Estava no maior ardor da febre da soberba, e da luxuria, quando a divina providencia se dignou curar-me de ambas estas enfermidades; e a meu despeito, primeiro da luxuria, e logo depois da

soberba; da luxuria privando-me dos meios de contentál-a, e da soberba que procedia de meu saber (segundo o que diz o Apostolo, que o saber intumece o coração), permittindo fosse pasto das chammas o livro, de que eu fazia brazão. Referir-vos vou um e outro acontecimento, na ordem que seguírão, quando me sobrechegárão, persuadido que a exposição dos factos vos fará reconhecer melhor a verdade, que os rumores que a este respeito se espalhárão.

Não podendo determinar-me a atolar-me á cara descoberta em torpes gostos, e não tendo occasião de mostrar-me na sociedade das mulheres mais distinctas, por causa dos estudos, e das assiduas lições que tinha de dar, achava-me igualmente privado de frequentar as de meia condição, quando a fortuna (pois que assim a chamão), anti-

cipando meus desejos, me offereceo uma occasião de realisál-os, para ao depois me precipitar n'um abismo de males, e abatendo o meu orgulho, trazer á resipicencia o soberbo, que havia abusado dos dons de Deus.

Havia em Pariz certa donzella chamada Heloïsa. Era ella sobrinha d'um conego por nome Fulbert, que, amando-a estremecidamente, nada havia poupado para dar-lhe uma educação brilhante, e em tudo perfeita. Era de não vulgar belleza, e seus profundos conhecimentos lhe assignavão o primeiro lugar entre as de sua idade, e condição. Uma prenda tão rara nas pessoas de seu sexo a tornava muito mais recommendavel, sendo que a possuia em mui verdes annos; e com razão era seu nome conhecido em todo o reino.

Vendo-a dotada de tudo quanto póde

cativar o coração d'um amante, tratei de galanteál-a, certo de que me corresponderia. Era tão celebre meu nome e tão conhecido, achava-me na flor da idade, bem feito de minha pessoa, e podia sem receio de encontrar muitos rivaes offerecer meu culto indistinctamente a todas as mulheres; na certeza de que cada uma d'ellas se lisongearia de me ter por amante, e de que não teria de soffrer repulsas.

Persuadi-me pois sem difficuldade, que a tal donzella annuiria a meus desejos. Minha reputação de sabio, e o amor que ella tinha ao estudo, augmentavão minhas esperanças. Quando mesmo me não fosse possivel fallar-lhe, podia escrever-lhe, e ter com ella uma correspondencia seguida. Por escrito podia abrir-lhe meu peito mais facilmente que de bocca, e assim se perpetuarião nossas doces praticas.

Abrazado do amor pela sobrinha de Fulbert tratei de buscar azos para fallar-lhe, de habituál-a a ver-me para a trazer mais facilmente a meus fins. Para conseguíl-o, recorri a alguns dos amigos do tio, os quaes lhe propusérão de receber-me em sua casa, que era vizinha de minha aula, pagando-lhe eu uma mezada a seu contento. Allegava eu, para cchonestar esta proposição, a necessidade em que me via de occupar-me de negocios domesticos, o que empecia grandemente a meus estudos, alèm das despezas annexas a todo o que tem casa. Fulbert era muito avaro, e desejava summamente aperfeiçoar a sobrinha no estudo das humanidades. Lisongeando uma e outra paixão, dei no alvo, e consegui o que pretendia. Fulbert não pôde resistir á tentação do ganho, e á esperança secreta de ver sua sobrinha

tirar proveito de minhas lições. E a esse respeito insistio mesmo commigo. Emfim achei-o mais tratavel do que cuidava, a tal ponto que elle mesmo entrou sem o saber em meus projectos. Poz a sobrinha debaixo de minha direcção, pedindo-me lhe consagrasse todo o tempo, que me deixassem de livre minhas occupações, e authorizando-me a vêl-a a todas as horas do dia e da noite, e a castigál-a severamente, caso fosse descuidada e negligente.

Se a simplicidade e candura de Fulbert me deixou admirado, quando ponderei nos fins por que eu punha todo o empenho em me introduzir em sua casa, não o fiquei menos, vendo que assim entregava elle ás garras de um lobo esfaimado uma innocente ovelha. Encarregando-me da educação d'Heloïsa, e authorizando-me a castigal-a com seve-

ridade, dava toda liberdade a meus desejos, e punha-me no caso de triumphar d'ella, ainda quando me não amasse. Com effeito se as caricias não podessem dobrál-a, não podia eu reduzíl-a a poder d'ameaças e punições? Duas razões porèm não permittião concebesse Fulbert a menor suspeita de minhas damnadas tenções; e vinha a ser o mûito amor, que á sobrinha tinha, e a reputação de continencia, de que eu gozava. Por abreviar palavras, dir-vos-hei, que nossos corações forão unidos pouco tempo depois que nos achámos ambos debaixo do mesmo tecto. Com o pretexto d'entregar-nos ao estudo entregavamo-nos de todo em todo ao amor. Tinhamos diante de nós abertos os livros, e todavia praticavamos mais de amor, que de sciencia, e erão mais os beijos, que os preceitos; olhavamos um para

outro mais vezes, que para o livro, onde nem sempre eu tinha a mão. Para desorientar toda a suspeita cheguei um dia a castigál-a..... castigos, filhos d'amor, e não da colera; da ternura, e não do odio, e mil vezes mais doces que o mais suave mel. Emfim para encurtar razões, passámos por todas as phases, por todos os gráos de amor; pozemos em pratica quanto n'esta materia se póde inventar, refinámos n'ella. Nossos prazeres não tinhão fim. Tão embebido andava n'elles, que já me não podia dar á filosofia, nem encher os meus deveres para com os meus discipulos. Assistir a seus exercicios era para mim o mais penivel dever, e ao mesmo tempo um trabalho insano; porque me via obrigado a sacrificar todas as horas do dia ao estudo depois de ter sacrificado as da noite ao amor. Professava indolente-

mente e sem gosto, meu espirito parecia ter-se embrutecido; fallava de memoria, mas não de inspiração; era meramente o écho das tradições do passado, e se acertava de fazer alguns versos erão ternas endechas. Esses versos, como sabeis, corrêrão o mundo, e ainda hoje se cantão em diversas cidades, e são estimados das pessoas, que experimentão a mesma paixão, que m'os inspirou.

Não tenho palavras, com que possa expressar qual foi o sentimento e pezar que tivérão os meus discipulos, quando se advertírão da preoccupação, ou antes da desordem, que reinava nas minhas idéas. Todos adivinhárão a causa, excepto aquelle, cuja honra periclitava, isto é o tio de minha Heloïsa. Em vão a voz publica o tinha advertido de nossas amorosas intrigas; não podia resolver-

se a dar credito ao que lhe dizião, tanto porque tinha mûita ternura pela sobrinha, como por estar persuadido de minha continencia. Com effeito custa-nos a accreditar na infamia d'aquelles a quem amâmos, e quando o nosso amor é extremoso, não tomão pé em nós as suspeitas.

Ah! e quão profunda foi a sua amargura quando a final veio a saber essa triste verdade! Qual a nossa agonia vendo-nos obrigados a viver apartados! Qual o pejo, e confusão minha! Que de lagrimas não verti sobre a triste sorte de minha amante! Quanto fel me não verteo n'alma o discredito e má fama, que necessariamente devia seguir-se para mim d'uma acção tão condemnavel! Em tão angustioso trance cada um de nós punha em esquecimento suas proprias mágoas, para lastimar as alheias.

Porèm a separação do corpo tornava ainda mais intima a união d'alma, e nosso amor sobia ainda mais de ponto com as contrariedades. Desque ensecámos o calice amargo da infamia, nada se nos dava do escandalo. Aconteceo-nos o mesmo que a Marte e a Venus, quando o sol invejoso lhes patenteou as fraquezas.

Passado algum tempo, sentio-se Heloïsa pejada, e transportada de alegria escreveo-me a toda pressa, para que me avisasse dos meios, que deveriamos empregar em tal aperto. N'uma noite que o tio estava ausente de casa, fui ter com ella, conforme tinhamos ajustado, e a conduzi á Bretanha, e lá a deixei em casa de minha irmã, onde esteve até dar á luz um filho, a quem poz o nome d'Astrolabio.

Quando, voltando para casa, soube

da fuga ou rapto da sobrinha quem poderá pintar o furor que se apoderou d'alma de Fulbert? Só elle seria capaz de nos fazer uma fiel pintura. Porèm que meios tinha para vingar-se? Como colher-me ás mãos? Se me assassinasse, se me fizesse o menor ferimento, era de têmer que meus parentes, em cujo poder se achava sua cara sobrinha, se vingassem sobre ella. Apoderar-se de mim, e ter-me em carcere privado não era cousa facil de effeituar-se, estando eu de sobreaviso, e acautellado, como quem sabia a que excessos se deixaria arrastar o bom do conego se porventura se achasse de melhor condição, ou imaginasse que assim era. Emfim compadeci-me do triste estado, a que por minha culpa se via reduzido, e accusando-me do rapto de Heloïsa, fui ter com elle; pedi-lhe que me perdoasse, e pro-

metti-lhe todas as reparações, que para sanear aquella affronta cumprisse. Affirmei-lhe, que minha culpa encontraria indulgentes quantos tinhão experiencia d'amor; quantos se lembrassem do grande numero d'homens celebres, que tinhão succumbido a seus tirosdesde o principio do mundo: e para de todo serenál-o offereci-lhe uma reparação, que excedia a tudo quanto elle podia desejar, propondo-lhe de receber por esposa a Heloïsa, com tanto que o casamento não fosse publico, por causa do discredito que de sua publicação resultaria. Consentio n'isso Fulbert, empenhou sua fé, e a de seus amigos, e abraçou-me em signal de que, cedendo a meus rogos, me perdoava, e se reconciliava commigo, sendo que se assim obrava era para aguardar a occasião de ensopar-se, a seu querer, na vingança.

Parti immediatamente para a Bretanha, d'onde voltei em companhia de minha amante, que cedo ia ser minha esposa. Não que approvasse ella o meu projecto; pelo contrario rejeitou-o, e para me dissuadir allegou dous motivos poderosissimos; a saber : o perigo a que me expunha, e o discredito que resultaria de semelhante passo; asseverou-me que lhe custaria mûito obedecer-me no que dizia respeito ao casamento, dizendo que seria impossivel fizesse gala de ser minha mulher, depois de ter cavado minha propria ruina. O mundo, ajuntava, lhe havia pedir estreita conta, pelo haver privado de seu mais bello ornato, do unico homem, que com seu saber o doutrinava. Fazia-me ver quão mal recebida seria de todos a noticia de nossa união, o quanto prejudicaria á

Igreja, e as lagrimas, que faria verter a quantos se davão ao estudo da filosofia. Como se veria com pezar sujeito ás ordens d'uma mulher, e submettido ao jugo do hymeneo um homem, que a natureza havia creado para bem de todo o mundo; emfim representou-me que do casamento não redundava, senão males; e quando menos, embaraços e cuidados: cousas que o Apostolo nos exhortava a evitar na seguinte passagem:

— « Levou-te a morte a mulher? Não busques outra. Não é peccado o casar o mancebo ou a virgem; porèm se o fizerem ficarão sujeitos ás tribulações da carne: o que desejo poupar-vos.

A este tom me disse outras muitas cousas, até que a final vendo que tudo quanto dizia para dispersuadir-me, e fazer-me mudar de resolução, era inutil na cegueira, em que estava, e não po-

dendo determinar-se a oppôr-se abertamente a minha vontade, desfazendo-se em lagrimas concluio dizendo : « O passo, que vamos dar, ha de ser occasião de magoas iguaes aos prazeres, que até aqui temos desfructado. » Profecia que não tardou se verificasse.

Encomendámos a minha irmã tivesse todo o cuidado de nosso filho, e voltámos secretamente para Pariz, e poucos dias depois de passarmos a noite n'uma igreja a orar, ao romper da manhã recebemos a benção nupcial em presença do tio d'Heloïsa, e de muitos de seus amigos, e dos nossos. Finda a ceremonia, retirámo-nos com as mesmas cautélas, que tinhamos tomado na vinda, e não nos tornámos mais a ver, senão de longe em longe, e ás escondidas, para encobrir o melhor possivel o que se tinha passado.

Porèm Fulbert, e seus parentes entrárão a divulgar o casamento, faltando á palavra, que me havião dado, com o fito de se lavarem da nodoa, que na reputação de sua familia havia posto o meu proceder para com Heloïsa. Negava esta a pés juntos ser verdade o que elles dizião, desmentindo-os a cada passo; com o que irritado o tio começou a maltratál-a. Do que como fosse informado determinei-me a tirál-a do poder do tio, e mandál-a para a abbadia d'Argenteuil, a pequena distancia de Pariz, onde ella fòra criada, e educada, e aconselhei-lhe que se vestisse de freira, recommendando-lhe todavia, que não trouxesse véo.

Entrárão em furor os parentes, quando d'isto soubérão, imaginando que era minha tenção embaíl-os, e descartar-me d'Heloïsa mettendo-a n'um con-

vento, e n'este presupposto determinárão fazer de mim vingança. Um de meus criados, que a peso d'ouro comprárão, os introduzio em certa noite no meu quarto, pondo-me á discrição de sua vingança; vingança tão barbara, tão aviltante que encheo o mundo de espanto: mutilárão-me por onde havia peccado! Isto feito, posérão-se em fuga; dous d'elles caïrão em poder da justiça, e forão castigados com a pena de talião, e por cima d'isto cavárão-lhes os olhos, entrando n'este numero o criado, que por avareza me havia trahido.

Ao romper da manhã toda a gente da cidade estava junto á minha porta. Ser-me-hia difficil, ou antes impossivel, pintar-vos a consternação em que estavão todos, as lastimas e pezames que sem cessar me davão, os quaes mûito me angustiavão; por isso que me trazião

á memoria o triste estado, a que me havião reduzido os barbaros verdugos. Os clerigos sobretudo, e especialmente os que assistião ás minhas lições me desesperavão com seus gemidos e condolencias, por tal maneira, que mais me magoava sua compaixão que a ferida, que me havião feito meus inimigos. Davão-me mais tratos o pejo e confusão, do que as dores fisicas. Cercado de negras imagens dizia entre mim: quão vão, quão glorioso estava hontem, quão desprezivel me vejo hoje! Deus é justo, castigou-me por onde lhe havia desobedecido. Teve razão Fulbert, tornando-me traição por traição. Que gloria para meus inimigos! Como cotejarão contentes o meu castigo com a minha culpa! E meus amigos, meus parentes, qual não será o seu pezar! Minha desgraça vai ser divulgada por todo o mundo, todo o mundo saberá

qual foi minha falta, e qual o castigo, que merecidamente me dérão. Onde esconder-me? Como é que hei de apparecer em publico? Toda a gente apontará para mim, e serei alvo de escarneos, e objecto d'horror para quantos me encontrarem.

Redobravão-me as magoas outras reflexões; ponderava que, segundo os canones, os eunucos erão excluïdos do sacerdocio, bem como dos sacrificios os animaes castrados. Foi pois mais por necessidade, que por vocação que abracei a vida monastica, depois que Heloïsa, obedecendo ás minhas ordens, com uma total abnegação entrou n'um mosteiro, e professou. Ambos pois dissemos adeus ao mundo, sepultando-nos em vida, eu na abbadia de São-Diniz, e ella na d'Argenteuil, de que já vos fallei. Insistírão com ella os parentes e amigos, porque désse

de mão a tão precipitada resolução, porèm nada conseguírão; antes permanecêo até o fim em seu proposito, dizendo debulhada em lagrimas, o que disse em outra occasião Cornelia.

— « Nobre esposo! não tinha de verte ainda uma vez deitado á minha ilharga! Quem me dêo direito sobre uma vida tão preciosa? Que impio furor me arrastou a vincular-me comtigo, se havia de ser a causa de tua ruina? Mas cedo serás vingado; com gosto me dou a mim a pena. »

Como isto disse adiantou-se para o altar, e professou em presença do bispo, e de muita gente que tinhão concorrido para ver aquella augusta ceremonia.

Depois que convalesci, cedendo ás instancias de meus amigos, e do abbade de São-Diniz, tornei outra vez a abrir aula de theologia, estudo mais conforme

com minha situação actual, e compuz um tratado sobre a Trindade, que despertou o ciúme de meus rivaes. As perseguições, que por este motivo soffri, e o mais que tenho padecido vós o sabeis, e por isso passál-o-hei em silencio.

Adeus.

EPILOGO

DA VIDA D'ABAILARD E DE HELOISA.

Com a publicação do tratado sobre a Trindade accendêo-se o furor dos inimigos d'Abailard, que

o delatárão ao arcebispo de Reims, como inçado d'erros e de heresias. O arcebispo convocou um concilio em Soissons no anno de 1120, ao qual foi Abailard obrigado a apresentar-se, por citação do Legado do Papa, e sem embargo de ter sido o dito tratado censurado, com o maior rigor, por dous dos seus mais encarniçados inimigos, declarou o Concilio, que nada havia de condemnavel n'aquella obra, e que a doutrina, que n'ella se continha, era sã e orthodoxa. Esta decisão, e alguns sermões, que n'essa occasião prégou, avultárão ainda mais a sua reputação; porèm, crescendo com a fama de seu nome a inveja dos adversarios, tanto tecêrão, que conseguírão se nomeassem outros censores para examinar de novo o livro, que acabou por ser condemnado a ser queimado, sendo o author obrigado com graves penas a fazêl-o por suas proprias

mãos em pleno concilio. Dérão-lhe por prisão o convento, de que por fim saïo, sendo que era visto com máos olhos pelos religiosos, que na regularidade de sua vida vião a condemnação da que até ali havião observado.

Levou-o o gosto que tinha para a solidão, a um sitio retirado, que ficava ao pé de Nogent, onde, com licença do bispo, fez uma ermida dedicada ao Espirito-Santo, á qual por isso poz o nome de Paracleto, que quer dizer consolador. E com effeito ali têve a consolação de se ver rodeado de innumeraveis discipulos. Tornárão a accusál-o seus inimigos, dizendo commettêra um sacrilegio por ter dedicado a ermida ao Espirito-Santo, e dado-lhe o nome acima dito; porèm, tendo-se justificado plenamente, gozou de algum descanço. Assacárão-lhe pouco tempo depois novos aleives, não obstan-

te os quaes foi eleito abbade de São-Gildas de Ruys, na diocese de Vannes. Pouco tempo depois de ali estar se arrependêo de ter saïdo de seu retiro, pelo espirito turbulento dos religiosos, que, como os de São-Diniz, estavão acostumados a viver desregrada e licenciosamente. No momento em que não sabia onde fosse, para viver socegado, inspirou-lhe Deus o projecto de estabelecer no Paracleto uma communidade de religiosas, debaixo da direcção d'Heloïsa, que por seu exemplo e virtudes havia edificado o mosteiro, em que estava, de que veio a ser abbadessa. Porèm, apezar de seu zelo e erudição, experimentou Heloïsa os mesmos inconvenientes, que Abailard, para introduzir a reforma no seu mosteiro; e como a desordem, que n'elle reinava, passasse a ser escandalo, os monges de São-Diniz servírão-se d'estes pretextos

para deitál-as fóra, e pôrem-se em seu lugar.

Parecendo a Abailard, que a occasião não podia ser mais opportuna, para realisar o projecto que formára, escrevêo-lhe que se mudasse para o Paracleto, que elle lhe abandonava com todas as terras annexas; proposição que Heloïsa acceitou, e para onde se partio d'Argenteuil com algumas religiosas; foi Abailard recebêl-as, para dar-lhes posse do novo mosteiro, onde ião residir. Não ha palavras com que se possa retratar o prazer, que tivérão estes dous amantes, quando depois de doze annos se tornárão a ver. Heloïsa foi eleita abbadessa por consenso de todas as religiosas, e Abailard, depois de dar as providencias necessarías para a conservação d'aquelle estabelecimento, se retirou para a sua abbadia.

No principio as religiosas soffrêrão algumas necessidades, por serem mui escassas as rendas do mosteiro; porèm em breve tivérão todo o necessario, concorrendo as pessoas mais illustres d'aquelles contornos a admirar Heloïsa. Demais que, Abailard tambem as favorecia com o que podia, e influia em seus discipulos para que o ajudassem n'uma obra tão pia, e alèm d'isto tivérão a dita de receber avultados dotes de algumas donzellas que professárão, de sorte que vivêrão com mais commodidade e abundancia.

Tanta era a ordem e piedade, que reinava no mosteiro d'Heloïsa, quanta a desordem e dissolução que havia no d'Abailard; o qual não podia dar um só passo na indispensavel reforma, de que tanto necessitavão os religiosos que governava, sem irritar sua colera, che-

gando a ponto de quererem assassinál-o, ou descartarem-se d'elle por qualquer outro meio; o que com effeito terião conseguido, se Abailard, que estava de sobreaviso, se não acautelasse.

No meio d'estes desgostos, recebêo Abailard uma carta d'um amigo, que morava nas vizinhanças do Paracleto, na qual dando-lhe parte d'uma grande quantia de dinheiro, que acabava de perder, lhe pedia com encarecimento houvesse de lhe dar alguns conselhos e consolações, e foi da resposta que lhe mandou, que é a carta precedente que dimanárão as diversas, que hoje publicâmos.

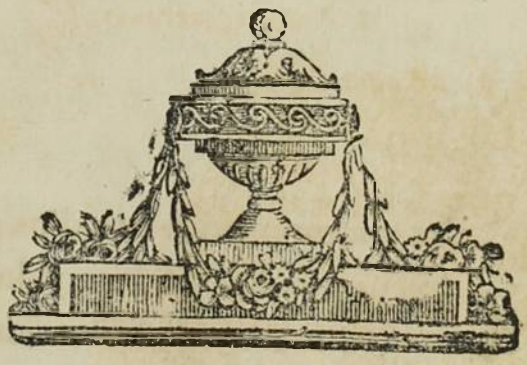
Continuou Abailard a residir mais algum tempo no mosteiro de são Gildas de Ruys, a final ponderando na critica situação, em que se achava, e no imminente perigo que corria sua vida pela

perfidia, e maldade dos monges estava a ponto de ceder ás instancias d'Heloïsa, que lhe pedia fosse residir nas vizinhanças de Nogent. Porèm diversas circumstancias, e uma doença que lhe sobreveio, lhe tolhêrão de pôr em effeito o que desejava; pelo contrario, entendendo era chegada a sua morte, cessou toda correspondencia com Heloïsa, e dispozse para entrar na eternidade, para onde se passou em 21 de Abril de 1142, com 63 annos de idade.

Heloïsa recebendo a carta do abbade de Cluny, que lhe participava a morte de seu querido esposo, caío sem sentidos, e assim estêve tanto tempo, que as religiosas cuidavão já que era defunta. Logo que voltou a si, a primeira cousa que fez foi escrever ao abbade, pedindo-lhe encarecidamente fizesse trasladar ao Paracleto o corpo d'Abai-

lard, para dar-lhe sepultura, segundo o que elle lhe tinha recommendado em suas cartas. Depois que se vio de posse d'aquelle precioso deposito, não fez mais que chorar sobre a campa do esposo, a quem sobrevivêo por espaço de vinte e dous annos, orando com fervor, e macerando o corpo com penitencias, até que morreo aos 17 de Maio de 1164, em seu anno climaterico, e como Abailard, com 63 annos de idade.

FIM DO EPILOGO.



CARTA

D'HELOISA A ABAILARD.

Tive em meu poder os dias passados uma carta, endereçada a um amigo teu; como, lançando para

o sobreescripto os olhos, conhecesse a lettra, não pude resistir de saber o que lhe escrevias: rompi a obreia, e para colorear esta acção, manifestamente inconsiderada, acolhi-me ao direito, que devo ter sobre tudo quanto sai de tua penna. Mas ah! quão caro me custou esta curiosidade! Que torrentes de lagrimas não verti, vendo n'essa carta fatal estampada meüdamente a triste narração de nosso infortunio. Não tenho palavras, com que te possa expressar a turvação, que se apoderou de meus sentidos: quiz-me parecer que davas em extremo, quando para consolar um amigo d'uma desgraça, talvez bem leve, fazias alardo das nossas. O tempo havia em parte apagado a lembrança d'ellas, mas vendo-as escritas por tua mão, partio-se-me o coração com dor, como se ellas presentes forão. Representou-se-me quanto por meu respeito padeceste, os inimigos, e invejosos que te careou teu peregrino engenho, bem como o carcere

perpetuo, com que te ameaçavão, e por opiniões que nunca seguiste. Fiel a memoria pintou-me de repente ao vivo quanto um e outro soffrêmos, não deixando em esquecimento a perseguição d'esses dous homens, que no Concilio de Reims levantárão contra ti a voz, a escandalosa applicação que fizérão do nome de Paracleto, que havias dado á tua nova morada, e por ultimo as cavillações e intrigas d'esses, a quem agora honras com o nome de irmãos. Tão ao vivo, e com tanta miudeza narraste a teu amigo as tuas e minhas desgraças, que não sei como não estalei com dor; e se não tivessem vindo tirar-me das mãos essa fatal escritura vêl-a-hias de minhas lagrimas banhada. Ella me deixou entranhavelmente abalada, e despertou em meu coração o odio, de que são credores nossos communs inimigos; e pois que o tempo, que tudo acaba, não têve poder para abrandar-lhes a sanha, pois continuão sempre a perseguir-te, estou

determinada a dar a ler ao mundo em diversas linguas a historia de nossas desgraças, para opprobrio eterno do seculo injusto e barbaro, em que vivemos. E pois que ninguem te perdoa, nem tem comtigo conta, não a terei com ninguem. Envidarei todas as minhas forças para justificar-te, e por tal maneira que mova á compaixão os corações mais duros, e que todos os olhos se molhem, em ouvindo pronunciar o nome de meu caro Abailard.

Não te fallo dos males, que por teu respeito padeço, porque só os teus me dão cuidado. Vejo-me só, afflicta, consternada, e sem ter quem me console, e tu a quem isso compria, nem novas tuas me dás. Não me negues mais tempo este alivio, conta-me por meüdo quanto passas, embora seja de tal natureza, que se me espedace de novo o coração. Se é verdade que as magoas se tornão mais supportaveis quando as confiâmos a um amigo, conta-me as tuas, e achar-te-has

alliviado. Não me digas que o não fazes temendo provocar-me as lagrimas, que mais copiosas me faz verter teu silencio, do que o faria a relação de teus padecimentos. De mais que, se para escrever-me aguardas se te mostre favonea a fortuna, receio que em vão esperes; que não costuma esta deosa prodigar seus favores ás pessoas de virtude, e se tu o não fôras, não te daria ella de rosto. Não esperes por milagres, e dá-me o prazer de receber quanto antes novas tuas, que são a unica alegria que longe de ti posso ter; alegria que exprimentava tambem Seneca com ser filosofo, quando recebia cartas de Lucilia. Em quanto me não dás este gosto, não tiro os olhos de teu retrato, que ponho de parte desque me vens ver, que me não é elle util, senão durante tua ausencia. Mas se só uma copia imperfeita de teu semblante me enche de prazer, que alegria me não causarião cartas tuas! O teu retrato é mudo, não assim as tuas cartas: essas fallão, essas

ateião em meu coração as chammas do amor. Quem nos veda de desfructarmos um prazer tão innocente? Por que, por nosso proprio descuido, nos privâmos do unico lenitivo, que adoçar póde nossas magoas? Escreve-me como meu esposo, que és, que como esposa tua te responderei; e não obstante todas as tuas desgraças podes estar certo, que sempre has de ser para mim o que fostes, e tudo quanto quizeres ser. Nem para outra cousa forão as cartas inventadas, senão para allivio das pessoas que se achão, como eu, encerradas. As tuas de continuo as trarei estreitadas ao peito, de continuo as cobrirei de beijos: mas não quero que te apures mûito com ellas; escreve-me sem molestar-te, e como se acertar. Seja o teu coração quem as dicte, e não teu raro espirito. Se me não certificas de teu amor, crê que em breve me apartarei da vida. Pouco deve custar-te escrever-me n'este estilo, ou antes não está em tua mão o tomar commigo

outro: e porcima d'isto parece de justiça que com qualquer nova prova de ternura cerres a chaga, que em meu peito abriste, relatando pelo meüdo a teu amigo a longa cadeia de nossos infortunios. Não é meu proposito condemnarte, por te teres servido d'esse innocente artificio, para suavisar suas magoas com a narração das nossas. A caridade é de si mesmo engenhosa, gabo-te o estratagema; porèm lembra-te que tambem alguma cousa deves fazer a favor nosso, e mûito mais do que por teu amigo fizeste.

Chamão-nos irmãs tuas, e nós por filhas nos intitulàmos, e se houvera um nome mais doce, mais affectuoso, esse empregariamos para mostrar-te qual seja para comtigo o nosso affecto, e qual para comnosco deve ser o teu. Da nossa parte affianço-te, que não póde ser maior do que é; porque ainda que por ingratidão quizessemos pôr em esquecimento o mûito, que te devemos, não no-lo consentirião esta igreja, estes altares,

emfim tudo quanto ha n'este mosteiro. Tu foste o fundador d'esta casa, tu converteste esta morada do roubo e assassinio n'um templo digno do Senhor nosso Deus. Estes claustros nada devem á caridade do povo, nem nos havemos enrequecido com as usuras, e penitencias dos publicanos. De ti nos vem tudo quanto possuïmos, a ti devemos o ser o que somos.

Posto que a clausura, e os votos pareção dever confirmar-nos em nossa vocação, e bem que as agudas púas de nossas grades vedem a todo o secular a entrada d'este mosteiro, esta semente, que de Adão nos vem, em breve povoaria d'agrestes hervas nossos corações, e affogaria as boas plantas, que n'elles semeaste, se te não dás pressa em mondál-as.

Bem sei que não estás ocioso; mas se trabalhas, não é para nós que o fazes. Deitas aos porcos os preciosos thesouros do evangelho, e deixas ao desemparo

as innocentes ovelhas, que te seguirão por montes e valles?

Agora me advirto que já não me atrevo a pedir-te isso em meu nome; e todavia devêra eu servir-me d'outro para mover-te o coração, nem recorrer a estranhos interesses, a alheios prantos? Os Agostinhos, os Tertullianos, e Jeronimos escrevêrão ás Paulas, Eudoxias, e Melanias. Quando estes nomes lês não te vem á memoria o meu? Porque me não fortaleces no caminho da virtude, como são Jeronimo? Porque me não prégas a verdade, como Tertulliano? Porque me não ensinas em que consiste a graça, como Agostinho? De nada me aproveitará pois o saber teu? De mais que, escrevendo-me, escreves a tua esposa. Com o sacramento cessa todo o escandalo, que semelhante correspondencia poderia motivar, e até podes ver-me sem escrupulo, como sem perigo. Dêmos que nossos votos não sirvão de estorvo a nossos prazeres, e que fossemos ca-

pazes de infringíl-os, que mal póde provir d'ahi, depois de te haver meu tio com tanta barbaridade mutilado? Porque pois de mim te esquivas? Ouve antes meus gemidos, sê d'elles testemunha, como fostes o unico author. Se n'este claustro entrei, por m'o aconselhar assim a razão, faze por persuadir-me de n'elle permanecer por virtude.

Ah! que se te lembráras.... mas não, que não é possivel teres esquecido o estremecimento, com que te amei, e amo. Como passava os dias a esperar-te sempre com os olhos enfiados no caminho, por onde devias vir! Como me trazia desassocegada o menor bilhete que te escrevia, em quanto não achava occasião de t'o entregar! Pois para ver-te, que circumspecção não me era mister ter, que estratagemas não me via obrigada a empregar?

Já começas a embruscar-te porque te trago á memoria estas particularidades, e tremes de ouvir o mais: tem paciencia,

que só quando n'isso falio me acho algum tanto alliviada, e não cuides que d'isto me corro; e pois que te amei com todas as véras da minha alma, deixa-me tambem perpetuar, do modo que posso, a lembrança de meu amor. Para mostrar-te a que ponto chegava, tomei a mim mesmo tedio, e sepultei-me em vida n'esta clausura, para te deixar livre, e sem cuidados.

Affectos taes não os inspira o vicio; o que faz consistir o amor na satisfação de seus appetites carnaes ama aos vivos, e não aos que já para o mundo morrêrão. Cuidava meu tio, que á imitação do vulgo das mulheres o que em ti amava era o teu sexo; mas enganou-se privando-te d'elle, e vingo-me de sua barbaridade amando-te porcima de quanto se póde imaginar.

Bem sabes que o que mais em ti me cativava, nunca foi o que de viril podias ter, mesmo no tempo em que nossos amores erão menos puros e innocentes.

Quanto te não custou o dobrar-me a dar-te de esposa a mão; não que ignorasse quão sagrado era aos olhos do mundo, e de Deus este titulo, mas porque achava mais attractivos no de dama tua. O vinculo do matrimonio nos obriga a amar por dever, e não por gloria; e a essa é que eu não queria dar renuncia; requinte de ternura que não te pude assás occultar,e de que vi com prazer na carta que a teu amigo escrevias, estavas ainda lembrado, bem como do quão insulsos me parecião esses vinculos, que se não podem desatar, senão por morte, posto que as mais das vezes contrahidos sem amor. Quantas vezes te não protestei que antes queria viver comtigo, como tua dama, do que com Augusto com o titulo de imperatriz; e que folgava mais obedecer ás tuas ordens, do que ter sujeito ás minhas o senhor do mundo. O verdadeiro amor não respeita nem classes, nem condições, e separa do objecto amado quanto lhe é estranho; por-

que o que n'elle ama é elle mesmo. Tenho para mim que n'este mundo não ha outra felicidade, senão a que provèm da união simpathica de dous corações vinculados por um amor, e estima reciproca. Então somos verdadeiramente felizes quando nada temos que desejar; quando em nossas almas não existe vazio algum, quando o objecto amado as enche inteiramente de sua presença.

Tal foi a nossa sorte, Abailard; amando-nos trocadamente, passavamos a vida mais feliz que dar-se póde. Tua celebridade justificava a preferencia, que sobre todos te haiva dado; ufanava-me vendo que não havia uma só provincia de França, que não desejasse possuir-te. Donde quer que te ausentavas deixavas mil saudades, e todos se consolavão dizendo: « Emfim tivemos a dita de ver o celebre Abailard. » As mulheres mais isentas render-te hião vassalagem, se te caïsse em fantasia o seduzíl-as. Qual d'ellas se não deixaria cativar de tuas

maneiras delicadas, de tua agradavel presença, discrição e subtil engenho? Tudo advogava em teu favor, bem differente dos demais homens, que póde ser sejão versados em algumas sciencias, mas não na arte de agradar. Em ti a sciencia mais arida se torna facil, amavel, appetecivel. Os mais lindos versos saem-te da penna naturalmente, e sem o menor esforço. Quem mais conceituoso do que tu? Quem mais habil em tecer um elogio delicado? Aos vindouros deixas uma prova n'essa Rosa, digno parto de teu fecundo engenho. Que sal, que graça se não encontra nas mais pequenas bagatellas, que escreves, na menor cançoneta tua? Que de rivaes não envejavão a minha sorte, quando me galanteavas? Quantas, só porque uma vez as vistes, não devaneavão, crendo serem as Silvias, que em teus versos celebravas? Mas ai de mim! Onde se forão tão venturosos dias? Agora só de lagrimas me alimento, lastimando de continuo a minha e tua sorte.

Vós, que em outro tempo envejaveis meu destino, sabei que já não existe nem para mim, nem para vós-outras aquelle que era a causa de vossa inveja e zelo. Em amar-me consistia todo o seu crime; de me amar se lhe originárão infindos males. Ardendo em raiva meus parentes para todo sempre perturbárão a doce paz, em que viviamos, amando-nos e comprazendo-nos mutuamente. Se viver d'este modo é um crime, folgo de têl-o commettido, e aborreço a innocencia em que hoje vivo.

Se a teu lado fôra, querido Abailard, na occasião em que esses barbaros te reduzírão a tão misero estado, escudar-te-hia com meu corpo, e remir-te-hia d'essa affronta á custa da propria vida. Mas ponhâmos isto de parte, que é mais eloquente o silencio, quando a desgraça é tal, que mal se póde com palavras retratar. Entretanto desejára que me dissesses, porque has cessado de ver-me depois que professei, sendo que o unico motivo

que a isso me impellio foi o fazer-te a vontade, e libertar-te de cuidados? Donde vem pois tão estranha tibieza e esquivança? Será possivel que esfriasses de amar-me, por isso que fui comtigo por extremo terna, contentando todos os teus desejos? Que ainda mal, todos os dias nos está mostrando a experiencia, que o meio mais certo de apartar de nós os que se prezão de serem nossos amigos, consiste em cumulál-os de favores; porque, quando estes são demasiados, só odio e desprezo parem, e não reconhecimento. Defendi-me mal, confesso; fiz bom barato de meu peito, de que te apoderaste, cruel, com pouco custo. Com pouco custo me tornas outra vez a entregál-o, mas já o não posso acceitar; e posto que, entrando n'este mosteiro, tenha feito renuncia de minha propria vontade e desejos, a meu despeito conservo o de ser de ti amada, e o de amar-te eternamente. No acto da profissão tinha eu commigo um bilhete teu, no

qual de ser sempre meu me promettias, desorte que a Deus offertei o meu coração d'envolta com o teu, e ante elle jurei de morrer primeiro, que deixar de amarte. Tem pois paciencia, toléra o meu amor, bem que enfadonho, como uma cousa de que te não podes descativar. Mas que fraqueza é esta minha! Eu, que devêra empregar em Deus todos os meus cuidados, só curo de agradar a um homem!... A culpa é tua, ingrato, que com tanto desamor me tratas. Se já me não tens amor, porque ao menos não o finges? Porque nem se quer um pretexto me dás para desculpar-te? Como! e será crivel que estejas resoluto a nunca mais me ver? Se assim é, escreve-me ao menos de quando em quando. Desengana-te, és meu, pois assim o juraste, como eu sou tua, porque outros votos não fiz, quando professei. Nada separar-nos póde: se me emparedei n'este mosteiro, só por te comprazer o fiz, eis todo o segredo de minha vocação: tu bem o sabes, e não

obstante, em pago de tão duro sacrificio, só colho esquivança e desamor.

Envergonho-me quando me vejo escrava d'um homem, tendo por subditas tantas esposas de Deus. Envergonho-me estando á testa d'esta communidade, que devêra edificar com meu exemplo, de saber que só Abailard me merece cuidado, que d'al não cuido senão d'elle. Ah! já sacrilega sou, já criminosa!... Perdoai-me, meu Deus, que não sei se os remorsos, que sinto, nascem d'um sincero arrependimento, ou antes da desesperação.

Abrasada d'amor vezes ha que, reconhecendo quão criminosa sou, compunjo-me, arrependo-me; mas que monta, se as lagrimas, que verto, são sobre o meu amante! Não ha dia que de minhas culpas me não lembre, não que tenha pezar de as ter commettido, mas sim porque já não posso commettêl-as.

A que estado me has reduzido, cruel! Confesso minhas fraquezas, accuso o teu

rigor, leva-me arrojões o amor sem saber nem o que digo, nem o que faço. E ha hi tormento que comparar-se possa com o d'aquelle, que se vê obrigado por dever a desarreigar do coração as profundas raizes, que n'elle deitou a mais terna, a mais justificada affeição? Agasalho por vezes n'alma as inspirações, que Deus é servido mandar-me; mas logo depois repulso-as para dar entrada ao amor o mais extremoso, e a elle toda me entrego. Abro-te hoje de par em par as portas d'alma, e digo-te quanto no coração tenho, quanto desejava dizer-te hontem. Quantas vezes não tenho feito proposito de riscar-te de minha lembrança! Ri-se o amor de minhas resoluções, e carrega cada vez mais a mão, prenhe de tormentos, pondo-me nos umbraes da morte. Ajuda-me pois por piedade a desquitar-me de ti, se é que já de mim te desquitaste. Consola-me, senão como meu amante e esposo, como pai ao menos; senão por amor, por motivos de religião!

Como! tão d'aço tens o coração, que te não demovem tão doces, tão respeitaveis nomes? Vem, vê se podes ensinar-me a domar minhas paixões, a seguir invariavelmente as veredas da virtude: não soffras que infrinja por mais tempo meus votos. Humilhemo-nos ante os immensos thesouros da divina providencia, que para nossa salvação de tudo se serve, e ás vezes por um effeito maravilhoso de sua graça nos sanctifica, mal que não lh'o peçamos, abrindo-nos os olhos sobre nossas miserias.

Queria aqui pôr fim a esta, mas não o consente meu coração; porque ainda se não acha de todo desabafado. Quando me obrigaste a consagrar-me a Deus, prometteste-me fazer o mesmo; o que até agora não sei que hajas comprido. Se receaste em razão de minha idade e sexo, que no seculo viesse a prevaricar, andaste mal; que bastantes abonos tinhas de minha fidelidade, e de meu constante amor, em minha vida anterior.

Ferio-me no mais vivo d'alma essa tua desajuizada desconfiança. Como! dizia eu entre mim; em outro tempo acreditava Abailard em tudo quanto lhe dizia, e agora é mister que os mais solemnes votos, que Deus mesmo, sejão abonadores de minhas promessas, para que n'ellas faça fundamento! Que necessidade tinhas de encerrar-me n'este claustro? Sobrava dar-me as tuas ordens, para estares certo de ser obedecido. Por ventura tens para ti que és mais habil em mostrar-me o caminho do vicio, do que em estradar-me para a virtude? Desterra esses vãos temores; quanto de ti vem me conquista a vontade. Debaixo de tuas vistas, e com teus conselhos, a tudo me abalançaria affoutamente. Muito mais arriscaste apartando-te de mim; porque em me vendo só desfalleço, e cada vez te amo mais.

D'ahi podes inferir quão puro seja o meu amor. Se de meu natural propensa

fôra aos passatempos e deleites carnaes, quem me tolhia de entregar-me a elles? Quando te acontecêo essa desgraça, tinha eu vinte annos, e podia ainda inspiraramor, e sentíl-o. E não obstante, querido amigo, alegre disse adeus ao mundo, a suas pompas e vaidades, emfim a ti mesmo. Soffre pois que conserve a esperança, que ainda me resta, umamigo, que não estou de todo desemparada. Vem pois ajudar-me a levar esta cruz, que sobre as costas trago; por mais pesada que seja, comtigo me parecerá leve. Vem ensinar-me a amar a Deus, como devo, e pois me conduziste a este seguro porto, vem acompanhar-me na felicidade. Seja o nosso coração o mesmo, posto que diverso o objecto de nosso amor : levantemos para Deus o pensamento, e abismêmo-nos na contemplação de suas perfeições. Isto espero de sua infinita misericordia. Elle tem em suas mãos os corações dos varões insignes, e quando lhe apraz, n'elles

verte as enchentes de sua divina graça, e a si os arrebata. Em quanto não chega este venturoso dia pensa em mim, Abailard, lembra-te de meu amor, de minha fidelidade, adora-me como tua amante, ama-me como tua filha, como tua irmã, ou antes como tua esposa; lembra-te que apezar dos protestos, que todos os dias faço de nunca mais te amar, amo-te mais do que nunca. Que disse? Eu fazer protestos de nunca mais te amar!... Não o creias, que é blasphemia, e não sei como não risco o que acabo de escrever. Emfim fôra nunca acabar, se pretendesse dizer-te quanto sinto; porei pois fim a esta longa carta, dizendo-te adeus.

HELOISA.

CARTA

D'ABAILARD PARA HELOISA.

Se me viéra á lembrança que uma carta, que não te era endereçada, havia de ir parar em tuas mãos,

certo que poria especial cuidado em não escrever n'ella cousa, que dissesse relação a nossa passada dita. Escrevia francamente a um amigo, e para tornar-lhe supportaveis seus infortunios, fazia-lhe resenha dos meus. Perdoa-me se sem querer te magoei, sendo que não punha a mira, senão em consolál-o; assás castigado estou de têl-o feito; pois nada me causa mais pena, do que fazer-te penar, bem que involuntariamente. Muito te enganas, Heloïsa, se cuidas que deixei de amar-te, pelo contrario amo-te, e mais que nunca: forçoso é que te diga quanto n'alma tenho. Depois que, dizendo adeus ao mundo, me sepultei n'este claustro, escondi aos olhos de todos o meu amor por pura vaidade, como tu o fizestes por ternura. Era meu proposito curar-te d'essa paixão, tratando-te com esquivança, e poupar-te o tormento de amar sem esperança. E tambem da minha parte fiz quanto pude por te riscar da lembrança, vendo que me era ve-

dado viver eternamente comtigo. Armei-me de filosofia, invoquei em meu auxilio a religião, na esperança que d'este modo poderia domar a violencia d'uma paixão, que cobrava novas forças com a impossibilidade em que me via de satisfazêl-a, e jurei ao pé do altar esquecer-te; mas ai de mim! que só do que jurei me esqueci!

A solidão, que de industria busquei, como um remedio para me curar d'esta fatal paixão, torna-se em veneno, e faz que d'al não cure, senão de ti; tu só me enches o coração, e me cativas a vontade, tu és emfim o unico alvo de meus pensamentos, por tal maneira que assentei era inutil cançar-me em delir-te da memoria, e muito faço em soffrer-me, não descobrindo minha fraqueza e confusão, senão a ti. Está-me sempre a razão mettendo diante dos olhos toda a importancia de meus deveres, ora me pungem os remorsos, ora me põe a tormento o amor, sem

que tenha um momento de socego. Que monta que te não veja, se tua imagem, se a paixão fatal, em que me abrazo, nem ao sol nem á sombra me deixa? Nada tenho que esperar do amor, e ainda assim não me acho com animo para entregar-me todo á virtude.

Quão fracos que somos, Heloïsa, quando nos falta o arrimo da cruz de Jesus-Christo! Sem a graça, os desertos não amortecem as paixões, que para elles comnosco levâmos. Dás-me de mestre teu o nome; verdade é que fui eu quem te ensinou a amar, mas tu em cambio me fizeste conhecer quão incuraveis são as feridas,que teus olhos no peito fazem. A teu tio daria eu mil graças, se assim como me privou dos meios de satisfazer a minha paixão, me houvesse arrancado do coração o amor; mas subsistindo este, subsistem tambem os desejos, e tanto mais violentos, quanto menos satisfeitos. Assim que,

muito mais culpado sou de amar-te agora, que vestido de burel, e coberto de cinza me consagrei ao altar, do que o era no tempo, em que por minhas faltas a este triste estado fui reduzido.

Bem vedes, meu Deus, que eu sinto todo o peso de minhas iniquidades, não permittais que succumba: com santo Agostinho vos digo: Senhor, dai-me a graça, de que necessito para cumprir com vossos mandados, e mandai-me então o que vos aprouver. Nada vos é occulto, sabeis como me anda em ondas o coração; eu vol-o consagrei, consentirêis que d'elle se apodére uma creatura, que vol-o dispute, sendo elle vosso?

Dizes-me, Heloïsa, que só para mim vives, posto que pareças viver só para Deus, e que outro voto não fizeste a não ser o de idolatrar-me até á morte. Ah! não irrites este Senhor terrivel, este Deus forte e cioso, que tem ha tanto tempo alçado sobre nós seu braço

vingador. Teme-o por teu proprio interesse e pelo meu, se te não achas ainda com forças para fazêl-o por amor d'elle mesmo; e não abuses de seu santo nome, para adquirir essa nomeada de virtude, que tens grangeado, fingindote resignada. Mas, ah! Heloïsa, quão difficil cousa é o praticarmos aquillo que a outrem aconselhâmos. Para riscar-te da lembrança que não hei feito, desde que n'esse mosteiro entraste? Entranhei-me nos sertões da Bretanha, busquei os sitios mais desertos, entre ti e mim metti de permeio o mar, e mettido em desesperação determinei matar o fogo, que me lavrava nas entranhas, com o gelo da indifferença, que traz comsigo a ausencia. Baldei porèm o intento; a ausencia, a distancia, jejuns, silencio e oração de nada valêrão: fui martyr d'amor, e nada mais. Busquei amparo nos conselhos d'um amigo, e para isso foi mister dar-lhe conta de meus infortunios, e por conseguinte

fazer menção de ti, e isto bastou para avivar em meu peito o antigo incendio. Tua constancia empeçonhenta os meus dias, atiçando o fogo que me abraza, e faria mais para minha salvação a tua indifferença, que os gritos de minha consciencia, e os conselhos da razão. Pedir-te-hia que me desamasses, se o grande amor, que te tenho, m'o consentisse. Em te fallando em amor, sinto-me arder em viva fragoa, e não posso conceber como pude ter inveja do repouso indolente, em que jaz aquelle que é incapaz de amar.

Lanças-me em rosto o meu silencio, e esquivança, e trazendo-me á lembrança nossos doces colloquios, e mil outras donosas particularidades, tratas de avivar uma paixão, que sabes não póde jamais ser satisfeita. Para morrer de dôr, sobra-me, Heloïsa, meu desgraçado amor, e o pezar que tenho de me ver a tão triste estado reduzido. Mas, pois que devo morrer, Deus e Senhor

meu, porque não morrerei por vós! Porque arriscarei minha salvação, perdendo o fruto de tantos padecimentos? Fazei, Senhor, que no meio da amargura, em que me nada o coração, experimente aquella saudavel doçura, que o peccador verdadeiramente arrependido encontra em chorar seus peccados: porque até aqui, victima d'um apaixão funesta, não fiz mais que chorar sobre minha amante, e illudido com a apparencia d'uma vida penitente, cuidando que expiava as passadas culpas, commetti outras.

A's vezes o exemplo dos religiosos, que govérno, me confunde e abisma, porèm muito mais me irrita sua apathia e indifferença; então concebo o maior desprezo por quantos não sabem amar, e ponho todo o meu desvelo em abalisar-me n'isso, para render ao amor o culto que outros lhe negão. Sei quão reprehensivel, quão peccaminosa é a pintura que te faço de minhas fragili-

dades; se fôra mais forte, meu exemplo te daria forças, e te tornaria superior á tua paixão, senão por virtude, ao menos por despeito; porèm o amor está posto a fazer de mim quanto quer, e a ter-me ás suas leis sujeito. Tenho a alma combatida d'aquellas duas vontades de que falla são Paulo, e a de amar a Deus é a mais fraca. Se semelhantes culpas fossem dignas de perdão, quem me não perdoaria em te vendo? Mas conheço que corro para minha perdição, e não ouso retrahir-me. Condemnado em vida a uma morte eterna, amo uma creatura que já não póde ser minha, e perco os merecimentos d'uma vida abstinente, que me franquearia as portas de céo, se a esta dita eu não preferisse a de amar-te. Creio no evangelho, mas não me sinto vontade de pôl-o em pratica; tenho a fé dos réprobos. Falido de forças para seguir a estrada da virtude, de resignação para me conformar com meu estado, de vocação para cumprir com

minhas obrigações, soffroos tormentos do vicio, e as austeridades da virtude, sem ter esperança de colher algum fructo d'aquelle, nem de receber d'esta a menor recompensa. Fazes-me aggravo appellidando-me varão insigne; quão longe estou de sêl-o, quanto em minha propria fraqueza me abismo! Acho-te sempre entre mim e Deus; como queres pois que o veja? Occulta-me tua ternura, faze com que me persuada que já de mim te deslembraste, que nada te custa a minha ausencia. Entrega-te da tua parte inteiramente a Deus, aproveita-te do descanço de que gozas, por effeito de nosso apartamento. O calice da salvação é amargo, quando pela primeira vez o pomos á bocca, mas acaba de tornar-se dôce com a perseverança. Encobre-se o teu amor com o manto da religião, e com esta industria espera ver-me outra vez comtigo unido. Guarda-te, Heloïsa, de suas ciladas. Fugi, diz o apostolo, e como poderia eu ris-

car-te da lembrança tendo-te presente, se ausente me acompanha de continuo a tua imagem?

Perguntas-me por que me empenhei em fazer-te professar antes de mim, dir-te-hei com franqueza, que não está em meu poder occultar-te meus mais secretos pensamentos.

Quando teu tio me fez servir de escarmento aos temerarios amantes, lavrou em meu coração o ciúme, por isso que me vi na impossibilidade de satisfazer á minha paixão; e cri que não encontrando em mim senão desejos impotentes, buscarias talvez outro amante, que menos illusorio fosse. Quem ama toma por realidade as mais leves suspeitas, e como as tivesse, quiz descativar-me d'ellas, insistindo por que entrasses em religião; porque menos me doïa o perder-te, do que ver-te repartir com outrem esse affecto que me tens; e deferi de professar, para ter a liberdade se resistisses, de acompanhar-te por toda

a parte, para fazer-te feliz se continuasses a amar-me, ou ser teu verdugo se infiel me fosses. Obrei como um interesseiro, mas quem ha que o não seja, quando de véras ama? Quem ha que ame, sem querer ser em seu amor correspondido! Ha muito que me mostrou a experiencia, que podêmos amar espiritualmente, e prescindindo dos prazeres sensuaes; mas não cabe na alçada do coração humano o continuar a amar sem ser amado, e com vergonha confesso, que sinto-me com mais força para viver n'este retiro, sabendo que tambem tu retirada vives. Tratemos pois de nos entre-ajudarmos a curar-nos de nosso amor. Esposastes-te com Jesu-Christo, cumpre desvelar-te em observar a fidelidade, a que és obrigada por tão santa alliança. A um homem certo que nada me estorvaria de disputar a tua mão; mas a Deus necessariamente devo cedêl-a, fazendo o maior dos sacrificios, que cabe na esféra da humanidade.

Foste até aqui victima de meu louco amor, sê-o d'hoje em diante de minha piedade. Ouve o que de nós exige o Senhor, que de nossas proprias fraquezas tira fundamentos para sua infinita misericordia. Confessemos nossas culpas prostrados ante seus altares. Para pôr termo a nossos males, Deus sempre bom, sempre indulgente aguarda tão sómente que ante elle nos humilhemos; que assim como peccámos em publico, em publico façâmos penitencia. Sirvâmos de exemplo á gente moça, na prevaricação, e na emenda. Portemo-nos de modo que o seculo presente e os futuros nos perdôem, em attenção ao nosso publico e sincero arrependimento; façâmos ver quão poderosa é a divina graça, que até do mais fino amor triumphar póde. Não te acobardes, se de tempos a tempos vires atear-se em teu peito o mal extincto fogo do amor, pelo contrario torna-te mais meritoria pondo todo o desvelo em apagál-o inteiramente. Inteirada de tua

propria fragilidade ensina-te a compadecer ás de tuas irmãs, e para desamar-me, tem sempre presente na memoria os damnos, de que fui causa, corrompendo tua pureza, maculando tua reputação, e sobre tudo, pondo em perigo a tua eterna salvação.

Não me perdôes por amor, mas sim por espirito de religião. A providencia quer que nos salvemos, Heloïsa; não contrariemos seus altos decretos, e ponhâmos termo a esta correspondencia. Pelo que me diz respeito será esta a derradeira vez, que para escrever-te a penna tome; porèm onde quer que Deus for servido chamar-me a si, é minha ultima vontade, que meus despojos mortaes sejão trasladados para o Paracleto; então terei necessidade de suffragios, e não de lagrimas. Vê pois se podes com ellas apagar de presente o fogo do amor, e se não obstante isto, o teu subsistir quando me apartar da vida, meu cadaver te prégará com mais eloquencia do

que hei feito, e te fará ver que só é verdadeiramente digno de nosso amor aquelle, a quem podèmos amar eternamente.

ABAILARD.

SUMMARIO

DO QUE SE CONTÈM NA SEGUINTE CARTA.

Mostra-se Heloïsa mais apaixonada do que d'antes. Nos primeiros tempos de sua clausura, os votos solemnes que proferíra, os muros innaccessiveis do convento, as ferreas grades, a distancia em que estava d'Abailard, e por cima de tudo a barbara crueldade de Fulberto, tinhão-lhe algum tanto abatido as forças, e diminuido a violencia de sua paixão. Porèm, como recebesse uma carta de Abailard, cobrou novo vigor o antigo incendio, e desesperada com os obstaculos, que a fortuna oppõe á sua dita

não guarda já comedimento n'esta segunda carta. Queixa-se do infeliz estado, em que se vê; já se não mostra como uma timida religiosa, que forceja por vencer uma inclinação perigosa, mas sim como uma amante, que diz sem pejo quanto lhe inspira o mais violento amor. Abandona-se a seus loucos transportes, e de tempos a tempos entra em si mesma e se arrepende.

CARTA

D'HELOISA A ABAILARD.

Com indizivel sofreguidão a carta li, que me escreveste, na esperança, com serem tamanhas

as minhas desditas, de n'ella achar algum motivo de consolação. Mas quão engenhosos são os amantes em avultar suas proprias magoas! Julga da delicadeza, e força de meu amor pelo abalo, que em mim causou o sobreescrito de tua carta. Porque escreveste primeiro o meu nome, que o teu? A que fim esta distincção injusta, e até cruel? Meus olhos não buscavão senão teu nome, o nome d'um esposo, d'um pai; o meu tomára eu sepultál-o no esquecimento,em castigo de te ter acarreado tantos infortunios. As regras do decoro, a superioridade, que sobre mim tens como meu mestre e meu director, desapprovão estas mostras de respeito, e o amor te aconselha de nunca mais empregál-as, caso me escrevas. Ah! tu bem sabes quão mal andaste : era porventura d'este modo que me escrevias, quando a fortuna invejosa ainda não se tinha lembrado de destruir a doce paz, em que viviamos? Bem o sinto,mudou d'amo teu cor ação;

fazes mais progressos do que desejára que fizesses no caminho da devoção, e não me acho com forças para acompanhar-te: não te apresses tanto, demora-te um momento, para alentar-me com teus conselhos. É possivel que tenhas a crueldade de me entregares nas mãos do desemparo? Géla-se-me de susto o coração, quando tal penso, e muito mais me amedrentão os terriveis prognosticos, que de tua morte fazes, bem como a pintura com que remataste tua carta. Cruel Abailard! como assim com tanto desamor me dás novos motivos para chorar, sendo que devêras enxugar-me as lagrimas? Como ousas rasgar-me o peito, em vez de verter algumas gotas de balsamo na ferida, que n'elle abriste? Pretendes que depois de morto tenha cuidado de tuas cinzas, encarregas-me das tuas exequias!... Ah! e como podeste conceber tão tristes pensamentos, e o que mais é, pôl-os por escrito? Não te tirou das mãos a penna o receio de me

dar morte? Provavelmente te não lembraste da afflicção em que me punhas. Por mais rigorosos que tenhão sido para commigo os céos, não posso acreditar sejão tão meus inimigos que me concedão, tu morto, um só atomo de vida, nem tenhão a crueldade de m'a conservar para ao depois tirar-m'a aos poucos. A luz do dia, sem o meu querido Abailard, me causa incomportaveis dores, e abençoarei mil vezes a morte, se ella me unir com meu amante. Sim o Creador de tudo benigno ouve as supplicas, que todos os dias lhe dirigimos por tua saúde, teus dias serão conservados, não has de baixar tão cedo, como desejas, á sepultura. Como! não és tu quem nos dev êra com doces e persuasivas fallas animarnos para esta grande e penivel jornada, cuja vizinhança quebra ao mais intrepido as forças? A quem senão a ti releva o receber nosso derradeiro alento, tratar de nossas exequias, e dar testemunho de nossa fé e sãos costumes? Qual outro

com suas ferventes preces nos deve encommendar a Deus, e conduzir á sua presença estas almas, que a seu culto consagraste com tão solemnes votos? Tão piedosos deveres esperâmos de tua paternal caridade; comprindo-os achar-te-has descativado das inquietações e sustos, que a nosso respeito deves ter, e saïrás com mais satisfação d'esta vida, quando o Senhor se dignar chamar-te. Seguir-nos-has então contente, por ter posto o ultimo remate á tua obra, estradando-nos para a eterna bemaventurança. Mas em quanto este dia não chega, não nos assustes com tão pavorosos prognosticos. Crês por ventura que não somos assás desditosas? Achas opportuno ajuntar novas desgraças ás nossas desgraças? Nossa vida é uma não interrompida agonia, vê lá se nos queres enterrar, buscando no porvir novos motivos de afflicção, como se não bastárão os que sem cessar nos avexão. Quão falidos de siso, diz Seneca, são aquelles,

que se inquietão do futuro, e antes de ser chegada a hora da morte se preparão para deixar a vida! É tua vontade que teu corpo seja trasladado para este mosteiro, onde vivemos, afim de que tendote sempre diante dos olhos do corpo e do entendimento, nos affervoremos cada vez mais na devoção; como se fôra necessario isto para conservarmos na memoria as feições de nosso pai e bemfeitor. Mas como queres que empégadas n'um mar de afflicção e de pezares tenhamos vagar para fazer-te esses suffragios, que nos pedes? Outros cuidados, ai de mim! occuparão então toda a minha attenção. Quem sabe a que estado me reduzirá tão triste noticia, nem se terei um momento de socego! Quem sabe se minha razão resistirá a tão duro golpe, e se perdido de todo em todo o siso me não rebellarei contra Deus, offendendo-o com meus gritos, lamentos, e vans recriminações, em vez de o aplacar com supplicas? Mas ai de mim! que nem for-

ças terei para lamentar-me, a intensidade da dôr me levará immediatamente ao regaço da morte, e longe de cuidar de tuas exequias, será mister cuide alguem das minhas. Por ti, Abailard, por ti só é que conservo esta triste existencia; se de ti me privão, que queres que faça de meus negregados dias? Ah! e quanto não seria para lastimar a minha sorte, se os céos por uma cruel piedade me conservassem a vida, para ser testemunha d'esta final separação! Só de n'ella pensar experimento todas as angustias da morte. Que seria pois de mim, Deus meu, se ella se verificasse? Não me escrevas mais d'este modo, Abailard, que me despedaças o coração; ouve meus rogos, senão por amor, por piedade ao menos. Pois que me aconselhas de desempenhar cabalmente minhas obrigações, pois que insistes de me dedicar inteiramente ao serviço de Deus, por que razão me estorvas de fazêl-o, trazendo-me á memoria cousas, que dia e noite occupão todos

os meus pensamentos, e não me dão vagar para cuidar de nada mais? Quando somos ameaçados d'uma desgraça inevitavel, de que serve que nos abandonemos a um temor inutil, e ás vezes mais cruel, que a propria desgraça? Deixa-me pois viver livre d'estes mortaes sossobros, no regaço da esperança, embora vã, com tanto que seja lisongeira, pois que, tu morto, nenhuma mais me resta: e que ha hi que me faça ter apego à terra, quando a morte tiver feito desaparecer d'ella o unico objecto, que a meus olhos a tornava cara! Dei de mão voluntariamente a todos os prazeres do mundo, mas não a meu amor, unica cousa que guardei; e este amor consiste tão sómente em pensar de continuo em meu caro Abailard, em saber que elle está em vida, e se bem já não viva para mim, conservo sempre a esperança de gozar um dia de sua presença. Lisongeira esperança! tu és o meu tormento, e ao mesmo tempo meu unico allivio.

Fortuna cruel! quão acerrima foste em perseguir-me! Esgotaste contra mim todos os teus tiros, já te não resta nenhum para affligir a outrem; estás cançada de atormentar-me, e a demais gente nada tem que temer de tuas iras. Mas porque me segundas novos golpes? porque me abres no peito novas feridas, se as passadas ainda não estão cicatrizadas? Ah! e porque não tomas esta vida, que tão molesta me tornaste? Se eu te podéra a isto obrigar, com que gosto o não faria? Mas se me conservas a vida, é porque queres conservar-me o padecimento, fazendo-me passar mil vezes pelos fios da morte.

Apiada-te de mim, querido Abailard, tem compaixão do miseravel estado aque se vê reduzida a triste Heloïsa. Viose jamais uma mulher como eu desgraçada? Quanto mais me engrandeceste, e exaltaste por cima de todas as mulheres, que pretendião render-te, tanto mais me custa agora o perder-te; nem

que me não tivesse a fortuna elevado ao auge da felicidade, senão para que me fosse mais sensivel a queda. Nada em outros tempos se podia comparar com meus deliciosos extasis, nada tão pouco agora com meus violentos pezares. A todos fazia inveja minha dita, a todos causa lastima minha desventura. Deo a fortuna para commigo em extremos; ora liberalisando-me seus mais feiticeiros dons, ora mergulhando-me n'um mar de infortunios, e tão engenhosa foi em atormentar-me, que quiz que a lembrança dos bens, que hei perdido, fosse perennemente o motivo de meus pezares. A final sortio a traça o seu effeito; que tão amarga é a desgraça, que hoje me acurva, como me parecêrão deliciosos os transportes que outrora experimentei. Porèm o que mais me afflige e desespera é ver, que nossos infortunios começárão no tempo em que por certo não eramos de tal merecedores. Emquanto ambos embellezados um d'outro

corriamos avante por nossos criminosos ardores, ninguem nol-o estorvava; e se por vezes o receio de que algum invejoso viesse surprender-nos, nos perturbava em nossos amorosos colloquios, tornavão-se estes ao depois mais ternos e saborosos. Mas desque legitimámos a nossa paixão; e a cohonestámos, buscando no matrimonio um remedio contra os remorsos, de que por vezes eramos salteados, descarregou immediatamente o céo sobre nós toda sua colera. E a ti especialmente com que impiedade te castigou! Só de pensar estremeço. Um esposo ultrajado em sua honra, transportado de ciúme, não maltrataria com mais rigor ao temerario quebrantador da conjugal fidelidade. Demais, que direito sobre ti tinha esse tio deshumano? Ligados estavamos com os vinculos sagrados do matrimonio, contrahido á face dos altares, e isto só bastava para te preservar do furor de teus inimigos. Como é pois possivel que te hajão infli-

gido a pena reservada aos adulteros? Alèm d'isto, viviamos cada um em differente lugar. Tu em tua casa dado ao estudo, descobrindo aos homens sabios e curiosos de ouvir-te os arcanos da natureza, e eu mettida n'um claustro, conforme me ordenaste, pensando em ti, e meditando ás vezes na Escritura sagrada. É no meio d'este doce remanso que victima foste do mais desgraçado amor, dando as penas d'uma culpa, que ambos tinhamos commettido ; tu só foste o punido, sendo que um e outro eramos réos do mesmo delicto: e para mais ajuda, o que tinha menos crime esse é que foi o alvo da crueldade d'um barbaro verdugo. Mas porque me queixo dos que assim te maltratárão? Desgraçada de mim! Eu é que fui a causa de todos os teus males. Céos! E devia eu vir ao mundo para ser occasião de tão tragico successo! Que perigo não corre o homem illustre, que se deixa cativar das mulherís caricias! Desde a

infancia deverião ter callejados os peitos, para que n'elles não fizessem mossa os perniciosos attractivos de nosso sexo. Escutai, filhos meus, e mastigai esta lição, dizia em outros tempos o mais sabio dos homens; se com seu brando olhar uma mulher pretender conquistar-vos o coração, não vos deixeis seduzir de tão feiticeiras mostras; guardai-vos de provar do veneno que ella vos apresentar, de seguir a vereda que vos ensinar, a qual vai ter á sua morada, e á porta encontrarêis a perdição e a morte. Tenho reflectido e meditado largo tempo sobre este assumpto, e a conclusão que tirei foi, que a formosura d'uma mulher era mais perniciosa e fatal, que a mesma morte; o escolho onde naufraga o alvedrio; uma prisão que nos algema d'um modo indissoluvel. Uma mulher despenhou o primeiro homem do alto e glorioso estado onde Deus o havia posto, quando o formou de barro. Quão grande seria, Sansão, a tua gloria,

se teu peito fôra tão forte contra as graças seductoras de Dalila, como os teus braços contra os Filisteos! Venceste numerosos exercitos, e uma só mulher te tirou das mãos as armas, entregou-te em poder de teus inimigos, os quaes te privárão dos olhos, que havião dado entrada em tua alma ao amor. Confuso, desesperado vieste por fim a tomar por tuas mãos a morte, sem mais consolação que a de envolveres em tua ruina teus proprios adversarios. Para agradar ás mulheres deixou Salomão de agradar a Deus, e esse rei appellidado o sabio, que fazia a admiração de todas as nações, que fôra pelo Senhor escolhido para edificar seu santo templo, foge como um desertor dos altares, que até então defendêra, e chega a ponto de ir encensar os idolos. Job não teve mais figadal inimigo, que sua propria mulher, e a que tentações não teve de resistir! O espirito do mal, que constantemente o avexava, servio-se da mulher para

pôr em provação sua constancia, e mettêo-se agora no corpo d'Heloïsa para cavar a ruina d'Abailard. A unica consolação que tenho é que, se causei teus males, fil-o involuntariamente. Em nada fui contra ti senão em amar-te, e ser-te fiel. Se me fazem um crime de te haver idolatrado, nunca de o ter commettido me arrependerei. Verdade é que me entreguei mais do devido aos doces prestigios d'uma primeira paixão, e que me desvelei em agradar-te, e comprazer-te em tudo, sem ter conta com a virtude; o que mais que muito exaspera n'este momento as minhas magoas. Tão criminosos amores devião de necessidade terminar-se tragicamente. Logo que adverti me amavas, cri em quanto me disseste, e contente me submetti ao jugo teu. Ser amada d'Abailard era para mim a maior gloria, a que podia aspirar, e com tamanho ardor por esta dita suspirava, que ainda depois de estar certa d'ella não se me aquietava o coração.

Assim que, a unica cousa de que tratei foi de convencer-te de minha ternura, sem me armar de desabridas repulsas, nem de importunos e fastidiosos raciocinios. Estes dous tyrannos, que nos algemão a mocidade, não tivérão sobre mim poder; pelo contrario cerrei-lhes a bocca, e obriguei-os a me ajudarem no projecto, que meditava, de contentar os desejos do homem mais instruido e mais amavel, que existe em todo o universo. Se alguma cousa me podia retrahir era o muito amor que te tinha, e o receio que o teu se esfriasse, se te concedesse quanto desejavas, e fosses em busca de novas conquistas, para novos prazeres desfrutar. Mas sem muito custo me fizeste ver quão futeis erão esses escrupulos, que a meu pesar agasalhava n'alma. Ah! que então devia eu prever que a lembrança de tão ineffaveis gostos havia de ser o verdugo de meus negregados dias. Com effeito ter-me-hia n'este momento por venturosa, se po-

déra com as lagrimas, que verto, apagar do entendimento a memoria dos gostos passados, memoria que ainda agora, a meu despeito, é o unico objecto de minha complacencia. Mas ponhâmos isto de parte, façâmos quanto em nós está por suffocar estes desejos, filhos da fragilidade da natureza, emfim vejamos se nos podêmos reduzir ao mesmo estado em que se acha meu amante; com isto o contentaremos, embora não seja sufficiente para com Deus. Porque a final é tempo, é mister que te faça tocar com o dedo a profunda ferida que trago no peito, contra a qual nenhuma virtude tem o balsamo do arrependimento: mormente não havendo um só dia, que me não rebelle contra o céo, taxando-o de cruel por te ter feito caïr nas ciladas, que te armárão teus inimigos. Assim que, em vez de tratar de applacál-o, cada vez o irrito, e inflammo mais contra mim com minhas continuas queixas, e recriminações. Para expiar uma culpa,

não basta soffrer a pena que nos foi dada. É mister não tornar a recaïr n'ella : quanto padecermos de nenhum valor será, se continuâmos a alimentar no peito o fogo das paixões. Confessar-se culpado, e impôr-se o merecido castigo, cousa é que pouco custa; o mais difficil, como o mais meritorio, consiste em esquecermo-nos dos prazeres que lançâo, por effeito do habito, em nosso coração profundas raizes. Quantas não vêmos nós que, posto confessem suas faltas, longe de se arrependerem parece que folgão de referil-as! A confissão oral deve ser immediatamente seguida do proposito de emenda, cousa que poucas vezes se vê. Pelo que me diz respeito, tanto prazer experimentei amando-te, que bem a meu pezar confesso que nunca me arrependerei de têl-o experimentado, e de conservál-o presente na memoria, em quanto viva fôr. Por mais que me cance, para onde quer que me volte, a mesma idéa me

acompanha, e tenho presente diante dos olhos do corpo, e dos do entendimento, a cousa de que mais me devêra deslembrar. Nem no silencio, em que devêra gozar de algum descanço, nem no mais forte da modorra, que costuma dar trégoa aos cuidados, me posso ver livre das doces illusões, que se engendrão em meu coração. Afigura-se-me que estou ao lado do meu caro Abailard, que o vejo, que lhe fallo, que me responde, que ambos um d'outro embellezados, pômos de parte nossas tarefas litterarias, para nos occuparmos exclusivamente de nosso amor. A's vezes tambem se me representa, que assisto ao horrivel attentado n'elle perpetrado por seus barbaros inimigos; opponho-me á furia dos verdugos, com espantosos brados faço estremecer a cella, e quando acordo acho-me toda banhada em lagrimas. Nos mais santos lugares, ao pé mesmo dos altares, me não deixa a memoria dos passados gozos, que são o unico alvo

de meus pensamentos: tanto assim, que suspiro por me ver privada d'elles, em lugar de chorar amargamente sobre estes fructos venenosos da arvore da seducção. Lembra-me, como se fôra hoje (e que ha ahi que não esteja presente na memoria de quem ama!) o lugar, a hora, em que pela vez primeira me declaraste o teu affecto, jurando amar-me até á morte. Tuas palavras, juramentos, tudo gravado tenho em meu peito. A turvação das minhas idéas transpira em minhas fallas; meus suspiros a delatão; teu nome me vem a cada instante, sem que me advirta, á bocca. Em tal estado meu Deus, porque vos não compadeceis de minha fragilidade? Porque me não confortais com vossa poderosa graça? Tu, Abailard, foste mais ditoso, recebeste seu divino auxilio, e tua propria desgraça tambem contribuïo para essa paz interior, de que gozas. O martirio, que no corpo padeceste, operou a cura das chagas que trazias n'alma.

Levou-te a tempestade ao porto da salvação, e Deus que, segundo nosso fraco entender, alçava indignado sobre ti a vingadora dextra, na realidade o que queria era salvar-te. É um pai, que corrige, não um inimigo que se vinga. É um medico, que com as asperas theriagas te cura do veneno, que pelas veias espalhado tinhas. Muito mais digna de lastima é a minha, que a tua sorte, porque me vejo reduzida a combater meus desejos, e extinguir o ardor, que em meu juvenil peito atêa o mais violento amor. Meu sexo é um composto de todo o genero de fragilidades, e tanto mais me custa o defender-me, quanto mais me é caro o inimigo a quem tenho de resistir. Achando no perigo attractivos, como é possivel que não succumba? N'esta lucta cruel, em que de continuo ando, o mais que posso fazer é não o dar a conhecer a estas innocentes ovelhas, que á minha direcção confiaste; assim que, quantos me cercão pasmão

de minha virtude e resignação; porèm se podessem ver o que meu coração encerra,que de maculas n'elle descobririão! Vêl-o-hião de continuo em ondas de turvação, e entenderião que governando a outras não tenho forças para governar-me a mim mesmo. Tenho um exterior enganoso, uma virtude apparente, tudo o mais é vicio. Os homens julgão-me digna de sua approvação; não assim Deus, que lendo no mais recondito de minha alma me rejeita, como um vaso impuro. A seus olhos penetrantes é foro d'impossivel esconder minhas fraquezas; e assás me custa o encobríl-as com estas mostras vãs de devoção; que ainda assim não deixa de ser louvavel tão penosa dissimulação. Ao menos não escandaliso os seculares, tão propensos a seguir os máos exemplos; nem deseedifico estas innocentes pombas, que vivem debaixo de minha direcção; porque posto me pêje o peito o mundano amor,não canço de prégar-

lhes que se consagrem inteiramente ao divino; e com ter a imaginação occupada com as pompas e delicias do mundo, ponho todo o desvelo em fazer-lhes ver quão futeis, quão acatasoladas sejão. Assás de forças tenho para occultar-lhes a chamma, em que me abrazo; o que tomo por um effeito da graça, a qual, dado que não possa dobrar-me a seguir a virtude, me estorva de me abandonar de praça aos vicios. Mas em vão me canço em separar cousas, que de sua natureza são inseparaveis. Peccâmos, todas as vezes que desmerecemos, afastando-nos da virtude, ou deixando de tender para ella. De mais que é mister, que todas as nossas acções sejão encaminhadas a Deus, e por amor d'elle motivadas. Desgraçada de mim! que esperanças posso ter de salvar-me? Com vergonha confesso que mas receio tenho de offender a um homem, que de irritar a Deus; tanto em comprazer-lhe me desvelo. Sim, Abailard; forão tuas ordens

e não, como cuidão, uma sincera vocação que me impellirão a vir-me encerrar n'esta morada da penitencia; que não tinha eu em mente o sanctificar-me, mas sim comprar com este sacrificio o descanço de espirito, de que havias mister. Deus! Que desventura a minha! Separo-me da unica pessoa que amava, enterro-me em vida, mortifico o corpo com jejuns e penitencias, sigo á risca as asperas obrigações d'uma regra das mais severas, nutro-me de suspiros e de lagrimas, e de tantas penas e privações nenhum fructo colher devo. Largo tempo te trouxe enganado minha falsa piedade; cuidavas que estava resignada, sendo que nunca me vi como agora impaciente e exasperada. Persuadiste-te que de nada mais tratava, que de comprir com meus deveres, quando realmente a unica cousa, que me dava cuidado, era a minha paixão. N'esta persuasão rogaste-me de te encomendar a Deus em minhas orações, sendo que das tuas

mais que muito necessito. Não confies demasiado em minha virtude e perseverança; que vacillante ainda estou, e hei mister de tuas exhortações. Fragil sou, e a ti cabe o sustentar-me, e ajudar-me com teus conselhos. Não me louves, que o louvor se converte ás vezes em peçonha, e mata aquelle a quem o prodigâmos. O louvor enche-nos da vaidade, cega-nos os olhos do entendimento, e as sobresaradas feridas se vão gradualmente infistulando. Cava a nossa ruina o lisongeiro, ao passo que o amigo sincero nos restitue á saúde, porque nos falla com verdade, e em vez de correr a mão de leve pelo orgão lesado, tentêa a chaga, embora nos faça soffrer algumas dôres, afim de curál-a radicalmente. Porque te não has commigo por este theor? Não receias te tome por um vil e perigoso adulador? E caso encontres em mim alguma cousa, que digna seja de louvor, como é que não receias com teus gabos infatuar-me, sendo as pes-

soas de meu sexo tão propensas á vaidade? Não tomemos por virtude tudo quanto com ella se parece; que seria confundir os escolhidos com os reprobos, pois que muitos d'estes se debruão d'outra côr, que não da que lhes compete. Assim o faz o hypocrita, e não poucas vezes com este ardil conquista mais admiração, que o homem verdadeiramente virtuoso. Nosso coração é um labirintho inextricavel, muitos são os caminhos e voltas que n'elle se encontrão, e certo o engano. Cessa pois de louvar-me, que nada ha de mais perigoso que o louvor, que de ti me vem, por isso que muito te amo; e como todos os meus desejos cifrão-se em agradar-te, facilmente creio em tudo quanto de meritorio me attribues. Ah! preserva-me antes d'estas fragilidades com tuas paternaes admoestações. Minha salvação deve motivar-te susto, e não confiança, e não me tornes a dizer que a virtude tem por alicerces a fraqueza, nem que só

alcança a corôa o que mais na lucta se affadiga. Demais que não aspira aos louros da victoria, quem como eu se contenta de poder evitar de apresentar batalha. Na gloria, como no mais, ha differentes gráos, os mais elevados deixo-os eu de boa mente aos varões, que se illustrárão com repetidos triumphos; sobra que me toque um dos mais inferiores. Não trato de vencer, só sim de não ser vencida, e ter-me-hei por ditosa, se não naufragar antes de chegar ao porto. O céo me ordena de dar renuncia á paixão, que por ti sinto: mas quem sabe se me acharei jamais com forças, para comprir com seus mandados. Adeus.

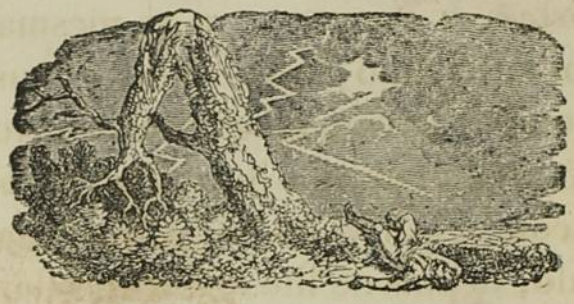
HELOISA.

RESUMO

DA CARTA SEGUINTE.

Abailard fazendo as mais austeras penitencias em seu retiro, e cuidando sériamente em sua salvação, determina de não receber mais cartas d'Heloïsa. Portanto communica-lhe esta resolução

na seguinte carta, fazendo-lhe ver as tentações a que se expõe, conservando esta correspondencia, e persuade-lhe com energia a seguir o seu exemplo. Exhorta-a a vencer-se a si mesma; e como, cotejando entre si duas cousas, claramente se vem no conhecimento da que é melhor, pinta-lhe a doce paz que traz comsigo a virtude, e despego do mundo, depois de lhe ter mostrado, que um amor criminoso é de necessidade acompanhado de mil pezares e inquietações. Sendo profundamente instruido no estudo do coração humano. não ignorava Abailard quanto era difficil de pôr em execução o que elle a sua amante propunha e aconselhava, nem o quanto custa extirpar do coração uma paixão, que n'elle deitou profundas raizes; por isso depois de ensinar-lhe o modo, com que se deve haver para conseguir o desejado intento, lhe dá parte da resolução, em que está, de ajudál-a n'esta santa empreza.



CARTA

D'ABAILARD A HELOISA,

EM RESPOSTA A' PRECEDENTE.

Não me escrevas mais, Heloïsa, é mais que tempo de pôr termo a uma correspondencia, que é

causa de serem infructuosos nossos jejuns e penitencias. Desenganêmo-nos: em quanto nos deleitarmos com a memoria dos passados prazeres, em quanto ista idéa mundana nos morar n'alma, havemos de viver em sustos, privados da paz e quietação, que devêramos encontrar na solidão. Comecemos a fazer um bom uso de nossas austeridades, desterrando do espirito todas as idéas peccaminosas. Succeda a nossas devassidões a mortificação do corpo e do espirito; aturados jejuns, um retiro absoluto, e nunca interrompido, devotas e profundas meditações, e o mais puro e constante amor áquelle, a quem devemos a existencia.

Ponhâmos todo o nosso estudo em chegar ao ultimo ponto de perfeição, que dar-se póde. Que gloria não seria para o christianismo, se em seu gremio se achassem duas almas tão despegadas do mundo, das creaturas, e de si mesmas, que não dependessem de modo algum

dos corpos, a que andão unidas, antes ao contrario os tivessem a suas leis sujeitas! Demais, que para nos approximarmos de Deus é mister elevarmo-nos o mais que for possivel, na certeza de que, por mais que nos remontemos, sempre nos acharemos por uma immensa distancia separados d'esse ente incomprehensivel, que nem com a imaginação se póde abranger. Sejâmos virtuosos porque assim nos ordena Deus, e não tenhâmos conta nem com nossas paixões, nem com a opinião dos homens. Se a tal estado chegassemos, Heloïsa, nenhuma duvida poria em estabelecer a minha residencia no Paracleto. Lá desvelar-me-hia noite e dia no bem d'uma communidade, que me deve a sua fundação, e faria que fosse o objecto da veneração de todos. Instruir-vos-hia com meus discursos, alentar-vos-hia com meu exemplo; governaria, ou antes velaria sobre tuas subditas e irmãs, obrigando-as a orar, meditar, trabalhar, e fallar o menos possivel, e da minha parte faria

o mesmo. Por vezes todavia vos fallaria, mas tão sómente quando fosse necessario admoestar-vos de vossos erros, fortalecer-vos no exercicio da virtude, e illustrar-vos na escuridão em que de quando em quando vos virdes. Consolar-vos-hia n'essas tribulações de espirito, e sequidões que avexão as pessoas devotas, que seguem a vida contemplativa: cohibiria tambem o excessivo ardor de vosso zelo e piedade, e moderaria vosso fervor. Mostrar-vos-hia quaes são vossas obrigações, e dissiparia as duvidas nascidas da fraqueza de vosso entendimento. Faria emfim as vezes d'um mestre, d'um pai, e accommodando-me ás vossas necessidades seria umas vezes vivo, outras vagaroso, ora aspero, ora brando, segundo a diversa indole d'aquella, que tomasse sobre mim de encaminhar nas escabrosas veredas da perfeição christã.

Mas porque assim loucamente devaneio? Quão longe estamos d'esse feliz estado! Teu peito se abraza n'um fogo, que

mal podes apagar, e no meu não vejo senão turvação e desassocego. Não cuides que gózo aqui d'uma paz perfeita; não Heloïsa: por derradeira vez comtigo me abro. Ainda, por mais que tenha feito, não pude desazir-me de ti: em vão contra tão doces laços me rebello, a meu despeito sinto que um resto de ternura me faz ter quinhão em teus pezares, e sentíl-os como se forão proprios. Tuas cartas produzírão em mim um abalo indizivel, nem era possivel que pozesse com indifferença os olhos n'uma escrita, que vinha d'uma mão tão cara. Suspiro, e ás vezes choro; é pouca toda a minha razão para esconder a meus discipulos minha turvação e fraqueza. Sim, cara e infeliz Heloïsa, tal é o estado em que se acha Abailard. O mundo, que as mais das vezes ajuiza erradamente, tem para si que vivo no mais dôce remanso, e n'uma paz d'alma incomparavel; e como se eu não tivera em mira, amando-te, se não a brutal satisfação de meus appeti-

tes, imagina que já te hei posto em esquecimento. Ah! e quão grosseiramente se engana! Estou persuadido que a maior parte das pessoas, que tivérão noticia de nossa separação, assentárão de si para si, que o que me obrigava a recolher-me n'este retiro era o pejo e nojo de ver-me tão cruelmente maltratado; nem que o meu amor, tão engenhoso em satisfazer-se, não podesse inventar mil prazeres não menos agradaveis que esses, de que me privou Fulbert. Quem aqui me enterrou, tu bem o sabes, foi o pezar de ter offendido a Deus. A desgraça porque passei, pareceo-me um secreto aviso, que nos mandava o céo para nosso bem, de sorte que tomei o cruel Fulbert não por um inimigo, mas sim pelo ministro da vingança do Todo Poderoso. Foi sua divina graça quem me encaminhou para este asilo, onde ainda agora fôra, se m'o não tivessem estorvado meus crueis perseguidores. Levei tudo com paciencia, persuadido que de industria me mandava

Deus essas tribulações, para pôr em provação minha constancia.

Logo que me submetti á sua santa vontade, permittio o Senhor que minha doutrina fosse justificada das falsas imputações, com que a pretendião macular, e reconhecida não só por orthodoxa, mas tambem pela unica, que era isenta de novidades.

Quão ditoso que seria se não tivera outros cuidados, senão os que me dão meus inimigos, nem encontrasse outro obstaculo para minha salvação, senão o de suas calumnias! Mas não é isto o que me faz tremer, Heloïsa; é sim o ver, lendo as tuas cartas, que encubas n'alma uma paixão insensata, e se não a vences, arriscas grandemente a tua salvação. E que ousas aconselhar-me? Que me rebelle contra o espirito santo, e desprezando suas divinas inspirações que, para comprazer-te, te vá enxugar essas lagrimas, obra dos espiritos reveis? N'isto é que havião de vir parar minhas meditações

e penitencias? Não, não, mostremos mais firmeza em nossas resoluções. Se voltámos ao mundo as costas, se nos enterrámos na clausura, foi para chorarmos os nossos peccados, e ganhar a bemaventurança; comecemos pois por entregarmo-nos de todo em todo a Deus.

Sei que em todas as cousas os principios são peniveis; mas grande tambem é a gloria que resulta de emprehendêl-as; gloria que é tanto mais sobida, quanto maiores são os obstaculos que é mister vencer. Reléva portanto que superemos com valor quantas difficuldades encontrarmos no caminho da salvação. Os homens se purificão nos claustros, como no crisol o ouro: quem não leva em paciencia o jugo do Senhor, não póde fazer n'elles longa estada.

Não ha homem por mais perfeito que seja que não tenha por vezes algumas tentações, e taes ha que são uteis. Não é pois de admirar que estejâmos a ellas

expostos, mórmente tendo dentro de nós mesmos a origem de todas as tentações, que é a concupiscencia: assim que, andâmos sempre com ellas a braços. Soffrer, e penar mais ou menos, tal é a sorte dos descendentes d'Adão. Não nos lisongeêmos de vencer as tentações, que de balde trabalharemos em affugentál-as, e resistir a seus assaltos, se nos não adargarmos da paciencia e humildade. Mas facilmente o conseguiremos implorando os divinos auxilios, do que servindo-nos dos meios, que temos de nossa propria colheita.

Sê constante, Heloïsa, confia em Deus, e terás menos tentações; e caso venhão assaltar-te, suffoca-as logo ao nascer, para que não deitem raizes em teu coração. Dá remedio ao mal no principio, disse um author, que se o deixas encruar, tornar-se-ha incuravel. Com effeito assim é, as tentações tem differentes gráos: primeiro não é mais que um simples pensamento, que nos parece innocente, e

nossa alma o agasalha sem desconfiança; depois converte-se em certa idéa lisongeira que nos apraz, e deleita, e a final torna-se uma paixão, a que nos rendemos.

Estou persuadido, Heloïsa, que tratas seriamente de tua salvação, e de facto tal é o objecto, que deve encher teu coração. Desterra para sempre d'elle a Abailard, eis o melhor conselho que te posso dar; porque emfim a memoria d'uma pessoa, por quem nos abrazâmos em criminosas chammas, não póde deixar de nos ser prejudicial, por mais progressos que hajamos feito no caminho da salvação. Quando tiveres de todo em todo vencido essa fatal paixão, que por mim tens, terás mais facilidade para pôr em pratica as virtudes proprias de teu estado: tua alma se desprenderá do terreno envoltario, a que anda unida, e se remontará aos céos. Então te apresentarás com confiança perante o Senhor, não verás no livro da vida escrita a tua con-

demnação, e o Redemptor te dirá: «Vinde, filha minha, participar de minha gloria, e receber o premio eterno, que reservado tenho para os que praticão as virtudes. »

Adeus, Heloïsa, eis os ultimos conselhos de teu caro Abailard. Ah! e quanto desejo poder plantar em tua alma a salutifera doutrina do evangelho! Praza a Deus que teu coração, outrora tão sensivel ao meu amor, abraçasse agora os meus avisos, e por elles se regulasse! Possa a imagem d'Abailard amoroso, que sempre tens presente na memoria, converter-se na d'Abailard arrependido, para que vertas por tua salvação tantas lagrimas, quantas derramaste durante o longo fio de nossos padecimentos.

ABAILARD.

CARTA

D'HELOISA A ABAILARD.

QUERIDO Abailard, talvez imagines que te escrevo para estranhar-te o teu silencio, pelo

contrario aos céos dou graças de não teres respondido á minha ultima carta. É para mim,no estado em que me vejo, não pequena dita encontrar-te insensivel á funesta paixão, que ati me prendia; pois que emfim eis-me para sempre descativada d'ella. Não obstante os protestos que fiz de amar-te eternamente, de não pensar, de não cuidar senão de ti, risquei-te da lembrança, puz-te totalmente em esquecimento. Lisongeira idéa d'um amante idolatrado, já não librarei em ti toda a minha dita! Cara imagem d'Abailard, que sempre ante os olhos tinha, arréda-te de mim; apagar-te quero de minha memoria! Merito transcendente d'um homem,que, a despeito de seus detractores, era a maravilha de nossa idade,e vós tambem, feiticeiros prazeres, a que se entregava sem cessar a infeliz Heloïsa, fugi, fugi de minha lembrança, pois nada mais fazeis, que atormentar-me. Aprenda o mundo, vendo-me inconstante, quão pouco ha que fiar nos feminís

protestos, e quão variaveis, quão mudaveis somos. Mas que! já te turvas? Salteou-te provavelmente esta noticia, e não podes capacitar-te da infidelidade d'Heloïsa. Com effeito a paixão que me tinhas inspirado era tão forte que custa-te a acreditar que a podesse extirpar do coração. Dar-te quero o desengano e tirar-te da cegueira, em que andavas, fazendo-te tocar com o dedo a minha deslealdade, certa que longe de m'a estranhares, de prazer mal poderás conter as lagrimas. Em te dizendo o nome do rival que te roubou meu coração, com mil gabos engrandecerás minha inconstancia, e te empenharás com elle para que nunca mais de mim se aparte. D'aqui deves inferir que quem te rouba o affecto de tua Heloïsa, é o ente todo poderoso, que a creou.Sim, querido Abailard , foi Deus quem me restituïo á paz espiritual, da qual me não deixava gozar a memoria de nossas desgraças. Quem, a não ser o mesmo Deus, justos céos!

poderia desatar-me d'um amor tão extremoso e de tanta dura? Tiveste porventura receio de que podesse um mortal qualquer que elle fosse, delir de minha memoria a tua imagem? Será possivel que tenhas sido a tal ponto injusto, que me supposesses capaz de renunciar por outrem, prescindindo de Deus, ao virtuoso, sabio, e eloquente Abailard? Não, não, lisongeo-me que terás feito de mim melhor conceito, e estou persuadida que mûito desejas saber quaes forão os meios de que o Senhor se dignou servir-se para tocar-meo coração. Dizer-te vou, para que admires a fecundidade dos occultos expedientes de sua divina providencia. Alguns dias depois de te haver escrito a ultima carta, caï gravemente doente, desconfiárão de mim os medicos, e tive por certa a morte. Então foi, não sei se te direi, que meu amor, que até então me parecia innocente, se me affigurou como o mais horrivel peccado. Passo em resenha to-

da a minha vida, e em tão terrivel transe aterrada fico. A morte, que até ali de longe víra; se me antolhou n'aquelles instantes acompanhada de todos os seus horrores, como costuma mostrar-se aos peccadores. Estando a ponto de comparecer perante Deus, tremi de o ver irado, e nos umbraes da morte arrependi-me de ter mal vivido. As cartas apaixonadas que te escrevi, e nossos doces colloquios causavão-me então mais pena, do que prazer alguns tempos atraz. Desditosa Heloïsa! dizia entre mim se é um crime o amar, se na outra vida sabias te aguardava um castigo infallivel, porque não trataste de combater essa paixão funesta? Vê os horriveis supplicios que se te aprestão; contempla com pavor esse espantoso aparelho de tormentos, e lembra-te ao mesmo tempo d'esses vãos prazeres em que te engolfavas. Agora já te peza havêl-o feito. Como é que podestes viver tanto tempo em tal cegueira? N'uma palavra, querido Abailard, faze-

te uma ideia dos remorsos que devião de necessidade retalhar-me o coração, e menos admiração te causará minha conversão.

O retiro é um peso insupportavel para quem não está em paz comsigo. Dá mór vulto aos pezares o silencio, e a solidão lhes serve d'alimento. Desde que aqui estou, que outra cousa não faço, senão chorar meus infortunios. Tremêrão as abobadas do Paracleto com os meus nunca interrompidos lamentos; passei as noites e dias em perpetuo pranto, como uma escrava condemnada a um cativeiro sem fim. Em lugar de me sujeitar aos decretos da Providencia, rebellava-me contra sua santa vontade. Este santo asilo parecia-me uma masmorra, o jugo do Senhor d'um peso insupportavel. Assim que, longe de sanctificar-me com a vida penitente que fazia, infernava-me cada vez mais. Que cegueira! Mas emfim abri os olhos, Abailard, rasguei o véo que me offuscava

a vista, e se devo fazer alicerse nos sentimentos, que hoje me animão, cedo serei digna de tua estima. Já não és a meus olhos aquelle voluptuoso Abailard, que para fallar-me á noite inventava todos os dias novas traças, para deslumbrar a vigilancia dos que nos espreitavão. A desgraça, que a tão doces instantes se seguio, fez com que deixasses a estrada do vicio, e desde então te consagrastes á virtude, sujeitando-te apparentemente á dura lei da necessidade. Eu porèm quer fosse mais terna, quer mais propensa aos sensuaes deleites, soffri mal nossos communs infortunios. Rompi em imprecações contra nossos perseguidores, e pelas cartas que te hei escrito deves de saber a que ponto chegava a minha desesperação, e o odio, que lhes tinha. Isto me malquistou comtigo; meus transportes amorosos te desassocegavão, e talvez, se me quizeres dizer a verdade, desesperaste de minha salvação. Com effeito quem havia de

crer que Heloïsa saïria victoriosa de tão ariscada lucta, e acabaria por domar uma paixão tão violenta? E com tudo consegui-o, e posto que fragil, com o auxilio da divina, graça espero alcançar de meus sentidos a victoria a mais completa. Restitue-me á tua amizade, Abailard, com encarecimento te peço, e tu m'a deves por motivos de religião.

Mas que turvação em mim sinto! Que desconhecido impulso se oppõe á resolução, que formei, de não chorar senão sobre os meus peccados? Justos Céos! será crivel que não tenha ainda desterrado de todo do coração meu funesto amor? Desventurada Heloïsa! Em quanto viva fores tens de amar a Abailard: chora, lamenta-te, que agora mais do que nunca motivos tens para affligir-te; agora é que é forçoso que morras de puro padecer. Visitou-me a graça, e eu prometti de me conformar com seus dictames, e eis que falto aos meus jura-

mentos, e a rejeito por causa d'Abailard. Com este sacrilegio cerro a abobada das iniquidades, e seria necedade lisongear-me de que Deus repartirá commigo os thesouros de sua misericordia. Assás de mûito abusado tenho de sua clemencia. Comecei a offendêl-o desque vi pela vez primeira a Abailard, uma funesta sympathia nos impellio a um commercio illicito. Para nos tirar do peccado, suscitou Deus uma mão inimiga, que nos separou: e em vez de me resignar, lastimo-me, amaldiçôo a desgraça, ao mesmo tempo que idolatro a causa d'ella. Ah! não devêra antes tomar este sinistro acontecimento por um aviso particular do céo, e pôr todo o meu desvelo em combater victoriosamente minha paixão? Não era mais prudente que pozesse em esquecimento o objecto de meus criminosos ardores, que guardál-o no peito entalhado para viver em continuos desassocegos, e pôr em perigo a salvação da minha alma?

Deus grande! pejar-me-ha sempre os seios d'alma a imagem d'Abailard? Não poderei jamais quebrar as prisões, que com elle me vinculão? Mas talvez sem fundamento me assuste : com effeito não vejo em que tenha discrepado da virtude, assiste-me a divina graça. Não te escandalizes, Abailard, desterra todo o temor : não disse escrevendo-te o que verdadeiramente sentia : e esta falta de consonancia entre o meu dizer e pensar, que tanto te tem dado a soffrer não se ha de renovar mais; nem tão pouco me verás, para despertar a paixão, que por mim tiveste, trazer-te á memoria nossos passados prazeres. Desobrigo-te de todos os protestos d'amor que me fizeste de bocca, e por escrito; põe em perpetuo olvido, que foste meu amante, meu esposo, porèm sê sempre meu pai espiritual. Já não espero, que me escrevas como em outro tempo esses ternos bilhetes, que alimentavão a minha paixão; o que te peço sómente é que

me exhortes á virtude, que me aconselhes, e me dirijas nos exercicios de devoção. O caminho da salvação é arduo, e cheio d'abrolhos, mas indo após ti me parecerá facil e agradavel; assim que, sempre me acharás prompta para acompanhar-te. Com mais prazer lerei as cartas, em que me fizeres ver os admiraveis bens que resultão da pratica das virtudes, que essas em que com tanto artificio douravas o veneno da funesta paixão, que tua presença inspira. Nenhuma razão já tens para guardares um silencio obstinado; se o fazes, tornas-te culpado. Quando abrazada de amor insistia fortemente por que me escrevesses; quantas cartas minhas não recebias, antes de determinares a favorecer-me com uma tua! Assim que, não duvidavas negar-me a unica consolação, que me restava, na persuasão que este era o meio de contribuir para o meu socego. Era teu projecto obrigar-me á força de esquivança a desterrar-te da

memoria; porèm agora não tem lugar taes receios. A doença, que felizmente Deus me enviou para sanctificar-me, curou-me a alma, cousa que todo o humano saber, e o teu proprio não teria podido effeituar. Olho para a vã felicidade, que nos embellezava, como se nunca a tiveramos conhecido. Que inquietações não deviamos ter! Que sustos não tinhamos de curtir! Não, Deus meu! não ha n'este mundo prazer sem mistura de dor, senão aquelle que procede da virtude. No meio das delicias do seculo experimentâmos certo desassocego no coração; o qual nunca se aquieta, nunca está comsigo mesmo em paz senão depois que a elle desceis. Que tormentos não soffri, caro Abailard, em quanto, posto que retirada do mundo, conservei n'alma a chamma que me lavrava nas entranhas, quando vivia fóra do claustro! Com que horror não olhava para estes muros! Como me parecião seculos as horas! Quantas ve-

zes me não arrependia cada dia de me ter assim em vida sepultado! Mas depois que a graça me abrio os olhos do entendimento, tudo tomou nova face: revestio-se de mil encantos a solidão, e a paz que n'ella reina se agasalhou em meu coração; sinto interiormente uma doçura indizivel, uma satisfação desconhecida entre os grandes e ricos da terra. Bem caro me custou a paz de que gózo; pois que a comprei á custa de meu amor, sacrificio que me parecia superior ás minhas forças. Desterrei-te do peito, é verdade, mas não has que ter ciúme; pois agasalhei n'elle aquelle, que deveria têl-o sempre occupado com sua divina presença. Bem basta que te traga sempre no pensamento, e que nunca de ti me esqueça. Pensar em ti será meu secreto prazer, praticar os exercicios de piedade, que me prescreveres minha unica gloria. Recebo n'este momento uma carta tua, vou lêl-a, e tenho tenção de responder-te sem dila-

ção. Ao menos verás pela ponctualidade com que te escrevo, que ainda sou a mesma que d'antes era..... Lanças-me em rosto, verdade é que com amor, civilidade, e cortezia, o ter deixado passar tanto tempo sem te ter dado novas minhas. D'esta culpa me absolve a doença que tive; que se assim não fôra já as terias recebido, pois bem sabes que aproveito todas as occasiões de o fazer. Mûito te agradeço o cuidado, que te deo o meu silencio, e os receios que a respeito de minha saúde tens tido. A tua, segundo me dizes, não é mûita, e ha poucos dias que estiveste a ponto de morrer. » Com que desenfado, barbaro, me dás uma nova que sabes o quanto magoar-me deve! Na minha precedente carta te dei bem a ver a que triste estado me reduziria a tua morte; se tens pois em preço a minha vida, faze por conservar a tua, abstendo-te d'essas penitencias, com que mortificas mais do devido o corpo. Representei-te o quanto

era necessario poupar-te, a fim de nos podêres ajudar com teus conselhos, que são para nós d'absoluta necessidade. Não repetirei o que já disse, para te não importunar. « Recommendas-nos que nos não esqueçamos de te encommendar a Deus nas nossas orações. » Ah! meu caro Abailard, seria fazer-nos aggravo, se duvidasses do zelo d'esta communidade, que está sempre prompta a obedecer-te em tudo. Seria impossivel que de ti nos esquecessemos, sendo que és nosso pai, e que fazemos gala de nos intitularmos por filhas tuas. Tu és o nosso guia, confiadamente seguiremos os teus passos no caminho da devoção. A ti compete o ordenar, a nós o obedecer, e executar com fidelidade, e exactidão quanto nos prescreveres. Nem sobre nós tomâmos o infligir-nos a menor penitencia sem teu consentimento, com o receio de seguir os conselhos d'um zelo indiscreto, em vez de nos conformarmos com os dictames da razão, e da

virtude. Numa palavra nada aqui se faz que não seja segundo as tuas ordens. Uma cousa em tua carta me embaraça. Dissérão-te que algumas irmãs minhas com o máo exemplo, que davão, escandalizavão as pessoas virtuosas. Não sei porque d'isto te espantas, sendo que bem conheces de que modo se povoão em nossos dias os mosteiros. Para aqui mettêl-as consultão por ventura os pais a inclinação das filhas? A politica e o interesse são as duas unicas cousas, que óra vogão, e eis o porque se vêem tantas religiosas, que são o opprobrio dos conventos, onde residem. Peço-te com todo o encarecimento de dar-me por meúdo conta dos boatos, que correm ácerca do Paracleto, indicando-me ao mesmo tempo os meios, que te parecerem proprios para dar remedio a semelhante mal. Devo entretanto dizer-te, que a relaxação, de que me fallas, não chegou ainda ao meu conhecimento; desque me advertir d'ella, porei todo o disvelo em

emendál-a. Todas as noites faço a ronda do costume; se acho algumas religiosas a tomar o fresco, mando-as immediatamente para suas cellas, escarmentada com o que aconteceo em alguns dos mosteiros, que se achão nos arredores de Pariz. Emfim rematas a carta com as costumadas queixas contra a fortuna, e invocas a morte, como o desejado fim d'uma vida semeada de tantos infortunios. Como é possivel que um homem d'um talento tão transcendente, qual o teu, não possa ser superior ás desgraças, que ha muito, que são passadas? Que dirião os seculares, se lessem como eu, tua carta? Imaginarião, e não sem fundamento, que o motivo que te impellio a retirar-te do mundo, foi o pejo de te veres no horrivel estado, a que te reduzírão meus parentes. Que diria de ti tambem essa multidão de mancebos, que vêm de tão longe só para ouvirem as tuas lições, e que para esse effeito não duvidão dar de mão aos gostos, e

prazeres da vida secular se soubessem que escravo de tuas paixões, desmentes em particular o que em publico lhes prégas, e cais nas mesmas fragilidades, de que pretendes preservál-os? Não ha que duvidar, que esse Abailard, que tanta admiração lhes causa, esse varão insigne, cuja doutrina com respeito escutão, decairia grandemente da esclarecida reputação que logra, e tornar-se-hia um objecto de desprezo para seus proprios discipulos. Se tão ponderosos motivos não bastão para erguer-te o animo, e fortalecer-te na adversidade, põe em mim os olhos, e assombra-te da resolução, que tomei de encerrar-me n'este mosteiro. Quando me apartárão de ti, estava eu ainda no verdor da idade, e se devo dar credito ao que todos os dias me dizias, podia inspirar a todo o homem decente uma paixaõ duravel, e séria. Se fizéra consistir o amor nos prazeres sensuaes, que d'amaveis mancebos me não terião consolado de tua

perda! Lembra-te dos protestos, que então fiz de amar-te com o mesmo estremecimento, que d'antes. Enxugueite as lagrimas a poder de beijos, e mostrei menos recato, por isso que não tinhas já o mesmo ardor. Ah! que se me amáras finamente, pagar-te-hias dos juramentos, que te fazia, dos transportes, com que os acompanhava, e das innocentes caricias com que te cumulava a cada instante. Razão terias para te queixares, se me víras ir pouco a pouco esfriando do amor, que te mostrava, até olhar-te com indifferença; mas pelo contrario, nunca te dei mais ostensiveis provas do meu affecto, do que depois de tua desgraça. Não rompas pois mais, querido Abailardo, em queixas contra a tyrannia da fortuna; que não és tu só quem a seus tiros serve de alvo; de mais que não convèm que conserves a lembrança dos insultos, que d'ella recebeste. Que vergonha! tens-te em conta d'um grande

filosofo, e não podes consolar-te d'um accidente, a que todo o homem anda exposto! Toma exemplo em mim, que não obstante ser de meu natural d'um genio fogoso e propenso ás paixões mais violentas, sei cohibir-me, lucto com successo contra as mais ternas impulsões, e faço timbre de vencêl-as e sujeitál-as á razão. Como! será mister que uma fraca creatura tenha de dar consolações á mais forte, á que é dotada de mais solido juizo? Mas a que ponto me deixo arrastar d'um zelo indiscreto, d'uma supposição imaginaria? A ti taes invectivas? Como não hei pensado, que estava fallando com um novo padre dos desertos! As virtudes que pregas, quem melhor que tu as pratica? Se te queixas da fortuna, não é porque fosse comtigo escassa de seus dons; nem por ter exercido sobre ti os seus rigores, mas sim porque te dissaborea o ver, que não podes persuadir a teus contrarios com quanta semrazão te perseguem. Deixa-os, Abailard, deixa-os desfechar em ti

todos os seus tiros: continúa a sobjugar a attenção de quantos te ouvem, descobrindo-lhes esses preciosos thesouros, que Deos para ti guardado tinha. Deslumbrados com o esplendor de teus merecimentos, teus inimigos hão de por-fim render-te justiça. Que prazer não seria o meu, se víra toda a gente como eu capacitada de tua inteireza e probidade! Teu merito é conhecido em todo o orbe, e teus proprios inimigos todos concordes confessão que sabes tudo quanto cabe e é dado ao homem saber. Caro esposo, deixa-me servir ainda uma vez d'esta expressão; que eu te fico que será a ultima, é possivel que nunca mais te tornarei a ver? Que antes de morrer não hei de ter a consolação de dar-te ainda um abraço? Que é o que dizes, malfadada Heloïsa? Sabes por ventura o que desejas? Terás a constancia de ver aquelles olhos vivos, e ao mesmo tempo ternos, que com o menor volver te rendia o coração, aquelle garbo magestoso, sem que ardas em zelos, e te arreceies de

quantos a vista põem n'aquelle prototypo de graça e de belleza? Aquella bocca,que desafia os mais ardentes beijos; aquellas mãos,tão proprias para roubar os thesouros do amor; emfim não ha mulher que possa pòr os olhos em Abailard, que se não sinta abrazada d'amor. Foge, foge, ó infeliz Heloïsa, de tornál-o a ver, que se com d'elle te lembrares, assim se te alvorotão os sentidos, que seria de ti se ante teus olhos se mostrasse? Que desejos sua presença não engendraria em teu peito? Como poderias conservar sobre teus sentidos um imperio absoluto, á vista d'um homem tão amavel. É mister que te diga, Abailard, qual é o unico prazer que n'este retiro tenho. Depois de passar o dia comtigo no pensamento, á noite de cançada adormeço. Então em lisongeiros sonhos entrego-me do constrangimento em que estive durante a vigilia, e abandono-me toda ao prazer de praticar comtigo. Vejo-te com todos os teus en-

cantos, e com a vista cevo meus desejos. Confias-me por vezes teus secretos pezares; e de quando em quando deslembrado do perpetuo estorvo, que a nossos deleites posérão os barbaros verdugos, instas por que te adite, e a teus transportes sem resistencia ceda. Então o somno, proprio a nossos ardores, te empresta aquillo de que meus crueis parentes te privárão, e abrazados em amor nos engolfâmos, como d'antes, n'um mar de deliciosas sensações. Mas, ah! quão asinha passais agradaveis illusões, feiticeiros sonhos! Acórdo, abro os olhos, cerco com elles a cella, e não vejo a Abailard: estendo os braços para estreitál-o ao peito, e nada aperto, fallo-lhe, não me responde. Que loucura a minha de fallar de sonhos taes, e mais a ti em quem não fazem abalo prazeres de semelhante natureza. Acaso me engano, Abailard? Vês-me por ventura algumas vezes nos sonhos teus? Em que estado se te apresenta Heloïsa? Fallan-

do-me, serves-te d'aquelle estilo doce, e persuasivo, de que usavas, quando Fulbert me confiou á tua direcção? E quando acordas estás triste ou alegre? Perdoa-me, Abailard, sê indulgente com uma amante que delira. Bem sei que já me não podes mostrar o mesmo ardor, que dava uma alma nova a todas as tuas finezas, e fôra inopportuno exigir de ti uma perfeita correspondencia na vivacidade dos desejos. Demais que havemos sujeitado nosso alvedrio ao jugo de nossos institutos, e cumpre que o supportemos, por mais que nos custe. Observemos pois nossos deveres á risca, e façamos, se é possivel, bom uso do apartamento em que por necessidade nos achâmos. Pelo que te diz respeito, estou sem inquietação, findarás teus dias sanctamente, porque teus secretos pensamentos e desejos sendo, conformes com a virtude, não servem de estorvo á tua salvação; não assim a triste Heloïsa, que continuará a verter lagrimas amargas sem ter a certeza de salvar-se.

Estava a ponto de fechar esta longa carta, e esquecia-me de dar-te parte do que aqui aconteceo não ha muitos dias. Uma religiosa ainda moça, d'aquellas a quem os pais obrigão a professar sem vocação, têve a industria de pôr-se fóra d'este mosteiro, e acompanhada d'um mancebo, de quem era amada, dizem que se embarcára para Inglaterra. É escusado dizer-te que recommendei a toda a communidade guardasse sobre este acontecimento o maior segredo. Semelhantes desordens não terião lugar, se te determinasses a residir ao pé de nós; porque todas as nossas irmãs, contentes de ver-te e ouvir-te, de mais nada tratarião que de aproveitar-se de teus salutiferos conselhos, e optimo exemplo. Se aqui fôras não teria a tal freira formado o projecto de quebrantar seus votos, pondo-se em fuga, como fez. Por que razão não vens exhortar-nos a viver sanctamente? Tua presença sanctificaria nossas acções. Se caïssemos, teu braço auxiliador nos ergueria. Confor-

tadas com teus paternaes conselhos caminhariamos affoutas na estreita senda da virtude. Agora me advirto de que hei escrito mais do que devêra, prova evidente do quanto me apraz a praticar comtigo, e melhor fôra que deitasse ao lume esta carta, pois d'ella verás que ainda me não pude descativar do amor que por ti concebi, sendo que quando me puz á mesa para escrever-te punha o fito em persuadir-te o contrario. Fluctua-me de continuo o animo entre as inspirações da graça e os impulsos da mais violenta paixão : ora uma, ora outra me domina. Tem piedade de mim, Abailard, vê o triste estado, a que me reduziste, e faze que os ultimos dias de minha vida sejão tão ditosos e serenos, como forão desgraçados e agitados os primeiros.

CARTA

D'HELOISA A ABAILARD.

POR POPE.

NESTE solitario asilo, pousada do mais profundo silencio, onde só para o céo s'erguem nossospen-

samentos, que secreto desassocego me faz andar o coração em novos marulhos? Por que peregrina meu animo por fóra dos muros d'este mosteiro? Por que sinto lavrar-me nas estranhas a antiga chamma? É possivel que não tenha de todo desterrado do peito meu insano amor?

Bem me dizia o coração: é d'elle esta carta, eis a sua firma; beija-a ainda uma vez, desgraçada Heloïsa. Abailard!.. nome caro e fatal, não quero proferir-te mais; não me assomes mais á bocca a religioso silencio condemnada. Deixa-te estar lá bem no fundo do coração, onde a imagem d'esse, que dás a conhecer, se acha gravada á par da de Deus.

Que fazes? detem-te, imprudente mão, não o escrevas: mas ai! que já lá te saïo da penna; pois bem, apagál-o-hei com minhas lagrimas. Mas que monta, se nem lagrimas, nem orações para isso aproveitão? Se obediente a mão não faz mais que escrever o que lhe está dictando o coração? Sombrio claustro, de voluntá-

rio martyrio melancolica morada, onde continuamente geme, e se lamenta a penitencia; rochedos dos devotos joelhos já gastados, cavernas eriçadas d'abrolhos, altares ante os quaes vélão noites a fio pallidas virgens; imagens d'esses homens veneraveis, que soubérão vencer-se a si mesmos; ah! porque assim como á força de contemplar-vos perdi o dom da falla, não perdi tambem o da sensibilidade? Que importa que o céo a si me chame, se quando a elle levanto o pensamento, rebella-se-me a natureza, e metade de meu coração fica á terra preso? O fogo, em que me abrazo, não se mitiga com préces e jejuns, nem tão pouco se apaga com lagrimas.

Apenas com tremula mão tua carta abri, querido Abailard, puz logo os olhos em teu nome, e só de vêl-o senti tantas dores, quantas no longo fio de nossos infortunios experimentámos. Triste, mas sempre caro nome! que não possa eu articular-te, sem romper em

palavras de dor, e em lagrimas de ternura! Toda estremeço, se com'o meu deparo; porque temo seja annuncio de novas desgraças, e é o que vejo em todas as regras de tua carta, que leio em lagrimas debulhada. Ora sinto-me abrazada no mais puro, no mais terno amor; ora entrego-me á mais violenta desesperação, por me ver na flor da idade emparedada n'esta solidão, onde a religião dá morte com as armas da penitencia ás mais nobres paixões, ao amor, e á gloria.

Escreve-me entretanto, meu caro Abailard; abre-me teu peito, e verás como com tuas dôres misturo as minhas, como te rendo suspiro por suspiro. Tal é o unico allivio que tenho, allivio de que me não podem privar nem os fados, nem os homens. Será caso que Abailard seja mais rigoroso, que os primeiros, mais cruel que os segundos?

Seja-o mûito embora; senhora sou de minhas lagrimas, e não pretendo ser d'ellas avara. Por amor verterei as que

devêra derramar por contrição; nem já outro emprego a meus tristes olhos cabe: chorar, e ler será a unica occupação que d'hoje em diante tenhão.

Confia-me os teus pezares, não me negues esta triste consolação: faze ainda mais, lança-os todos á minha conta. As cartas forão inventadas para allivio dos desgraçados, para consolação do amante da patria desterrado, para refrigerio da amante nos claustros encerrada. As cartas vivem, fallão, exprimem quanto dizer-se póde de mais terno, de mais affectuoso: por meio d'ellas dous corações, que se amão, explicão sem temor quanto sentem, quanto lhes volve no interior. As cartas enganão as penas da ausencia, vencem a distancia, e transportão d'um pólo ao outro os magoados suspiros.

Ingenua, tu bem o sabes, quão sem suspeita corri ao encontro de teu amor contrafeito em amizade. Emprestava-te a fantasia a belleza d'um anjo; teus olhos desferião um brando lume, parecido

com a luz do céo. Cuidando que nenhum perigo corria em contemplar-te, amava-te sem que o menor remorso me pungisse. Se em harmoniosos hymnos cantavas os louvores do Todo-Poderoso, affigurava-se-me que se abrião os céos, e que os serafins vinhão escutar-te. Se prégavas, imaginava que as divinas verdades, que annunciavas, se tornavão mais sublimes passando por tua bocca.

Que preceitos, sendo por ti ordenados, serião para mim difficeis de executar? Ah! para me persuadires que não era crime o amar, não foi mister matares-te mûito; porque antes que n'este ponto me tocasses, dos mais ardentes desejos possuida, já tinha receios não fosse uma creatura celeste, e não um homem aquella a quem humanamente idolatrava. Como a eterna bemaventurança se me apresentasse ao longe, envolta nas nevoas do porvir, não invejei ao paraiso a sua gloria, porque achava superior a de viver comtigo.

Quando meus parentes insistião por que fizesse escolha d'um marido, quantas vezes não disse entre mim: Leis que amor não dicta por crueis as tenho. Amor de sua condição isento, qual leve passarinho, apenas de longe enxerga as prisões do himeneo, desprega as azas, e subito se trânsmonta. Embora preenchão as honras, e riquezas os desejos d'aquella,que sujeita a cerviz ao jugo do matrimonio; embora acatem-na todos; embora logre uma reputação sem macula: que valem estas apparencias de mentida ventura em comparação dos prazeres, que traz comsigo uma amorosa affeição! Reputação, honras, riquezas, que sois vós a par d'amor? Este Deus cioso vendo-se desdenhado entra em colera, e vinga-se accendendo turbulentas paixões no coração d'aquelles que profanão seus fogos, buscando n'elles outra dita, que a de amar.

Se a meus pés víra o maior monarcha do universo, se elle me offerecêra seu

throno, e seus thesouros, tudo sem vacillar, rejeitaria. Do mesmo Cesar engeitaria a mão, para ser dama d'aquelle que me cativou o coração, e se podéra pertencer-lhe por outro qualquer titulo, que mais doce e mais livre fosse, faria d'isso maior gala. Ha ahi ventura que se possa comparar com a de duas almas, que estreitamente unidas se amão sem sujeição no regaço da simples natureza, a cujas leis unicamente obedecem? Reina então em dous corações uma só vontade, um só prazer logrâmos: amâmos, e somos amados. A bocca exprime as mesmas ideias, os olhos os mesmos desejos; eis o em que consiste a verdadeira felicidade, e tal era em mais ditosos tempos a sorte d'Abailard, e d'Heloïsa.

Quão asinha se convertêrão em tristezas as alegrias! Que horrores de improviso se me debuxão na fantasia? É por ventura o meu amado quem ali vejo atado, despido, e banhado em sangue?

Onde estavas, Heloïsa, em tão critico momento? Teus gritos, teus transportes, tua afflicção farião sobreestar a execução de tão crueis ordens. Barbaros! que fazeis? Guardai-vos de pôr n'elle as mãos; fartai em mim a sêde, que de sangue tendes, ou ao menos, pois que ambos somos réos do mesmo crime, dai-nos a ambos a mesma pena..... Aperta-se-me o coração com dôr, vendo seus padecimentos. Deixai-o, senão por piedade, por pudor..... O rubor que me acode ás faces, e os frequentes soluços me embargão a voz.

Bem lembrado deves de estar d'esse dia triste, e ao mesmo passo solemne!, em que me apresentei ante os altares, como uma victima destinada ao mais cruento sacrificio. Que lagrimas não vertêrão estes olhos n'esse fatal momento! Na primavera da vida dizia para sempre adeus ao mundo, e com os gelados labios beijava uma, e outra vez o véo sagrado. Tremêrão os altares, quasi que se apa-

gárão as lampadas, duvidou o céo da victoria, os anjos se assombrárão ouvindo meu sacrilego voto. Entretanto adiantei-me para o terrivel sanctuario com os olhos postos, não na cruz, mas sim em ti; que minha vocação não procedia de religioso zelo, nem dos impulsos da graça; quem a tão duro sacrificio me impellia era unicamente o amor. Assim que, morria ao mundo por ser para mim morto meu amante.

Vem pois, querido amigo, vem suavizar-me as magoas com teu divino olhar, com tuas doces fallas; não te privárão d'isso os barbaros. Deixa-me reclinar sobre teu peito, deixa-me matar a sêde que tenho d'essa doce peçonha, que hei bebido em teus olhos, ou antes em teus labios. Dá-me o que tens; que eu suprirei com a imaginação ao que te falta.

Mas que digo! Longe de mim tão peccaminosos pensamentos: vem antes instruirme-me em meus deveres, e sobre felicidades mais puras, e mais duraveis

commigo praticar. Descerra-me os olhos, faze-me uma viva pintura das glorias do paraiso, para que minha alma toda se entregue a Deus. Se não annues a meus votos, lembra-te que o deves fazer em attenção a estas innocentes companheiras, que tão merecedoras são de teus desvelos. São ovelhas tuas, plantas por tuas mãos cultivadas, emfim filhas de tua devoção. Deixárão o mundo na aurora da vida, e fôrão por ti conduzidas a este retiro, fundação tua. Tu déste vida e alma a este deserto, e em novo Eden o transformaste. Aqui não se vem lastimar o orphão, vendo embebida nos ornatos de nossos altares, nem no rico lagedo do pavimento a maior parte da paterna herança, nem ornão as paredes d'esta capella magnificos paineis, e soberbas imagens de precioso metal, deixas estorquidas aos agonisantes, ou offertas feitas pelo cego desejo de ganhar o céo pelos mesmos meios, com que seus authores se tornárão dig-

nos do inferno. Simplez e desenfeitado o nosso mosteiro perfeitamente se harmoniza com a singeleza das almas, que n'elle morão, e retumba mais agradavelmente com os hymnos em louvor do Creador.

Se viesses a este solitario retiro, onde devemos passar o restante da vida; se te mostrasses n'este mosteiro, cujas majestosas abobadas serião de continuo envoltas na mais escura noite, sem a frouxa luz que nellas penetra pelos colorados vidros; teus olhos dissiparião as trévas, em que estamos sepultadas, e espalharião por toda parte a mais viva claridade. Agora porèm nada ha que nos alegre a vista; jaz tudo na mais profunda tristeza. Só gemidos se ouvem, só lagrimas se vem correr.

Vem, meu pai, irmão, amigo, esposo: por tão caros, tão sagrados nomes apiada-te de tua serva, de tua irmã, de tua filha, de tua esposa emfim. Sem ti não está em meu poder o entregar-me à con-

templação, nem assignar um rumo certo a meus inquietos desejos. Já para mim não tem encantos o magnifico espectaculo da natureza. Com indifferentes olhos contemplo os magestosos pinheiros, que povoão a rampa das empinadas serras, cujos ramos verdenegros rugem com a fresca viração da manhã e da tarde; nenhum prazer me causão os cristallinos arroios, que serpeando se debrução do cume dos montes, nem outro sim as profundas grutas onde murmurão ruidosas aguas, e os lagos cuja superficie se encrespa com a ventante briza. Tudo quanto outrora me lisongeava os sentidos já não tem posses para suavizar-me as magoas, para conciliar-me o somno. A negra melancolia assentou morada n'estas matas; escondem estas abobadas e grutas os ossos de innumeros finados, reina em toda parte o silencio da morte. Sim é a melancolia, quem com a mão de chumbo empasta a pintura de tão alegres sitios.

Perdem á vista d'ella as flores a viveza de seus matizes, veste-se de negra côr o verde arvoredo, e os placidos ribeiros, em vez de murmurarem brandamente, se despedação com fragor horrendo nas quebradas dos rochedos. Incute susto e pavor quanto nos rodeia, e todavia aqui tenho para sempre de estar, triste e fatal padrão da obediencia, com que cumpro as ordens do dono de meu coração. Só a morte, sim só ella poder tem para romper os grilhões, que me prendem. Este claustro tem de ser o depositario de meus gemidos, nelle se esfriarão meus ardores, nelle descançarão minhas cinzas, felizes se poderem misturar-se com as tuas!

Malfadada Heloïsa! O mundo te tem em conta d'uma das esposas de Deus, sendo que não és mais que a serva, a companheira d'um homem, n'uma palavra uma vil escrava do amor. Valei-me, Deus, e Senhor meu! Mas que digo? Porque seu santo nome invoco, se o

que me impelle a dirigir-lhe minhas supplicas não é a piedade, mas sim a desesperação? Como! e é possivel que n'este sagrado asilo da castidade dou culto ao amor? Arrependo-me, sem querer emendar-me. Chóro a perda de meu amante, e não meus peccados. Conheço o mal, desapprovo-o, e nada obstante, abraço-o. Tenho pezar de me haver abandonado aos sensuaes prazeres, e ao mesmo tempo trato segunda vez de engolfar-me nelles. Ora êrgo para o céo os olhos, e imploro o perdão de minhas culpas; ora ponho em ti todo o meu cuidado, e mudando de opinião folgo de as ter commettido, e de boa mente renuncio á innocencia.

Como queres que te ponha em esquecimento, e que deteste minha propria fraqueza, se a causa d'ella existe no fundo de meu coração? Quando d'elle desterrál-a intento, então conheço quanto me é caro o seu author, e não cabe em mim o detestar o crime, amando

aquelle que m'o fez commetter, de sorte que umas vezes me deixo vencer do amor, outras do arrependimento.

Que penivel dever para um coração, como o meu, de continuo atribulado! Quem!.... eu vencer uma paixão que em minha alma deitou tão profundas raizes! Para recobrar a antiga tranquillidade, e paz do espirito, quanto será mister que batalhe, ora com o amor, ora com o dever? Quantas vezes não tenho de arrepender-me, de recaïr nas mesmas faltas, de amar e de desamar o objecto que idolatro, emfim de recorrer a mil expedientes, tirando o de pôl-o em esquecimento! Mas não... feito é de meu amor! Nenhum receio já d'elle tenho; está consummado o sacrificio. Vem sem susto, vem, meu pai, meu director; ensina-me a domar a natureza, a renunciar ao amor, á vida, a mim, a ti mesmo emfim; enche-me de Deus o coração, que só elle occupar póde o teu lugar.

Feliz, oh tres e quatro vezes feliz a

virgem que ao Senhor se consagra! Esquece-se do mundo, e do mundo esquecida em paz profunda se lhe deslizão os dias. Abnegando-se a si mesma, não abrangem a muito os seus desejos. Reparte o tempo entre o trabalho, e o descanço. Dorme d'um somno tranquillo; véla e ora, quando é mister velar, e orar. Moderada em seus desejos, constante em suas inclinações, suas lagrimas são meritorias, suas orações de Deus acceitas. A graça divina continuamente lhe assiste; os anjos que sobre ella velão lhe mandão á noite doces e innocentes sonhos, em quanto o esposo se apresta a metter-lhe no dedo o annel nupcial. Um sem numero de virgens vestidas de branco entoão mil hymnos em seu louvor. Para ornar-lhe o peito crescem e florecem no Eden immarcessiveis rosas, e os serafins sacudindo as nevadas azas derramão sobre ella os mais exquisitos perfumes. Soão as celestes harpas quando finalmente morre, ou antes quando

assombrada com a visão da gloria do paraiso cái n'um doce deliquio.

Quão differentes são dos seus meus sonhos, e extasis! Quando no cabo de cada um dos tristes dias. que n'estas solidões passo, me entrego ao somno, appareces-me com todos os teus encantos, como no dia em que a meus olhos pela primeira vez te mostraste. Cessa de prégar-me a consciencia, e vem tomar-lhe o posto a natureza. Docil ás suas lições toda me entrego á contemplação de tuas perfeições. A lembrança da noite, em que te concedi os primeiros favores, me enche de prazer, e ao mesmo tempo de tristeza. Se durmo, sonho que estás ao pé de mim, fere-me os ouvidos o doce som de tua falla; se acordo nem te ouço, nem te vejo, e por mais que estenda os braços, nada aperto; foge de mim a tua imagem com a mesma crueldade, com que tu me esquivas. Fecho outra vez os olhos na esperança de engolfar-me de novo em tão doce sonho, e tacitamente

exclamo : Brandas illusões, feiticeiros prestigios vinde ainda uma vez suavizar-me as magoas. Mas ah ! que se me appareces é para errar commigo por aridos desertos, maldizendo teus barbaros verdugos.

Sobes então a uma antiga torre dos annos arruinada, que abarca em torno a sarmentosa hera, e cujo empinado cume se debruça para o mar. Fallas-me como se estiveras no empireo; eis que de improvisto separão-nos espessas trevas, mugem as vagas, e os ventos furiosos horrendamente bramão. Arrepião-se-me as carnes, gela-se-me nas veias o sangue, acordo horrorisada, e acho-me nesta triste solidão rodeada dos negros pezares, que de dia me acompanhão.

Comtigo a certos respeitos foi menos rigoroso o destino; porque, se te privou dos prazeres, isentou-te tambem das penas. Tua vida symboliza com o mar, quando não venta a mais leve bafagem: está por assim dizer de leite teu coração,

o vento das paixões não lhe perturba a serenidade, e teu somno é semelhante á morte do justo.

Vem, meu querido Abailard; de que te arreceias? O facho do amor nas mãos dos mortos não arde, não alumia, e pois já te não é dado amar podes afouto ver-me. Em ti morreo a natureza, e resuscitou a religião. Reina em teu coração a indifferença mais completa; e sem embargo ama-te ainda como d'antes a sensivel e malaventurada Heloïsa. O' chamma sempre duradoura, e sempre infeliz, quanto te assemelhas a essas lampadas sepulchraes, que aquecem inutilmente frigidas urnas, e alumião insensiveis cinzas!

Mas já novas lisongeiras scenas me salteão os olhos. Para onde quer que os volva vejo as mesmas encantadoras, e perigosas imagens; para onde quer que me encaminhe as mesmas fieis me acompanhão. Quer véle ao pé dos tumulos, quer ore prostrada ante os altares, ellas

me fascinão os olhos, e me revolvem os seios d'alma. Cruel Abailard! porque fatalidade te vens tu sempre pôr entre Heloïsa e Deus? Se ouço entoar os sagrados hymnos, affigura-se-me que distingo a tua voz; se me recommendo a Deus, tenho-te sempre no pensamento, e cada supplica que lhe dirijo é acompanhada d'uma lagrima, que por teu respeito verto. Quando se erguem dos thuribulos enroladas nuvens de pio aroma, quando os sonoros sons do orgão retumbão nas abobadas do templo, se a menor circumstancia te traz á minha memoria, nella para sempre estampado ficas. Desvanece-se a pompa toda; padres, tochas, templos, tudo se me furta da vista. Brilhão com mil luzes os altares, rodeão-nos os anjos com o mais profundo acatamento ajoelhados, e eu insensivel a tudo empégo-me no mar tempestuoso da mais violenta, e criminosa paixão.

Em outras occasiões, quando banhada em lagrimas de contrição humilde-

mente me prostro ante o throno do Todo Poderoso, e oro com todo o fervor; quando a graça victoriosa se dispõe a baixar sobre mim, porque não vens tu com todos os teus encantos oppôr-te aos decretos da providencia, contender sobre o dominio de meu coração, abater com o lume de teus olhos seductores a claridade das celestes felicidades, desviar de mim as enchentes da divina graça, tornar emfim infructuoso o meu arrependimento? Ah! porque não vens arredar-me da estrada do paraiso e arrancar-me dos braços do mesmo Deus?

Que é o que digo, e a que excessos me arrasta meu insano amor? Não venhas, não; pelo contrario vai-te para bem longe d'estes sitios; mete entre mim e ti montanhas, mares; nunca mais me appareças, nem me escrevas, risca-me inteiramente da tua lembrança, e sobre tudo faze que eu te apague, se é possivel, da minha; que só assim me poderei ver livre dos tormentos, de que tu es o unico causador.

Desde hoje desobrigado está Abailard de seus juramentos; nem jamais quero de semelhante individuo lembrar-me. Faça elle tambem da sua parte por aborrecer-me, por tomar aversão a tudo quanto me diz respeito... Seductora imagem que mal a meu grado tenho insculpida no coração; lisongeiras idéas, que com tanto prazer n'alma agasalhava.... a deus... adeus para sempre vos digo. E tu, graça divina, dom celeste, doce esquecimento das lidas d'este mundo, esperança sempre renascente, filha do céo, mãi da alegria; tu que nos fazes gozar por anticipação da immortalidade, vem, peja-me o coração, estabelece n'elle tua morada, hospede doce e amavel, e engolfa-me a alma na mais profunda paz. Deitada sobre a fria loisa da sepultura a triste Heloïsa te invoca, e por tua vinda suspira. Mas que é o que ouço? Sera o rumor do vento? Não, não... alguem por mim chamou, nem é esta a primeira vez que isto acontece.

Uma noite estava eu sentada ao pé

da funerea lampada, que alumia o jazigo de nossas irmãs, de improviso uma voz rouca, que parecia saïr d'uma das sepulturas, assim me diz: Vem, triste irmã; eis o teu lugar, debaixo d'esta loisa encontrarás com o descanço por que suspiras: tambem, como tu, fui victima do amor; como tu, passei os dias em continuos sustos, em nunca interrompido pranto, orando ao pé dos altares; e só deparei com a paz, quando entrei no eterno somno. Aqui cessão de queixar-se os desgraçados, aqui enxugão as lagrimas os amantes; aqui emfim a mesma superstição despe seus vãos temores, porque se acha em presença d'um Deus bom, e muito mais indulgente, do que o são os homens.

Já vou, já vou... Anjos do Senhor aprestai para mim os odoriferos bosques, as immarcesciveis flores: já ahi vou; em breve me acharei n'esse lugar, onde os peccadores paz e socego achão, onde as chammas impuras, que n'este

mundo nos abrazão são totalmente desconhecidas. Caro Abailard, ajuda-me a bem morrer, ameniza-me o final transito, cerra-me os encandeados olhos, e recebe minha alma, envolta no meu ultimo suspiro. Mas não, vai-te antes revestir, toma tremendo n'uma mão a tocha e n'outra o crucifixo, apresenta-m'o, ensina-me, e aprende ao mesmo tempo a morrer. Em me finando, podes apascentar sem peccado n'essa, que amaste, os olhos. Vê como já me começão a desmaiar do rosto as rosas, como em meus olhos se vai apagando o lume da vida, como se vão arrefecendo as mãos; toma-as nas tuas, Abailard, estreita-as ao teu peito, até que de todo rendida cesse de respirar, e de amar-te ao mesmo tempo.

Quão eloquente és, ó morte! Só tu nos podes fazer entender quão desajuizada é a paixão, que tem por objecto um pouco de barro.

Tempo virá tambem em que essas fei-

ções que tanto poder sobre mim tivérão, serão alteradas e de todo consumidas: quando essa hora fôr chegada, a Deus rogo de ti arrede as agudas dôres, e angustias, que acompanhão o penivel transito da vida para a eternidade, e te mande um doce e santo extasi. Rodêem-te seus anjos o leito, e baixe sobre ti um raio da celeste gloria. Venhão ao encontro de tua alma os bemaventurados, e te recebão nos braços, como soïa fazer a extremosa Heloïsa.

Oxalá descancem n'um mesmo tumulo as nossas cinzas, e seja a memoria de nossos amores tão duravel, como a de tua fama. Então se nas futuras éras algum pár amante, acertar de aqui vir, lendo nosso epitaphio, sentir-se-ha profundamente abalado. Molhar-se-lhe-hão os olhos, e olhando-se um para o outro dirão. «Se muito amárão, muito padecêrão; queirão os céos que assim como os igualámos no amor, os não igualêmos no infortunio! »

Sim, quantos aqui vierem hão de dar lagrimas á nossa sorte. No meio da pompa augusta de nossos sagrados sacrificios, se alguem puzer por acaso os olhos na fria pedra, que esconder nossas cinzas, apertar-se-lhe-ha o coração com dôr, e distrahido de suas contemplações, lastimará nosso destino.

Se algum alumno das musas com igual rigor fôr da fortuna maltratado; se separado d'uma amante curtir os males da ausencia; se seu amor fôr tão duravel, e tão intenso, como o nosso; para adoçar seus pezares, tome por empresa mandar á posteridade a lamentavel historia de nossos infortunios. Aquelle que vivamente os sentir, este só poderá dignamente celebrál-os.

HELOISA.

CARTA

D'ABAILARD A HELOISA.

CARA, e sensivel Heloïsa ! É possivel que aprouvesse á Providencia que fosse ter a essa soli-

dão, onde moras, a triste relação de nossos infortunios, por mim escrita unicamente para consolar um amigo da perda de seus bens? Mas porque me queixo da Providencia, se a ella devo esta terna carta, que a fio de lagrimas rego; mas convèm por ventura dizer-te o quão abalado fiquei, quando, pondo no sobrescripto os olhos, reconheci o elegante talho de tuas lettras, de tuas lettras, que erão em mais felizes tempos meu conforto, minha unica alegria? E porque não? Porque te occultarei que não pude ler tua carta sem beijál-a no fim de cada frase, com ardor igual áquelle em que meu peito se abrazava, quando com o teu unido andava. Beijando-a, cuidava beijar-te as mãos. Que de lagrimas não hei vertido sobre meu triste destino, todas as vezes que me vem á memoria minha passada ventura! Feliz de mim se essas lagrimas não são effeito d'uma fraqueza condemnavel! Que mais que muito é certo, que quantas vezes em ti

penso, tantas assume sobre meu peito seu antigo imperio o amor; mas emfim esse amor é um dever, Heloïsa; e quem ousaria criminál-o? Os votos, que fiz de dar renuncia ao mundo, não podem ter rompido o vinculo sagrado, com que um a outro unidos fomos. Embora os homens o considerem por dissoluvel, o contrario o disse aquelle que recebeo nossos juramentos; aquelle que é a mesma verdade. Mas que importa se contrahi novas obrigações, se voluntariamente fiz renuncia da metade de mim mesmo, se disse, para sempre, a Deus á esposa a quem ternamente idolatrava?

Quando reflicto, querida amiga, que tantas graças, quantas te adornão, e esse corpo, obra prima da natureza, tudo se ha de resolver em pó depois de ter sido manjar dos vermes, sôa-me n'alma uma voz, que me diz: « Abailard! Nada n'este mundo é estavel. Estes prazeres tão appetecidos cedo ou tarde vem

a cavar a ruina dos que a elles se entregão, condemnando-os a penas sem fim.» Cumpre que o amor, que a Deus devemos sobreeleve de muito ao que temos pelas creaturas, que são feitura sua. Amando a Deus, immolando-nos por elle, temos a esperança de gozarmos da eterna bemaventurança. Amando uma mulher, que felicidade podêmos aguardar? Um momento de prazer as mais das vezes acompanhado de remorsos. Taes são as reflexões, ou antes as verdades que me suavisão as magoas. Ellas me impellirão a prostrar-me ante os altares, e a jurar a Deus de submetter-me sem murmurar a seus santos decretos. Depois que cavei mais n'esta materia, vim a descobrir que esta união do homem com a mulher, que nos parece tão bella, nada é mais que um encaminhamento para a corrupção, e impureza, todas as vezes que ella tende unicamente á satisfação dos sentidos. Ousarei dizer-te, que o que me levou a desposar-te

foi tão sómente o desejo de saciar meus brutaes ardores? Talvez fosse essa impureza o motivo, porque Deus permittio que me imprimissem no corpo estas marcas vergonhosas, que hão de baixar commigo á sepultura. Céos! Que não esteja em meu poder o delir da memoria o funesto acontecimento, que me separou para sempre d'aquelle a quem mais, que a propria vida, amava? Mas que importa que estejamos separados, se nossos corações estão unidos, e unidos estarão, querendo Deus, quando já nos não baterem nos peitos?

Muito folgaria de escrever-te mais amiúde, e de receber amiúde lettras tuas. Porèm mais que muito receio, e não sem fundamento, que seja esta correspondencia occasião de novos pezares, perturbando a doce paz de que gozâmos. O fogo que jaz debaixo da cinza occulto, e quasi apagado, em correndo algum ar, facilmente se torna a accender, e o que no peito ambos encubâ-

mos com qualquer cousa póde arder em ala. O piloto que vê imminente a tormenta acolhe-se ao primeiro porto, que encontra; e nós que somos tão occasionados a naufragar, por que razão iremos afrontál-a? Deixemo-nos estar em nosso abrigo, e contemplemos postos em seguro os imprudentes, que se engolfão no pego tempestuoso das paixões. Obrigâmo-nos debaixo dos mais solemnes juramentos a viver no mais austero retiro; seja pois o nosso unico emprego o chorar sobre nossas faltas. Cerremos os ouvidos aos conselhos do espirito tentador, que nada mais deseja, que perturbar nosso socego. Amemo-nos muito embora, com tanto que nosso amor seja casto, e puro, conforme o voto que fizemos, quando professámos. Abailard se desquita d'Heloïsa, como Heloïsa se desquita d'Abailard, e oxalá possamos viver um de outro deslembrados, como antes de nos termos conhecido. Dar-me-hião sempre muito gosto as tuas cartas,

se não me arreceára de mim mesmo, que não sei se o desejo que tenho de receber noticias tuas provèm ou não do amor, que ainda te guardo.

Faço quanto em mim está para sujeitar-me aos decretos da Providencia; porèm a pezar de todas as minhas lettras ignoro ainda quaes elles sejão. As reflexões que faço sobre a turvação, que n'alma sinto, me engolfão n'um mar de incertezas, e perplexidades, as quaes me fazem entrar em grandissimos receios ácerca de meu estado actual. Se para meditar mais á minha vontade, buscando a solidão, me aparto dos demais religiosos, afigura-se-me que te vejo á testa d'um rancho de virgens consagradas ao Senhor, fallando-lhes com tua affabilidade natural, exhortando-as com doces, e eruditas praticas, animando-as com os mais palpaveis exemplos. Parece-me que vejo baixarem sobre ti os anjos, e transportarem-te ás celestes moradas. Porèm mal volto para o claustro,

estes rochedos escarpados, estas montanhas inaccessiveis, a vasta extensão do mar, onde a vista se perde, os desertos, as praias, onde se quebrão com furor as ondas; emfim quanto n'estes sitios inspira horror furta-se-me de repente dos olhos, e tu te mostras com todos os teus encantos, como quando pela primeira vez me appareceste.

Não attribuas á indifferença o meu silencio; que não está em mim o riscarte da lembrança, nem é possivel, que o fizesse, tendo o amor gravado tão profundamente em meu coração a tua imagem.

Nos primeiros tempos depois de professar, perturbavão-me de continuo o somno as lembranças do tempo passado, porque a graça não tinha ainda operado; porèm agora que ella começa a inclinar-me o animo para a devoção, estou persuadido que atinei com os meios de tornál-a preponderante.

Ponhamos em eterno esquecimento

esse dia fatal, em que o amor desfarçado com o manto da mais terna amizade, pela primeira vez te pôz nos meus braços; esqueçamo-nos dos doces prazeres que desfructámos em paz, depois que o hymeneo legitimou nossa união; porque emfim não ignoras a que excessos me arrastou a paixão que me inspiraste, nem a que vergonhoso cativeiro me vi reduzido. Em tal estado de cegueira estava, que nem o temor de Deus, nem a obrigação, que temos de consagrar-lhe certos dias do anno; nem mesmo esses deveres com que cumprem as pessoas menos devotas; nenhuma consideração emfim, quer fosse divina, quer humana, era capaz de pôr freio ao torrente que me arrebatava. Para satisfazer meus brutaes desejos, a nada guardava respeito, nem attentava se era, ou não, a semana santa. Esses dias solemnes, que os mesmos impios guardão respeitosos, não bastavão para arrefecer meus criminosos ardores, e se por ventura por

motivos religiosos oppondo-te ás minhas sollicitações, tratavas com razões de dissuadir-me, e de fazer-me entrar em mim mesmo, todo furias te compellia a fazer-me a vontade, já recorrendo a ameaças, já despregando toda a authoridade, que sobre tua pessoa tinha. A paixão em que por ti me abrazava era tão violenta, e a tal ponto me havia cegado os olhos do entendimento, e apagado as luzes da razão, que não sabia nem o que me convinha, nem o que para tua dita relevava que fizesse. Meu proprio interesse, o teu, o da nossa salvação, e até mesmo o da religião nenhum abalo me davão, e na cegueira implicada, e mais que muito deploravel, em que andava, tudo sacrificava a meus brutaes ardores, dos quaes não ouso lembrar-me, sem que me corra pelo rosto o pejo. Foi pois por um effeito de sua justiça, ou antes de sua misericordia, que Deus se servio da barbaridade, e traição de teu tio para privar-

me do orgão que se tinha tornado a séde da concupiscencia, e que era occasião para que vivesse sujeito ao imperio dos sensuaes prazeres. Com effeito esta parte de meu corpo dominava sobre todas as outras, que a seu despeito erão obrigadas a sujeitarem-se a suas ordens absolutas, e tyrannicas.

Mas não sobresaltemos os tempos, começemos pelo principio: meditemos, cara Heloisa, sobre a causa primeira de nossos infortunios, e acharemos, que o modo por que Deus permittio que eu fosse punido é justo, e conforme em tudo á razão: consideração esta que deve em parte adoçar nossos pezares. Sim, merecidamente nos castigou Deus, e mais justificadamente o fez no tempo em que com o sacramento do matrimonio encobriamos a impureza de nossos corações, do que quando solteiros nos abandonavamos á redea solta aos sensuaes prazeres. Para te convenceres d'esta verdade, traze á memoria, terna ami-

ga, o modo por que vivemos depois de casados, e as gravissimas culpas, em que cahimos. Não te lembras que quando residias na abbadia d'Argenteuil, eu te fui clandestinamente ver só para o fim de satisfazer a minha paixão, sem attender á santidade do lugar, onde moravas? E as culpas sem conta que commettemos antes do matrimonio, assentas tu que não merecião um castigo exemplar? Parece-te, por ventura, uma venialidade a affronta, que a teu tio fiz, abusando de sua confiança, e violando os sagrados direitos da hospitalidade? Não o authorizei eu a atraiçoar-me, tendo-o primeiro tão indignamente atraiçoado? Pensas que uma leve incisão, uma dôr momentanea basta para expiar tão enormes culpas? E que não fizeste tu? Não te lembras que te disfarçaste em religiosa, quando me vi obrigado a tirar-te de casa de teu tio, para occultar-lhe o teu estado, e poupar-te os dissabores, que erão inevitaveis, se d'elle

se advertisse? Deus é justo, e em castigo de haveres profanado os habitos religiosos, quiz que te visses obrigada a tomál-os, e a trazêl-os com todo o respeito.

Tambem o foi commigo, permittindo que me acontecesse o sabido desastre, afim de libertar-me da paixão violenta, que me inspiraste. Tendo sempre diante dos olhos tuas adoraveis feições, ainda depois de possuir-te, com o mesmo ardor te idolatrava; tu eras minha divindade, o unico emprego de meus cuidados, e tão cego andava que mesmo a Deus te antepunha. Que dizes, infeliz Abailard? São estas as inspirações da graça, que affirmavas te havião purificado o coração? Queres romper os grilhões, que te prendem ao carro dos mundanos prazeres, e folgas de estender a pena recontando os desatinos, que te reduzírão a tão triste cativeiro, e beijas os mesmos ferros que insoffrido rojas?

Perdoa-me este transporte, cara Heloïsa, e roguemos ao Senhor se digne apagar de nossa memoria essas feiticeiras, e perigosas imagens. Vê tambem se podes banir da tua as maximas, que n'ella inculquei, quando te dava lições. Conhece quão falsas erão, pois as dictava a concupiscencia, e o desejo de satisfazer ás minhas paixões. Era o pai da maldade quem me dava essa eloquencia insinuante, que nos deitaria a perder, se Deus não me acodíra. Enfeitei o crime; pintei-t'o com as côres da virtude, fiz-te tomar o mais violento veneno confeitado no mel mais saboroso; tomei-o tambem por minhas proprias mãos em avultada dose, ensinando-te, como em tua carta me fazes lembrar, que não era crime o amar: e o peior é, que cheguei a persuadir-te, e a persuadir-me a mim mesmo que dizia a verdade. Ah! E quão cegos que andavamos ambos!

Verdade é que nosso amor era constante, e immudavel, e sobrelevou mui-

to mais de ponto, depois que ante as aras do hymeneo com sagrados vinculos o legitimámos. Adorada amiga d'um esposo, que ternamente amavas, com razão te parecião crueis quantas leis não são por amor dictadas; com razão antepunhas ao amante rico o amante fiel, e sincero. Tal era então o nosso estado; assim passariamos contentes as raias da vida. Houve jamais no mundo sorte mais feliz, mais invejavel que a nossa! Ah! E quão mudados estão os tempos! Indissoluveis votos para todo sempre nos segregão do genero humano. Cruel lembrança! Voárão com a rapidez do pensamento, para nunca mais voltarem, tão puros, tão donosos dias. Que triste, que medonho porvir! Para nunca mais !... Como é para desesperar esse: « nunca mais! »

Estreita, e semeada de abrolhos é a estrada da virtude. Quão difficil é o seguíl-a sem desvio! Quantas difficuldades e tropeços n'ella a cada passo se encontrão! Tomei por empresa o guiar-te

e eisque apenas encéto a jornada, érro-a, e me extravio. Quanto escrevo tende a resuscitar a memoria de nossos criminosos ardores, e a avivar o fogo do amor, que jazia encoberto debaixo das cinzas da austeridade. Estou gravemente doente, e não sabendo curar-me pretendo dar saúde a quem está muito menos doente. Omnipotente Deus! Só vós tendes o poder de mudar os corações dos homens, de convertêl-os á razão; empregai-o pois, Senhor, arrancando d'alma d'um peccador o dardo agudo, que de parte a parte a atravessa. Fazei que entrando em si dê a final de mão a tudo quanto de vós o desvia.

Mandas-me em tua carta que tua vocação foi um mero fingimento, e antes um effeito da cega obediencia, que a teu amante prestavas, que resultado de divina inspiração. Conhece-te a ti mesma, Heloïsa, melhor do que até hoje tens feito. Posto que tua conversão não fosse, segundo me quer parecer, mais sin-

cera, que a minha, nem talvez tanto, nem por isso deixou ella de ser um effeito da graça; veio, não duvides da fonte pura, d'onde dimanão todos os pensamentos, e obras que são agradaveis ao Senhor, e sua infinita bondade nos é caução de que elle ha de pôr o sello á sua obra. Porèm como a distancia d'um extremo a outro, do vicio á virtude seja vastissima; para vingál-a requer-se muito tempo, e não se póde conseguir sem passar por varias privações, e trabalhos. Afferrar com a esperança; motivo tens para o fazer, pois já não é tão pouco o que sacrificaste; belleza, mocidade, educação, bens de fortuna, emfim quanto os homens prezão, quanto é objecto de seus mais ardentes desejos. Podias passar no seculo folgadamente a vida, mas não sem algumas tribulações, e no cabo d'ella gozar da eterna bemaventurança; o que alcançarás com mais certeza, e tambem com mais privações no claustro. Ora um sacrificio

tão desinteressado, e espontaneo; uma deixação volontaria de quanto no mundo tem valia devem necessariamente vir d'aquelle supremo Ser, que véla por nossa salvação. Por seres naturalmente timida, e modesta, custa-te a crer que fosses para tanto, e taxas de falsa tua vocação. Enganas-te, e o succedimento te fará ver que foi o Senhor quem te inspirou essa resolução. Pede-lhe pois se sirva de dar a ultima demão á sua obra.

Pelo que me diz respeito, que hei feito?Que é o que deixei, e qual é o meu merecimento? Nenhum: Um bando de barbaros verdugos contra mim encarniçados, cevão seu furor em meu sangue, privão-me do que servia de instrumento a meus carnaes prazeres, e deixão-me sem sentidos envolto nas sombras da morte, e a braços com agudissimas dôres. Passada a furia, forão-se contentes com o mal que me havião feito. Quando tornei em mim d'aquelle mortal deli-

quio, achei-me n'um lago de sangue, mutilado, e para assim dizer, desbautizado do nome d'homem. Na desesperação em que entrei quiz despejar-me d'uma existencia, que os barbaros me tinhão conservado, para mais me anojarem, porèm faltárão-me as forças, e tornei a perder os sentidos.

Esta narração te horrorisa, e todavia por mais exagerada, que possa parecerte, não é mais que uma mortacôr d'essa tragica scena.

Que victima offereci pois ao Senhor? Uma ovelha magra entrezilhada, o rebotalho do rebanho: um corpo desfigurado, cuja vista inspira horror; um navio batido dos temporaes, e de todo em todo desaparelhado; um objecto emfim mais capaz de desafiar a sua justiça, que de merecer a sua misericordia. Não tendo outro regresso, disse adeus ao mundo: e que faria n'elle? Como ousaria apparecer em publico? Fundido no pégo da miseria, todos olharião para

mim com desprezo; adeus attenções, obsequios, prazeres, de tudo me via para sempre privado. De que modo me podia remir d'um tal gráo de desestima? Era lance forçoso morrer ao mundo, pois que meus verdugos por uma piedade barbara me havião deixado a vida. Com effeito o unico regresso que tinha era a solidão, porque tudo o mais devia parecer-me insipido, triste, e enfadoso.

Fiz profissão, e como sabes o por que, julga qual das duas foi mais meritoria, se a minha, se a tua. Por isso é que temo me desassista o Senhor, e seja minha conversão menos sincera, do que desejava que fosse. Ah! E como não beijaria as mãos que a tal estado me reduzirão, se ao mesmo tempo me houvessem privado do sentimento, e apagado da memoria a imagem d'aquella, que sempre n'ella trago.

Em nossas mãos está, ó Heloïsa, o importunar o Céo com supplicas, não

assim o enganál-o. O Senhor, a quem nada é occulto, vê quanto tenho no coração, sabe qual foi o motivo por que entrei em religião, e carrega a mão no castigo. O bicho roedor, que em minhas entranhas se apascenta, é um monstro por elle enviado para atormentar-me eternamente, e só elle o póde affugentar. Porèm se sua justiça é infinita, não o é menos a sua misericordia; n'ella ponho toda minha confiança, e a ella espero me encommendes em tuas orações.

Dizes-me que vá passar algum tempo na vizinhança d'esse mosteiro, para te instruir nos deveres da religião; pintar-te ao vivo os prazeres da bemaventurança, e emfim ensinar-te o modo por que deves viver para andares com Deus unida. Verdade é que nada me estorva de fazer-te a este respeito a vontade: mas certamente não pensaste no que escreveste. Quem eu!... ir ter comtigo no estado a que me vejo reduzido? Não o

permitta Deus! Seria expôr-me a um perigo certo, e querer acintemente perder o pouco fructo, que de minhas austeridades colhêr posso: seria emfim avivar o fogo, que tanto me reléva de todo em todo apagar.

Não, não, Heloïsa: ainda me não acho com forças para tanto; ainda tenho mui presente na memoria tua imagem, e Deus sabe o que padeço. Como queres que te ensine quaes sejão os teus deveres, se com os meus não cumpro; que te dê vista, se estou cego? Pelo que diz respeito á gloria do paraiso, estou que a pintura, que d'ella fazes, deve ser mais conforme com o original, que a minha. Assim que, de nossas practicas não colheriamos outro fructo, senão o de resuscitar o antigo incendio, e recaïr talvez nas mesmas faltas.

Quanto ao andares com Deus unida, isso só elle o póde fazer; porque só elle tem o poder de dispôr como lhe apraz de nossos corações. Vê tu pois em que

precipicio me despenharia, se tivesse a desgraça de condescender com o que desejão. Foge, diz o apostolo, e tal é o unico regresso, que me resta, para ver-me livre d'um inimigo tão perigoso, qual tu és. Não cuides que assim te appellido por odio que tenha, nem que por indifferença te esquivo. Se o faço é porque sei quão inevitavel seja o perigo, que nos parece agradavel, se temos a imprudencia de o encarar de perto. Na fuga está a salvação, tudo o al é nada. Mal por mim, que nem fugindo me acho em seguro, pois que por toda a parte me acompanha a tua imagem; nos mais apartados desvioscom ella deparo, quanto mais se fôra ao pé de ti!

Heloïsa! cruel Heloisa! Que fizeste dando-me a entender que podiamos ainda um dia ver-nos? Só de em tal pensar sinto-me abrazado no antigo incendio que em meu peito ateaste. Se é certo que contra os males d'amor não ha melhor remedio, que a ausencia, cumpre

que para sempre renuncie a ver-te, e que ponha todo o disvelo em olvidar-te.

Se engolfado na meditação de todo me entrego a Deus, vem-me o teu nome a meu despeito á bocca: reprimo-me, chamo em meu soccorro a razão; faço um firme proposito de pôr-te em esquecimento, eisque quando menos imagino sobe-me ao espirito a lembrança dos prazeres, que junto a ti logrei, e quantos projectos hei feito se tornão irritos. Como! não me será licito gozar da serenidade, que disfructão as almas puras? Se prostrado ante a imagem da mãi do Redemptor imploro humildemente sua poderosa intercessão, acho não sei que semelhança entre as suas feições e as tuas, e fóra de mim em vez de orar, faço mil protestos d'amor, e de ternura. Se taes effeitos em mim produz a lembrança de teus encantos, que seria se na realidade te víra, e te fallára! O mais prudente pois, é o conservar-me onde

estou e fugir de ver-te. A mim cabe o servir-te de exemplo, e todavia não tenho mais forças, que o arbusto recem plantado, que o menor vento derriba... A Deus, que já assás o tenho offendido, occupando-me d'uma sua creatura.

Não esperes pois que te va ver, senão quando estiver certo de ter feito maiores progressos no caminho da salvação; quando,despido de paixões,puder fallarte com a serenidade e paz, proprias d'uma alma christã, e não no estado em que actualmente me vejo.

Para me obrigar a condescender com teus desejos,escreves-me em nome d'essa communidade. E com effeito só o interesse d'ella me determinaria a apparecer n'esse mosteiro. É meu rebanho, são plantas por minhas mãos cultivadas, como dizes, e não sem fundamento. Mas ellas forão commettidas a teu cuidado, e certo que não podião estar em melhores mãos. Não sei que possa fazer mais do que tu fazes. Brandas, e persuasivas

exhortações, optimo exemplo, vida edificativa, tudo em ti achão essas, que a teu cargo tens. Que iria eu pois fazer n'essa morada de paz, cuja simplicidade está attestando o pouco caso que dos bens da terra fazem as que nella morão; onde reina o silencio da penitencia, a deslembrança, e desprezo das vaidades do seculo; onde tudo é harmonia, devoção, piedade? Que iria eu ahi fazer com uma alma agitada de remorsos, e sempre occupada da idéa das passadas desordens, sobretudo achando-me na presença d'aquella, que foi causa innocente d'ellas? Bem fóra de estado estou de manter n'esse retiro a doce paz que nelle reina. Debaixo do governo d'um director, combatido de mil paixões, necessariamente estiarião na devoção as religiosas, seguirião com menos assiduidade os diversos exercicios de penitencia, emfim tudo mudaria de face, e o exemplo dos superiores alteraria a boa ordem d'uma casa, de que fui o funda-

dor. Fallo no plural, porque supponho que tua vocação não sendo ainda bem decisiva, e consolidada, naturalmente minha presença deve produzir em tua alma o mesmo abalo, que receio faça na minha a tua : quero dizer, certa cegueira de entendimento, a que se não possa dar remedio ; accidente este que é mais para temer da tua parte, que da minha. Porque como ha muito estás privada do uso d'um certo sentido, a presença de teu antigo amante deve produzir n'elle grandissimo abalo. Da minha parte tambem, posto que a barbaridade dos verdugos me tenhão tirado os meios de contentar os meus e teus desejos, resta-me ainda um certo não sei que, de que ainda mal, me não podérão despojar. Desorte que não posso fazer alicerce na calma de meus sentidos; pelo contrario quanto mais impotente sou, tanto mais libidinoso me tornaria; e a sombra e arremedo do vicio seria ainda mais para escandalizar da minha parte, que não da

tua a realidade. Sou pois algum tanto menos infeliz do que tu, porque não tenho contra mim senão um vão desejo; sendo que tu pelo contrario tens de luctar com o teu temperamento, e com a memoria sempre fresca dos passados deleites. Males taes não se curão senão com a ausencia, e macerações.

Dá pois de mão a um projecto, cujas consequencias, bem vês, quão funestas são; e para nos conformarmos com os dictames da prudencia, talvez fosse acertado pararmos com esta correspondencia, como me dás a entender, posto que de leve, até segunda ordem; isto é até que nos achassemos com forças para resistir a tentações taes: o que só de Deus devemos esperar, e de sua infinita misericordia.

Com todas as véras da minha alma te peço, e aconselho que aguardes pelo remedio d'esta enfermidade moral, que o Senhor nos tem promettido, e que não póde tardar muito, segundo de teu esta-

do conjecturo. Elle foi quem te fez entrar n'esse mosteiro; castigou-te pelo lugar mais sensivel, privando-te de teu amante; obrigou-te a combater tuas proprias paixões; armas taes não dá elle senão a seus escolhidos, para assegurar-lhes a victoria. Padeçamos por amor de J. C. que por nós tanto padeceo; offerece ao Redemptor tuas penas; tu o podes, pois voluntariamente te despediste do mundo, o que é já uma boa obra. Não posso eu dizer outro tanto; porque se padeci agudas dores, e se passei pela maior das affrontas, foi unicamente por teu respeito: e com quanto estes padecimentos tenhão abatido a effervescencia de meus sentidos, pouco meritorios são perante Deus, porque se a elles me expuz, fil-o por amor d'uma creatura. Vê pois se tenho ou não razão de estar inquieto, e de ter necessidade de tuas orações, e das de toda tua communidade.

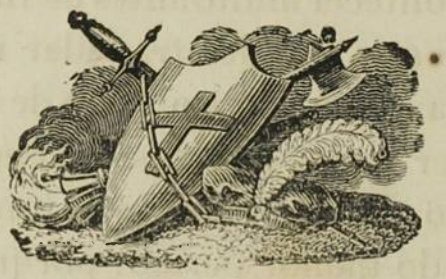
Não ha que esperar gozar, em quanto vivos formos, d'um só momento de tran-

quillidade; tenhâmos por certo que o primeiro dia de descanço, que havemos de ter ha de ser o ultimo de nossa existencia; que só a morte póde pôr termo a nossos males, despojando-nos de nosso terreno envoltorio, e fazendo-nos gozar da felicidade, que o Senhor reserva para os que n'este mundo por elle padecêrão.

Quando o Eterno, que tem em suas mãos o destino de todos os homens, decretar que seja cortado o fio de meus desgraçados dias; o que naturalmente deve acontecer muito antes de tua morte, peço-te que mandes trasladar meus ossos para esse mosteiro, afim de que possão jazer ao pé dos vossos. Será então occasião de nos acharmos juntos sem receio do menor perigo, porque então tudo será reduzido a nada; e o amor, a esperança, o temor, as lembranças, os remorsos nada mais serão, que um mero sonho; um fumo, que o menor vento dissipa. Vendo o meu cadaver entrarás em ti, e entenderás quão desajuizada

cousa seja o pôr todo o teu affecto n'um pouco de pó, e preferir um corpo, que tarde ou cedo deve ser manjar de vermes, ao Ser todo poderoso, e immutavel, que é só quem nos póde abastar o coração, e fazer-nos gozar d'uma felicidade sem fim.

ABAILARD.



EPISTOLA

D'Heloisa a Abailard.

Aqui, onde a innocencia tem morada,
Onde paz em silencio eterno habita,
E os corações, a duras leis sujeitos,
Por escolha e dever os passos seguem

Da sã virtude; qual ardor profano,
Funesto a meu repouso, nos sentidos
D'uma Vestal, que é fraca, se levanta?
Quem mal-extinctos fógos hoje accende?
Ès tu, insano amor, que vens de novo
De um coração sensivel tomar posse?
Ah! quanto eu m'enganava! eu amo, eu ardo;
Eu ainda adoro.... Nome sempre caro,
Abailard.... O' querido! eu te idolátro!
Uma e mil vezes leio a tua carta;
Mil vezes minha bocca amante beija
Da tua mão as conhecidas lettras:
Caro Abailard!... Que horror! N'este retiro
Como teu nome articular me atrevo?
Mas ah! que involuntaria o tenho escripto!
O que esta mão traçou, o pranto apague.
Deus vingador! perdoa se eu suspiro:
Tu não consentes que escrever eu possa
A um terno esposo; e a teus crueis decretos
Heloïsa se humilha. Mas que digo!..
O meu coração dicta, e a penna ob'dece.
Prisões, onde a virtude voluntaria
Como victima geme, e se arrepende,
Bem que sem crime. Lugar, aonde o homem,

Louco destruidor d'um ente fragil,
Seus dolorosos ais aos céos envia.
Duras pedras, e vós gelados ossos,
Que de flores e canticos honrâmos;
Quando Abailard, quando um esposo adoro,
Porque, assim como vós, serei eu fria?
Insensivel serei, como vós sois?
Em vão lá do seu throno um Deus me chama;
Eu cedo á natureza vencedora
Sobre os sentidos meus victoria indigna.
Ferros, cilicios, orações e votos,
Tudo é baldo. Meu pranto não extingue
O fogo ardente que meu peito abrasa.
No momento em que li teu triste escripto,
Do teu peito fiel depositario,
Meu pranto, o' Abailard! corrêo de novo.
De ternura e d'horror querido objecto,
Ah! que amor em teus braços me incantava!
E amor longe de ti meu chôro excita!
Ora de verde myrtho ornada a fronte
Inda a meus pés contente julgo vêr-te;
Ora pelos desertos vagabundo,
De cilicios, de cinza e pó coberto
De teus annos na flor de todo extincto,

E á sombra dos altares esquecido....
Aqui é que Abailard, e que Heloïsa,
Quando a religião de zelo armada
Seus ternos laços d'uma vez desata,
Vêm a viver um do outro não lembrados?
Aqui é que chorando e aborrecendo
O seu triumpho, pizárão aos pés
A gloria sua, e seu amor ardente?
Mas, ah! escreve-me antes, e formemos
D'esta correspondencia prisões novas;
Tu chora os meus, que eu chorarei teus males.
E Echo, de amantes tristes companheira,
Os mutuos ais repetirá sentidos.
Dos nossos inimigos, e da sorte
Não se estende o poder a nosso pranto.
Sim elle é nosso, e nós carpir podêmos.
Tu dizes que a um Deus elle só toca:
Cruel eu te perdi..... Tudo hei perdido.
Lagrimas de meus olhos tudo arranca:
Tu para mim não vives, e com tudo
Por ti sómente é que meu pranto corre.
E será certo, o' Deus! que os desditosos
Com ais e chôro o teu prazer augmentem?
Eu quero que escrevas. Este incanto,

Este de um peito terno desafôgo,
Esta conversação deliciosa,
Que sem se ouvir, e sem fallar s'intende;
Esta arte de escrever quasi divina,
Sem duvida que foi piedoso invento
D'uma captiva amante, e de um amado
Por miseros desvelos agitados.
Os dedos de uma triste amante pintão
Da sua alma escondidos sentimentos:
Seu peito se descobre, e ali sem pejo
Os seus ardentes votos soltos vôão.
Ah! de nossa união tão livre e pura
A terra e o mesmo céo têm feito um crime!
Quando o meu coração ao teu ligado,
D'amor e de amizade tu me davas
Em nome da virtude lições meigas,
Teus olhos sobre os meus nadando em gosto
Do fogo das paixões então brilhavão;
Minha alma foi co'a tua confundida,
Um Deus em ti sem susto contemplava:
Um erro assim busquei que me illudia.
Ah! e quão facil te era hallucinar-me!
Tu fallavas... minha alma obedecia-te.
Tu me pintaste o amor de incanto cheio...

E a doce persuasão dos teus discursos
No já vencido peito insinuaste.
Ah! que da tua bòcca para a minha
Ella pelos teus labios se passava!
Eu te amei; e o prazer fiel seguindo,
Fracas lembranças do alto Deus eu tive.
Estimação, dever, honra e prudencia
Hei tudo, por te amar, sacrificado.
Eu te adorava, e em tão suave engano,
Da terra o resto para mim perdido,
Meu Deus, meu universo em ti só via.
Quando tua alma emfim á minha presa,
Serrar-me instava de hymeneu os laços,
Eu te disse: « Querido, que pretendes?
Amor crime não é, mas sim virtude;
Para que é pois tyrannas leis impor-lhe?
E de vin'clos politicos cingil-o?
O amor não é escravo; independente
No coração dos homens elle nasce,
Qual puro sentimento de alma pura.
Nosso gosto liguemos sem que seja
Necessario tambem ligar as sortes.
Ah! pensa que hymeneu atar só deve
Dos amantes sem fé vulgares almas.

Meus prazeres, meus bens no amor encontro;
O firme amor insidias não receia.
Basta amar, e seguir a natureza.
Aprendamos a amar-nos mutuamente,
E só no puro amor, amor busquemos.
Que dos rêis o maior, deixando o throno,
Venha a meus pés depor diadema e sceptro;
Que seu fastoso amor do altivo solio
Aos atractivos meus a mão offreça;
Ver-me-hão todos preferir aquelle,
Que soube do meu peito achar a entrada,
Ao monarcha, ás grandezas, e a mim mesma.»
Abailard, tu o sabes, o meu throno
Só no teu coração hei collocado.
Eu no teu coração só tenho as pompas,
Os titulos, a gloria, a honra, a fama.
Todos os nomes que a fortuna inventa
Rejeito altiva, e só me lisonjeia
De *tua amante* o nome; e se inda ha outro,
De mim mais digno, e que melhor explique
Meu terno amor, por ti vaidosa o tomo.
Oh! meu caro Abailard, e quanto é doce
Amar e ser amada! Esta a primeira
A mais santa das leis; o resto é nada.

Quem mais felice do que dous amantes
Pela vontade e sentimento unidos?
Os jogos e os prazeres os ajuntão:
Elles pensão e fallão livremente;
A alegria confundem com deleites,
Gozando sempre, e sempre desejando.
Seus corações contentes não conhecem
Nojosos dias; e preside sempre
Uma doce illusão a seu destino.
Em aurea taça a longos tragos bebem
Dos males e dos não-fruïdos gostos
Eterno esquecimento; se ha ditosos,
Seus corações de certo a dita lógrão.
A bemaventurança que buscâmos,
Amor a dá. Amor ao prazer guia;
Os mais perfeitos bens no amor existem.
Tal foi, caro Abailard, a nossa sorte....
Quanto o tempo ha mudado! Horrivel dia!
Dia espantoso, em que atrevido ferro
Em mão culpavel... Como! e eu não tenho
A feroz violencia reprimido!
Desgraçada Heloisa! que fazias?
A desesperação, a voz, os braços,
E minhas tristes lagrimas devião.....

Nada... nada suspende a brutal raiva...
Crueis, detende, olhai que é meu esposo;
Eu só ás vossas mãos morrer mereço,
Amor punis, e amor é meu delicto,
Eu amo com loucura, eis a culpada;
Feri sem susto... Ah! não quereis ouvir-me!
O sangue corre... Barbaros! e como
Meus gritos, minhas lagrymas, o mundo
Julgará criminosas? Por ventura
Meu destino cruel chorar não posso?
Nossos prazeres jazem destruïdos:
O resto dil-o a côr das minhas faces.
Mas que teimoso fado nos persegue,
E de um em outro abysmo nos arroja?
Oh! qnerido Abailard, pinta se podes
Minha sorte funesta. Aquelle dia
Recorda, em que de flores coroada
Prompta a dar o terrivel juramento,
Tua mão té o altar guiou meus passos.
Dia fatal, em que ambos detestando
O destino implacavel, foi nas aras
Uma por outra victima immolada!
O dia, em que em desejos toda ardendo,
Jurei deixar o mundo e seus prazeres!

De um véo sombrio e santo apenas tinha
Tua tremente mão coberto o rosto
Da triste amante; apenas eu beijava
A sacra veste, os ferros, os cilicios
Para mim destinados: eis do templo
De repente as abobadas tremêrão;
Escureceo-se o sol, e luz escassa
Das sepulcraes alampadas, convulsa,
Vacillava: com tanto espanto ouvia
O céo os votos, que por ti não erão!....
Que já não erão pelo fido amante!
Tanto do seu triumpho o mesmo Eterno
Duvidava! Eu te deixo, e é custoso
A um Deus acreditál-o. Ah! com bem causa
Elle da minha fé desconfiava.
Eu sua me chamei, e a ti sómente
No peito por senhor reconhecia.
Vem tu, o' caro amante! não me prives
Do gôsto de te ver e estar comtigo;
Dos meus prazeres é o derradeiro
Que o triste coração deixar pretende.
Apressa-te Abailard, que inda podêmos
A dita conhecer; em nossos olhos
Procurál-a, encontrál-a em nossas almas.

Eu ardo... de amor sinto as vivas chammas.
Ah! deixa-me encostar sobre o teu seio
Até desfallecer: sobre os teus labios
O halito respirar dos nossos fogos.
Que momentos. Abailard! que deleites!
E não os sentes-tu! oh! prazer novo...
Oh! alegria... oh! gostos, que me afogão!
Aperta-me em teus braços, e com força
Ao coração me cinge; deixa que ambos
Assim nos enganemos. Quanto é bello
Passar a vida n'um tão doce engano!
Teu funesto destino já me esquece:
Cobre-me de caricias e de beijos,
Que eu satisfeita sonharei o resto...
Que digo? não, querido, não me escutes:
Ha outros bens, que tu mostrar-me deves.
Vem conduzir-me aos pés do santuario;
Ensina-me a gemer, e a sujeitar-me
A tão saudavel jugo; e se é possivel,
A' tua imagem preferir me ensina
O meu Deus, seu amor, e a lei da graça.
Ah! vem, não te dilates; pensa ao menos
Que das vestaes o timido rebanho
De conductor carece. Estas donzellas,

Ao Senhor consagradas, instruidas
Por tua voz, baixando a docil fronte
A's tuas leis, em tão agrestes climas,
Os teus vestigios seguirão submissas.
D'este nosso retiro os sacros muros
São obra tua. Em cima d'estas penhas
Tu dos jardins d'Eden nos preparaste
Delicioso encanto; das virtudes
Morada, habitação campestre e simples,
Sem fausto, sem grandeza, qual ser deve.
Dos bens dos orfãos não enriquecida,
Nem do ouro de um fanatico adornada,
A solida piedade ahi habita,
E das riquezas o logar occupa.
N'este recinto escuro, aqui debaixo
Das capellas sombrias, e das altas
Torres, que o dia penetrar não póde,
Tu n'outro tempo a luz introduzias.
O sol no seu zenith luzia menos;
Da tua gloria os raios só brilhavão:
Mas hoje que Abailard aqui não vive,
Tudo da fusca noite toma as côres.
A lugubre tristeza involta em sombras
Atraz de nós caminha; eu ouço a todas

Procurar Abailard, e as minhas dôres,
Sem ti, por todas repartidas vejo.
D'estas irmãs o triste pranto me insta
Que a voar a seus braços te conjure.
Oh! engenhosa e falsa caridade!
Tenho eu, além do amor, outra virtude?
Vem, escuta-me só, eu só te chamo.
A' mortifera dôr, que me devora,
Sê, Abailard, sensivel e sê brando.
Tu, que eu achava pai, achava esposo.
Irmão, e amigo; tu, que dos amantes
Ês tido pelo amante o mais querido;
Já por ventura em mim não vês a esposa,
A filha, a amiga, e mais que tudo a amante?
Vem, que estas arvores frondosas, estes
Pinheiros atrevidos, cuja rama
Se alonga ás nuvens, e no céo se perde;
Estas de prata liquidas correntes,
Que fugitivas pelos prados gyrão;
A abelha, que das flores tira o favo;
O deleitoso Zephyro brincando
Na sombria floresta, a grutta, o lago,
E todo este espectaculo risonho,
Que a natureza próvida offerece.

O rigor dos meus males não abranda.
O triste dissabor, do tedio filho,
Tudo n'este lugar, corrompe e murcha.
Sécca a verdura, e pallidas as flores
Sobre o seu tronco desbotadas morrem:
Não respira Favonio, Echo emmudece,
E as aves só gemer nos bosques sabem.
Este o lugar, onde captiva e presa
Em lagrimas banhada a vida passo.
Mas inda assim n'esta horrida morada
Meu coração de amor gosta o veneno:
Minha virtude aqui é só devida
A' tua ausencia, aqui mil vezes tenho
A fôrça da pureza detestado.
Quem? eu o amor domar, quando enlouqueço
De amor? meu coração para este esforço
É por ventura feito? antes que possa
Minha alma conhecer o que é descanço:
Antes que da razão vencidos fiquem
Os rebeldes desejos; quanto ainda
É necessario amar, e arrepender-me,
Desejar e esperar? D'ahi a pouco
Desesperar e sentir? e n'esse instante
Combater, anciar-me? finalmente.

Emprender tudo, menos o esquecer-te?
Imperiosa lei! Funesto jugo!
Qual é pois meu dever? e n'este estado
Como posso chamar-me? serei perfida!
E com que nome queres te designem
Tu, que de um Deus esposa, por um homem
Ardes? o' Deus severo, tem piedade
Da minha confusão; inspira, ordena
A meus sentidos tuas leis austeras.
Tu foste que do nada a luz e o mundo
Produziste. Precisas porèm hoje
De todo o teu poder. Já se não tracta
De crear: hoje é mais, hoje é forçoso
Que o amor de Heloïsa extincto fique.
Grande Deus! e ser-te-ha possivel isto?
Minha afflicção, meu pranto armas te pedem
Contra um caro inimigo; e tão contrarios
Meus votos são, que mais que os meus excessos,
Da tua mão receio os beneficios.
Irmãs e companheiras innocentes
De meus erros; vós pombas lagrimosas
Que, debaixo dos porticos sagrados,
Só conheceis as languidas virtudes
Que a Religião dá... e que eu não tenho;

Vós, que ao lethargo do mosteiro entregues,
Desconheceis do amor o doce imperio;
E vós emfim que só a Deus amais
Por uso sim, e não por sentimento;
Oh! quanto vossas almas são ditosas!
Ellas são insensiveis: puros dias
Quietas noites em socego passão;
O grito das paixões não vos perturba.
Ah! e quanto Heloïsa vos inveja!
Ella arde ainda quando nasce a aurora,
Na escura e fria noite ella arde sempre,
E adormece sonhando co'os amores.
O somno apenas os meus olhos fecha
Que o solicito amor, affavel, meigo,
Juncto a mim carinhoso me recorda
As suspiradas noites, noites caras
A meus ardentes votos; doces noites,
Que os prazeres ao somno disputavão!
Abailard vencedor se me apresenta;
Eu o ouço, eu o vejo... Agita-se minha alma...
Eu o abraço... Elle a mim todo se entrega:
Uma doce illusão me cala as veias;
Meu pranto do prazer as portas abre!
Mas que pouco eu gózo d'estas vãs imagens!

Despertando, a razão sobre estes quadros
Que o somno lisonjeiro me offerece,
Vem a correr a cortina da verdade.
Não, querido Abailard; tu já não sentes
Estas agitações crueis, nem sentes
Do crime as chammas: e no triste estado,
A que te reduzio a negra sorte,
Tua vida é um somno doce e brando,
Da morte imagem; sem calor teu sangue
Circúla em tuas veias, á maneira
Das puras aguas d'um quieto lago.
Teu coracão gelado já não serve
De throno de Cupido, e os quebrantados
Olhos buscão com pena a luz do dia:
Nem n'elles brilha o fogo em que me abrazo;
Mas são inda mais bellos que d'aurora
Os matutinos raios. Vem amado;
Que temes tu commigo? que receias?
Já de Venus o facho não te queima.
Sendo agora insensivel ás caricias,
Como ainda temer pódes fraquezas?
Pareço eu inda aos olhos teus formosa?
Bem como as tochas funebres, que junto
Das sepulturas ardem, sem que animem

As frias cinzas; sobre os teus sentidos
Meu amor puro nada mais consegue:
Teu coração extincto não se inflamma;
E de Heloïsa amado, amar não póde.
Ai de mim! e é possivel, que eu te inveje
Destino tão acerbo? estes deveres,
Estas leis, que aborreço da clausura;
A solidão, e seu horror tranquillo;
Nada a meu coração arrancar póde
Tua doce memoria. Quer afflicta
De pranto banhe os tumulos sombrios;
Quer junto dos altares com gemidos
Meu Deus implore; tumulos, altares,
E o lugar magestoso, nada póde
Minha alma distrahir. De ti cercada
Eu só por ti respiro, a ti só vejo.
Nos canticos sagrados eu só ouço
A tua voz; e quando sobre o fogo
Minha convulsa mão o incenso deita,
Quando a nuvem cheirosa ao céo se eleva,
Por entre o denso fumo é tua imagem
Que eu ver sómente julgo. Abertos braços
Com força para ti então estendo;
E ficão os meus votos vãos e nullos,

E perdidos de todo. O templo ornado
De flores, nossas festas sumptuosas,
Todo este culto magestoso, nada
Tem que enganar-me possa. Quando junto
Do altar, em vivos fogos abrasados,
Os mesmos anjos respeitosos curvão
As frontes com temor; até no instante
Mais terrivel dos mysterios sacros,
Entre suspiros, orações e preces;
Quando a todos o santo mêdo occupa,
Meu coração ardendo n'outras chammas,
Teu nome invoca, e só por ti suspira.
Teme com tudo, o' Abailard! teme
Que um supremo poder, por arrancar-me
De ti, tambem me arranque a Heloïsa.
O nosso Deus um dia fallar póde
A este meu coração amante e cego:
Ah! d'este Deus rival triumpha ainda.
Para mim voa, certo de que te amo:
Abailard, nos meus braços a Deus vence.
Sim, vem... entre Heloïsa e o mesmo céo
Te atreve a apresentar-te; chega, chega
Este meu coração a disputar-lhe:
Meu coração é teu .. Mas ah! que digo?

Não, cruel; foge, foge para longe
Da tua amante; cede, cede ao Eterno
A semiviva Heloïsa; immensos mares
Se empolem entre nós; do vasto mundo
Habitar vamos as oppostas ribas.
Quando no seio do meu Deus apago
O meu amor, té respirar receio
Os mesmos ares que Abailard respira.
Receio ver seus pés assignalados
Na solta arêia; temo finalmente
Por toda a parte olhar a imagem sua.
É do crime ao pezar mui longa a estrada;
Mas do pezar ao crime ha curto espaço.
Não venhas, o' querido! eu já não vivo
Para ti: eu te torno os juramentos:
Em mim não penses mais. Adeus prazeres
Da minha alma illudida tão queridos.
Adeus suaves erros de uma terna
E desditosa amante; eu já vos deixo:
Pôde o meu coração ao duro golpe
Emfim determinar-se. Adeus esposo,
Adeus caro Abailard... e adeus tudo.
Mas que sentida voz gemer se escuta
N'esta minha alma attonita! ah! seria...

Sim... é ella... a minha hora está chegada.
Uma noite (por entre as sepulturas
Eu vagava) a funerea e negra tocha ,
Lampejando a intervallos , já e todo
Entre as opácas sombras se escondia :
Quando lá de uma funda sepultura
Esta tremenda voz a meus ouvidos
Chega : « Querida irmã , suspende , pára :
A minha a tua cinza espera ; e chama
Por ti a minha campa. Vem depressa :
Aqui mora o descanço que te foge.
Eu tambem , como tu , vivido tenho
De amor forçada victima ; e d'um fogo
Tambem inutil , como tu , ardido.
Mas só no seio de um silencio eterno
Pude dos males meus achar o termo.
Aqui não se ouvem suspirar amantes ;
Aqui o amor acaba os seus gemidos
E as suas queixas : perde aqui de todo
A credula piedade os seus terrores.
Morre ; mas sem temor nem do futuro ,
Nem da morte. Este Deus , que se nos pinta
Prompto a punir-nos , vingadoras chammas
Não accende. Chorando , nossas dôres

Applaca, e compassivo esquece as faltas. »
Se tal é, o' meu Deus! tua bondade,
Do meu socego o bello instante apressa.
O' graça illustradora! o' sapiencia!
Filha do céo, o' inclyta virtude!
Dos bens do mundo o' sacro esquecimento!
Vós que á minha alma prometteis eternos,
Ineffaveis prazeres, para o seio
Dos immortaes chamai a vossa Heloïsa.
Eu morro.... O' Abailard! vem tu cerrar-me
Os olhos moribundos... Quando a vida
Desamparar meu corpo, amor com elle
Então eu deixarei. Vem tu agora
N'este momento extremo, pelo menos,
Meus ultimos suspiros, meus abraços
Colher piedoso e brando. E quando a morte
Murchado houver de todo os teus encantos;
Encantos seductores, triste origem
Do meu pranto: no instante em que teus dias
De todo extinctos forem; nossos corpos
Na muda, fria lousa unidos sejão:
E a nossa historia sobre a dura pedra
Por mão do terno Amor gravada fique.
O vago caminhante lamentando

Nossa memoria, diga: « Com excesso
Elles se amárão; fôrão desgraçados:
Gemâmos sobre a sua sepultura;
E como elles amárão, não amêmos. »

J. da F.

NOTA DE COLARDEAU.

Vivêrão Heloïsa e Abailard no duodecimo seculo. Os dotes do espirito lhes grangeárão então grande celebridade; e seus desditosos amores são inda hoje, e serão sempre deplorados por todas as almas sensiveis. Veio-me á ideia (ao ler a historia d'esses dous amantes na mutua correspondencia, que nos elles deixárão em latim) escrever em verso a dicta historia; mas, a exemplo do sabio Pope, preferi antes adoptar o mesmo plano que elle seguio;

isto é, unir n'uma só epistola os lances principaes que tecem a vida dos referidos amantes. Em lugar de verter á lettra o modelo inglez, imitei-o, e com largo desafogo; pois tenho para mim que toda a translação servil não póde deixar de ser languida e dessaborida. Se as expressões de que usei n'esta minha obra parecerem nimio-apaixonadas a algumas pessoas escrupulosas, saibão as mesmas pessoas, que as sobredictas expressões são menos vivas e ardentes que as das cartas originaes.

NOTA DO TRADUCTOR.

Para intelligencia da precedente epistola é preciso ler a nota seguinte, que é um compendio da historia d'estes dous infelices amantes.

Abailard e Heloïsa vivêrão em o duodecimo seculo. Essas duas pessoas forão as mais distinctas de seu tempo, pelas luzes do seu espiritu, e graças da sua figura; mas nada as fez mais celebres que sua paixão desafortunada. Depois d'uma longa serie de desgraças, reti-

rárão-se cada uma a seu convento, onde consagrárão o resto de seus dias em exercicios religiosos.

Foi algum tempo depois de sua separação que uma carta d'Abailard, dirigida a um de seus amigos, e que continha a historia dos seus infortunios, veio a caïr por casualidade em as mãos d'Heloïsa. Esta narração despertou toda sua ternura, e deo motivo a essas famosas cartas, que pintão com tanta efficacia os combates da natureza e da graça: esta, pois, é vertida livremente da epistola em versos francezes, composta por Colardeau.

EPISTOLA

D'ABAILARD A HELOISA,

De severa moral estoicos mestres
Longe, longe de mim, sagrados livros,
Altos mysterios, que entender não
[posso.

Os bens', que m'offertais o mêdo azéda;
Quereis ver-me feliz? Dai-me, Heloïsa,
Esta carta, penhor de seu affecto,
Onde seu peito pelo meu anhela,
Mil vezes a lerei, mil vezes quero
Nutrir um erro, que me apraz, m'encanta,
E nas chammas arder, em que ella arde.
Que has feito Abailard? Como rasgaste
O terno peito da fiel amante?
Qual não foi tua dôr, cara Heloïsa,
Quando os olhos gentis a furto pondo
No papel de meu pranto rociado,
Onde, trémula a mão, tracei o triste
Tragico fim de nosso doce enlace
Do infeliz Abailard a lettra viste?
Por ventura nasci com a triste sina
De ser dos dias teus cruel verdugo?
Que tudo percas, e por minha mão o percas
Até a doce paz de que gozavas?...
Não te queixes de mim, mas sim do fado
Que a fio com desgraças mil me avexa,
E pois elle assim quiz, soffre que verta
No peito teu o mal, que me assoberba;
Que me engolfe em amor; qu'amor só encha

D'esta alma amante os sequiosos seios.
Envolto em mil pezares desde o dia
Em que votado a sempiterno pranto
Perdendo-te, perdi toda a esperança,
Para delir do peito a tua imagem
Que não hei feito? Que não hei tentado
Para vencer esta paixão funesta?
Prometti votos; disse adeus ao mundo;
A' voz da sã razão prestei ouvidos;
Dei-me ao estudo; da divina graça
Implorei o efficaz auxilio;
Mas ah! que contra amor nada aproveita
Estudo, solidão, razão, e graça.
E tu, cara Heloïsa, que resolves?
Predomina em teu peito o amor, ou a graça?
Roubou-te o meu affecto um Deus cioso?
De remorsos crueis atormentada
Deterraste de todo amor do peito?
De remorsos! Que digo? tu não podes,
Não deves conhecêl-os, s'em tua alma,
Como d'antes, ainda impera amor.
Ah! não consintas que do rosto as rosas
Se te murchem com o sôpro dos pezares.
Amar é lei geral da humanidade,

E seria um tyranno o author d'ella
Se da obediencia nos fizesse um crime.
Como queres se offenda d'um desejo
Que, mal por nós! não póde ser cumprido,
Se é obra sua, se no l'o poz no peito?
Vem de Deus o prazer, querida amante.
Esse sublime, deleitoso extasi.
Que experimenta o amado ao pé da amada,
Quando enlaçados um nos braços d'outro
Parecem um sô corpo, uma só alma.
É um tributo tacito, e jocundo
Que rende ao creador a creatura;
Desterra pois do peito esses receios,
Sê toda minha, como eu sou teu.
Sim, metade fiel d'esta alma amante,
A despeito dos Céos, a meu despeito,
Lavra-me sempre n'alma occulto incendio:
Gêlo por fóra, abraza-me por dentro,
E caso estranho! em mim mesmo encerro
O frio, e o calor, a vida, e a morte.
A morte!... Digo bem, pois já não posso
Dar-te provas do quanto te idolatro.
Que aproveita que o céo compadecido
Me deixasse uma sombra d'existencia,

Se ao mesmo tempo cruel riscou meu nome
Da pauta dos viventes? Se existo
Para saber sómente que sou morto?
Deo uma volta ao torcedor a morte,
E parou-se; deixando-me de vida
Quanto era mister, que conservasse
Para ludibrio ser do genero humano.
Bem sei que não devêra magoar-te
Com tão sentidas queixas, cara amiga.
Ah! perdoa a um esposo, que te adora
Sem esperanças de tornar a ver-te.
Sim, que a ti renunciei p'ra que podesses
Entregar-te de todo ao amor de Deus.
Ama-o Heloïsa, que só elle
Encher-te póde de doçura a alma.
Põe em olvido de Abailard o nome,
D'esse vil seductor, cujos sofismas
Do entendimento os olhos te vendárão.
Deslembra-te de mim, faze o que eu faço.
Deus te dará a mão: elle te chama,
E a seu santo templo te convida.
Mas, ai de mim! Quão longe estou, Heloïsa,
D'esta calma apparente, que simúlo!
Anda-me sem cessar no peito anciado

Em ondas pressuroso o coração,
E porque m'o denega a natureza,
Por isso tanto mais me abrazo, e ardo.
A navalha fatal, que só de homem
Este triste vestigio me deixou,
Apazigou o ardor de meus sentidos,
Sem dar de todo morte á natureza.
De ti, de teus encantos penhorado
Ante as aras te vejo, e te contemplo.
Em vão teu Deus, o meu, cuja grandeza
A mente humana conceber não póde,
Docil á voz d'um servo dos altares
Desce dos céos á terra obediente,
A ti unicamente se encaminhão
Meus mais férvidos rogos, e suspiros.
Nos santos livros que ameúde abro,
Se os olhos ponho, só Heloïsa vejo.
Vós não podeis do céo verdades puras
Dos sentidos calmar o atroz tumulto.
Oh! quanta força tem a natureza!
Em fallando, o mesmo Deus é mudo:
De meu destino soberano arbitrio,
Soffre, sem te offender, estes queixumes,
Que com a violencia da dôr aos ares solto.

Se só dos vivos homenagens pedes,
Porque a exiges de mim, que já sou morto!
Morto!... Sim, digo bem, pois que dúvida!
Os unicos vestigios, que me restão
São a desesperação, o nojo, e o pejo.
De continuo a luctar com infindos males
Para mim o universo é fumo, é nada.
Vinga-te, com o Deus, d'um mortal, que ousa
Roubar-te o coração de tua esposa;
Dá-me outra vez a vida, a liberdade
E a teus pés me verás então prostrado.
Que é o que digo? Antes d'amor nas azas
Irei, cara Heloïsa, aos teus lançar-me;
A morte para sempre me consuma,
Se para reviver, deixar-te devo.
Assim victima triste d'esta triste lucta,
Vejo passar-sè um dia, e outro dia.
N'este sombrio asilo estranho aos homens,
Meu nojo, e pranto dentro em mim concentro;
Qual fogoso volcão, que a terra opprime,
Lá no fundo do abismo muge, e trôa
Até que emfim em chammas se consume,
E em vapores subtís se esvae, se exhala.
Tudo o que vejo me importuna, e afflige;

Tudo o que vejo meu destino accusa;
Reinar n'este lugar, fazer as vezes
De crû ministro do rigor dos céos,
Eis todo o meu prazer; pezado jugo
A tenras victimas com rigor imponho.
Dos crimes meus desesperado os puno;
Apraz-me a leis severas submettêl-as,
De seus tormentos rio, alegre vejo
Pallidas faces, macerados olhos,
D'austera penitencia indicios certos.
Cercado de infelices me affiguro
Mais socegado, e menos desditoso.
A que excesso a despeito da vontade
Nos não arrasta um mal sem esperança!
Eu barbaro ser! Quem pensaria?...
Cara Heloïsa, se me fôra dado
Passar comtigo os dias, que me restão,
Ha muito que de ré teria posto
Os juramentos meus, os sacros votos.
Que dever é este tão cruel, tão duro?
A par d'um beijo teu, meu bem, é nada.
Quando de meus dias vi rompido o estame
Disse desenganado adeus ao mundo.
Que mal podia eu fazer? Teus ternos olhos

Em lagrimas banhados, de continuo
Parecião exprobar-me o triste estado
Em que me havião posto meus verdugos:
Forçoso era deixar-te; este retiro
Servio-me pois d'asilo, e não podendo
Ser todo teu, a Deus me entreguei todo.
Mas com que frouxidão! E que vazio
Não deixa do coração no amago
A tua ausencia, e novo theor de vida.
O mundo para mim é um deserto,
De ruïnas um montão, por onde vago
Em tristezas ruins sempre embebido,
E de continuo a braços com a desgraça.
A negra nuvem, que me embrusca a vista,
Tinge da mesma côr quanto ha no orbe.
O sol, que com meus prantos antecipo,
Sô azares crueis me vaticina.
Das fontes o cristal, a fresca sombra
Dos negros arvoredos, a alcatifa
Dos prados de boninas esmaltados,
D'um céo sereno o risonho aspecto
Tudo avulta meu mal, tudo me avexa.
Gósto de entranhar-me nos desertos,
De sepultar-me em horridas cavernas,

Para poder, a meu sabor, fartar-me
De tristezas, de magoas, de pezares.
Lá, voz em grita, por Heloïsa brado,
E o echo compassivo me responde
Heloïsa, Heloïsa... Outras vezes
Ouço de tua voz o doce accento,
Teus ais, teus lugubres lamentos.
Tua imagem fiel nunca me deixa,
De dia em fugitivos pensamentos
De noite em doces mentirosos sonhos,
E quando cuido abraçar teu lindo talhe,
Nada aperto. Inda a noite passada
Sonhei que nos teus braços repousava;
Que em extase d'amor, nadando em gosto
Ao peito te estreitava; que meus labios
Co'os labios teus se união, e n'esse enlace
Nosso ser n'um só ser se convertia.
Doce illusão quão pouco que duraste!
Passou, como um relampago, a dita minha,
Acordei, e achando-me mutilado
E a tão triste estado reduzido,
Tomei-te odio, mal disse teus encantos,
Outr'ora meu prazer, e hoje a causa
Das lagrimas, que afflicto a fio verto.

Que horrivel condição, que triste fado!
De que serve porèm que ancians feridas
Rasgando, te conte o que padeço,
E a novo pranto dê novo motivo?
Antes quero a memoria renovar-te
D'esse dia feliz, em que propicio
Aos votos meus Amor me poz de posse
Do que ha de mais bello no universo.
Já declinava o sol, nas verdes ramas
Das arvores ciciava o brando zephiro,
Quando abrazado em amor a ti me envio,
E com os convulsos braços te uno ao peito.
Succumbiste, apezar dos vãos clamores
Do pejo virginal, infiel guarda
Da pudicicia. Ah! que doces extasis,
Que prazeres, que então experimentámos!
Triumphava Abailard de teus escrupulos;
Em vão com extincta voz lhe exprobavas
O crime, e ousadia; novos crimes
Do primeiro as lembranças apagavão.
Feliz pelo prazer que resentia,
E mais ainda pelo que causava,
Veria a par de mim caïr um raio,
Sem me assustar, sem te soltar dos braços.

Quão ditoso que então me contemplava!
Como a meus olhos toda a natureza
De gala se vestia, e reflectia
No mais pequeno objecto o teu semblante!
Que importava que n'odio seu tenazes
Meus emulos diffamassem meus escriptos
E para mais depressa m'enterrarem,
Em santo zelo a inveja baptizando,
Em honra do Senhor me perseguissem.
Em quanto elles erguião a fogueira,
Que em cinzas devia converter-me
Reclinado em teus braços, de seus feros,
E ameaças vãs escarnecia.
Se por vezes uns longes de tristeza
A meu pezar o rosto me enturvavão;
Com um só sorriso teu tornava a alegria
A desfranzir, a alisar-me a testa.
Causava-me mais dó, do que despeito
Essa turba de estolidos pedantes,
Não menos invejosos, do que barbaros.
Ao pé de ti detodo me esquecia
De seus systemas vãos, e absurdos,
Oppostos entre si, e incoherentes.
E pondo-os de parte, só tratava

De ser fiel christão, fiel amante.
Póde ser, se te visse, cara amiga,
Que as desfalcadas forças recobrasse;
Que em teus olhos bebesse alentos novos,
E desfructasse mais serenos dias;
Póde mais o amor, que a natureza:
Esta obedece, aquelle impéra.
Talvez de meus esforços condoïda,
E d'um fantasma de prazer contente,
Consentisses em pôr em esquecimento
O que fui, e o que sou: pois bem, embora
Contra mim se conjure o céo, e a terra,
Rompo por tudo, calco aos pés os votos,
Para viver comtigo; tu só podes
Abastar, e fartar esta alma ardente.
É puro o meu amor, dêsque o approvas.
Heloïsa quer ver-me, quer ouvir-me,
Quer estreitar-me ainda nos seus braços.....
Venturoso de mim, se n'elles morro!
Cançado estou de supportar o jugo
D'uma religião austera, e triste.
Sigâmos a razão, sejâmos livres:
Qu'onde escolha não ha, não ha virtude;
Nem merito, onde é nulla a liberdade.

Ao céo te anteponho, cara Heloïsa,
E se n'isto o offendo, d'offendêl-o folgo.
Em breve te verei, sombrio claustro,
Que erguer fiz para asilo da innocencia,
Onde a virtude de seu proprio motu
Se dá a pena, que compete ao crime.
Em breve onde reside a penitencia
Assentará seu throno o deus d'amor.
Que fazes, infeliz? e como ousas
Um nome proferir que te renova
A memoria da affronta, que te hão feito?
Que aproveita que queiras, se não podes
Realisar tão donoso projecto?
Quem eu! ir-me expôr á tua vista
No miseravel estado em que me vejo!
Vêr sem cessar teus magicos encantos,
E em inuteis desejos abrazar-me!...
Não, não, antes morrer, este o regresso,
Unico que me resta. Adeus, Heloïsa....
Não penses mais n'um ente, que de homem
Não é mais que um triste simulacro,
Onde o fogo d'amor subsiste ainda,
Quando o gelo da morte já o invade.
Com que direito de teu peito a posse

Semi-defunto conservar pretendo?
Tudo com a morte finda... Adeus que morro...
Põe em teu creador tua esperança,
Observa a sua lei, sê sua esposa,
Consagra-lhe da vida os dias todos....
De ti só quero o ultimo suspiro.

ABAILARD.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.